

UFF – Universidade Federal Fluminense
UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro Oeste
Programa de Pós-graduação em História

Paulo Sergio Syritiuk

Saindo do vermelho: O sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Guarapuava e região na luta por direitos 1980-1990.

GUARAPUAVA – PR

2007

PAULO SERGIO SYRITIUK

Saindo do vermelho: O sindicato dos Empregados em Estabelecimentos bancários de Guarapuava e região na luta por direitos 1980-1990.

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Estadual do centro Oeste (UNICENTRO), como requisito parcial para obtenção de Grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. LUIZ CARLOS SOARES

Guarapuava

2007

Agradecimentos

A Universidade Federal Fluminense,
Ao Professor Doutor Luiz Carlos Soares,
Ao Professor Doutor Edgar Ávila Gandra,
A todos os professores com quem convivi e
tive o privilégio de ser aluno no curso de
mestrado em História.

INDÍCE

RESUMO	05
INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I.....	16
CAPITULO II.....	36
CAPITULO III.....	64
CAPITULO IV.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
FONTES.....	131
ENTREVISTAS E SIGLAS.....	132
BIBLIOGRAFIA.....	133
ANEXOS.....	138

RESUMO:

O presente trabalho procura estudar as inflexões do movimento sindical bancário no Brasil, principalmente no período de reestruturação e redemocratização do país, que ocorreu entre 1980 e 1990, levando em consideração aspectos singulares que influenciaram um grupo de pessoas a se organizarem em defesa de seus direitos e também a influência que estes sofreram em função do momento histórico por eles vivenciado. Abordou-se também os aspectos fundamentais do cotidiano dos bancários, como sua formação educacional, sua inserção sócio-política, suas experiências, o aprendizado e as formas de resistência que estes manifestavam, principalmente se considerado que, à época, a sociedade saía do período ditatorial iniciado em 1964. Analisou-se também questões sobre a atuação do movimento sindical, no que se refere ao então proposto “novo sindicalismo” e sobre o sindicalismo “cutista”, que foram formas de expressão do sindicalismo brasileiro que deram o tom do movimento sindical da década de 1980. A organização administrativa, os aspectos jurídicos e legais, as lutas internas e externas, as estratégias de resistência e de aprendizado, os movimentos grevistas, as lutas por direitos sociais e econômicos e a importância dos bancários no cenário nacional e local também foram abordados no presente trabalho, relatando a importância da categoria. Procurou-se também dentro da perspectiva histórica entender o momento passado vivido e a importância do sindicato na sociedade local como entidade organizada que participou do momento de redemocratização do país. Dentro dos princípios de resistência aprendizado e luta, estudou-se a estruturação, reorganização e perspectivas do Sindicato dos empregados em

Estabelecimentos Bancários de Guarapuava e região, sem contudo fechar questão, uma vez que o sindicato hoje continua ativo e combatente dentro do quadro econômico e social vigente.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa coloca-se entre aqueles que têm por objetivo analisar a reestruturação dos sindicatos brasileiros, considerando aspectos como autonomia, formas de resistência à dominação e engajamento econômico, político e social na década de 1980, quando da edificação do nomeado historicamente *Novo Sindicalismo e do Sindicalismo Cutista*. A intenção é o estudo dessa problemática através da memória de militantes que vivenciaram a trajetória sindical dos trabalhadores bancários, vinculados ao **Sindicato dos Empregados em estabelecimentos Bancários da cidade de Guarapuava e região**, no Paraná. Vale ressaltar, desde o início desta, a importância desta categoria de profissionais, uma vez que a atividade bancária é estratégica e essencial para o fluxo da economia. Tanto em nível local, regional ou nacional, o dinheiro, o crédito, o financiamento e o investimento, na economia capitalista, são elementos impulsionadores dos demais fatores de produção. Portanto, essa característica afeta as formas de negociação engendradas pela categoria na luta pelos seus direitos, bem como amplia a vigilância dos setores

dominantes da sociedade para cercear as ações de resistência e luta dos bancários. Destaca-se, por exemplo, que uma greve no setor em apreço afeta inúmeros atores sociais, estimulando uma rápida resposta dos governos e dos setores administrativos financeiros, como a FEBRABAN (Federação Brasileira de Bancos), levando rapidez para a negociação ou agindo velozmente na repressão violenta dos movimentos.

A hipótese construída nesta exposição é a de que, não obstante os sindicatos

serem o depositário de idéias fundadas no trabalhismo, houve um processo de releitura da aprendizagem/ação¹, que anteriormente foi edificada por parte dos trabalhadores urbanos, tendo em vista o declínio dos horizontes abertos pelo trabalhismo, que reconhecia os trabalhadores sindicalizados sobretudo como participantes no universo político-institucional brasileiro. Sendo assim, estes eram “presentes e atuantes” e, como força política, utilizavam essa atuação para garantir melhores condições de vida e trabalho.

Os bancários em estudo encaram um quadro diferenciado, que emergiu da ditadura militar e da tentativa desta de “negar o sindicato” ou, pelo menos, minimizar sua ação questionando o regime estabelecido. Desta forma, as práticas sindicais adquirem outros contornos e desenvolvem-se em outras condições, porém ainda permeadas por aspectos de luta, clássicos do movimento operário brasileiro. Assim, após anos de interação no contexto trabalhista, os sindicatos e os militantes haviam desenvolvido formas de organização, de ação e de reivindicação significativas, o que lhes possibilitava uma relativa autonomia² frente aos controles implementados pelo Estado,³ e que, com a abertura, tentavam retomar. Esta é a questão que será enfocada nesta narrativa: a questão da retomada ou continuidade das ações sindicais.

Historiando um pouco a temática, destacamos que o processo de organização sindical no Brasil origina-se na Revolução de 1930, avançando de diferentes formas até

¹ Esse conceito, baseado em Thompson, foi utilizado por Edgar Gandra em seu livro “*Cais da Resistência: a trajetória do sindicato dos trabalhadores nos serviços portuários de Rio Grande RS (1959-1969)*”, Cruz Alta: Editora da Unicruz, 1999.

² Relativa pelo fato de que, em significativas ocasiões, o Estado e os patrões conseguiram efetivar seus interesses frente aos trabalhadores.

³ É importante destacar, sobre essa questão, que os militantes em seus organismos de cúpula gozavam de “prestígio” nos governos populistas, sendo que nisso destacamos os governos de Getúlio Vargas (1950-54) e João Goulart (1961-64). Esse prestígio lhes ensinou os caminhos do poder e, com isso, proporcionou uma significativa organização na defesa de seus interesses.

o advento do Golpe Civil-Militar de 1964. O período pós-golpe foi marcado por um processo que, através da coerção, veio reestruturar práticas sociais democráticas da sociedade civil brasileira, principalmente práticas ocorridas nas atividades sindicais e na luta pelos direitos sociais dos trabalhadores sem, contudo, representar um desmonte da atuação ativa destes, como será observado na argumentação feita no decorrer desta dissertação.

O movimento civil militar de 1964 edificou um processo significativo de mudança, sob coação, junto aos trabalhadores bancários e no movimento sindical brasileiro, já que exigiu que essa classe de trabalhadores redimensionasse suas atitudes, não apenas no âmbito político, mas também abrangendo todo o seu modo de luta e reivindicação de seus direitos, sem novamente reafirmamos; extinguir a luta por direitos desses trabalhadores e nem suas formas de organização sindical, mantendo a estrutura cooperativista. Procurar lançar algumas luzes e tentar captar esse processo de retomada da ação mais visível dos bancários, a partir do enfraquecimento do movimento militar golpista de 1964, é extremamente importante para entender essa significativa conjuntura brasileira, que, ainda hoje, dado à proximidade temporal, faz-se viva na lembrança dos atores sociais que viveram a época, bem como analisar as possibilidades de continuidade de ação sindical herdada e continuamente re-significada do trabalhismo.

Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar a relação entre o trabalho e a atuação política no setor bancário, que pode ser exemplificada pela trajetória dos bancários paranaenses, especificamente os guarapuavanos, analisando as práticas que os levaram a agir coletivamente em prol de seus direitos.

Os protagonistas desta história, portanto, são os militantes. Eles têm vários rostos

e diversas histórias. No entanto, quando é focalizada a trajetória de cada um, a noção de classe está presente, pois a classe surge, de acordo com a famosa definição de E. P. Thompson, “a partir de experiências vividas em comum”⁴. Segundo Marcelo Badaró Mattos, o que Thompson chama de experiência diz respeito aos modos de vida e relações sociais, dentro e fora do mundo do trabalho.⁵ Para Emília Viotti da Costa o conceito de experiência inclui uma série de fatores, as relações e condições de trabalho particulares vivenciadas pela força de trabalho, a cultura que os trabalhadores trazem consigo e o rumo específico tomado pela luta ou confrontação no local de trabalho⁶ bem como a prática de submissão.

Nos estudos sobre o movimento operário já é bastante conhecido o alerta de não se confundir o conjunto de trabalhadores com os militantes ou a classe com suas instituições.⁷ Isso não significa dizer que se deve abandonar o estudo sobre os dirigentes, os militantes ou as instituições operárias, pois seria “um novo tipo de reducionismo ao opor de forma dicotômica, indivíduo e classe, não militante e militante”.⁸ Se os militantes têm características específicas que os diferem do restante da classe, não se pode negar que eles também eram trabalhadores. O militante não é um indivíduo abstrato que atua mecanicamente de acordo com a direção partidária.

⁴ THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, v.1, p. 10.

⁵ MATTOS, Marcelo Badaró. *Novos e velhos sindicalismos: Rio de Janeiro (1955-1988)*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998, p. 27-28.

⁶ COSTA, Emília Viotti da. *Experiência versus estruturas: novas tendências na história do trabalho e da classe trabalhadora na América Latina - O que ganhamos? O que perdemos?*; em *História: Unisinos*, São Leopoldo, número especial, 2001, pp. 17-51, p. 29.

⁷ Ver HOBBSAWM, Eric. “História operária e ideologia”. In. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000; e HAUPT, Georges. Por que a história do movimento operário? *Revista Brasileira de História*, v.5, n. 10, março-agosto 1985, p. 208-231.

⁸ BATALHA, Cláudio. “Vida associativa: por uma nova abordagem da história institucional nos estudos do movimento operário”. *Anos 90, Porto Alegre*, v. 8, n. 8, dez. 1997, pp. 91-99, p. 91.

[...] são pessoas concretas, homens e... mulheres, portadores de valores éticos, de convicções políticas, de influências religiosas e refletem, no seu cotidiano, sua formação cultural, seus antecedentes familiares e um conjunto de 'determinações' que incidem na forma pela qual 'aplicarão' a 'linha' do partido na sociedade.⁹

Como foi definido trabalhar com a memória desses militantes, elegendo-os como fontes prioritárias, têm-se presentes os limites a nós impostos por essa escolha. É importante esclarecer que será usada a noção de classe e não a de categoria, pois uma classe historicamente constituída pode abarcar diferentes facções ou categorias. Afinal o fato de serem todos trabalhadores do setor financeiro não é explicativo em si. Considerando as variáveis sócio-econômicas – setores de atividade, níveis de salários, hierarquias patronais – havia uma grande diferença de *status*, renda, exploração e condições de vida entre um bancário e um gerente, ou seja, havia diversas situações de classe dentro de uma mesma categoria. A obra de Weber contribui para a nossa análise, na medida em que aborda a questão da heterogeneidade da categoria, mas, em relação à classe social, Weber prioriza os fatores econômicos. O autor conceitua classe como o grupo de pessoas que estão em uma mesma situação de classe, caracterizada pela “[...] oportunidade de abastecimento de bens, posição de vida, destino pessoal resultado de uma determinada ordem econômica, da extensão e natureza do poder de disposição (ou da falta deste) sobre bens ou qualificação de serviço e da natureza de sua aplicabilidade para obtenção de rendas e outras receitas”.¹⁰ O lugar ocupado pelo indivíduo em relação à produção é o fator mais

⁹ GARCIA, Marco Aurélio. *O gênero da militância: notas sobre as possibilidades de uma outra história da ação política*. Cadernos Pagu, v.8, n.9, 1997, pp.319-342. p. 322.

¹⁰WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 4.ed. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial, 2004, v.1, p. 199.

importante. Não há ênfase na luta de classes para o processo de formação da classe operária. Já E. P. Thompson define a classe como “[...] uma categoria *histórica*, ou seja, deriva de processos sociais através do tempo”.¹¹ É bem conhecida a crítica do autor aos modelos sociológicos que tratam a classe como categoria estática:

[...] as classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, [...] as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de um certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós dos interesses antagônicos, debatem-se em torno desses mesmos nós e, no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesmas como uma classe, vindo, pois, a fazer a descoberta de sua consciência de classe. Classe e consciência são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real.¹²

Corroborando com Thompson, acreditamos que a classe trabalhadora se materializa na ação coletiva, pois ela é constituída por pessoas que só podem fazer as coisas acontecerem coletivamente, isso requer organização, liderança, disciplina e coesão entre seus membros.¹³ Para Hobsbawm, sem uma organização formal é improvável que as ações da classe trabalhadora sejam eficazes, é preciso de alguém capaz de exercer hegemonia (conforme a expressão de Gramsci)¹⁴, ou seja, é necessário que existam os militantes que se constituíram como uma minoria com uma linguagem articulada.

Desta forma, é possível observar a mescla entre os trabalhadores e os militantes políticos na trajetória dos mesmos, evidenciando as experiências de

¹¹ THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Unicamp, 2001. p. 270.

¹² Id. *Ibidem*, p. 274.

¹³ BATALHA, Cláudio. *Op. cit*, p. 122.

¹⁴ HOBBSAWM, Eric. *Op. cit*, p. 45.

resistência, apesar de todo o projeto de controle e disciplinarização, dentro e fora do espaço produtivo. A partir da análise desta trajetória, serão abordadas questões relacionadas ao trabalho, à moradia e à militância em torno do setor bancário no território paranaense e, especificamente, em Guarapuava - Pr.

Em tempos como o nosso, de ceticismo, este trabalho talvez tenha uma motivação nostálgica: objetiva mostrar lutas, feitas não só de idéias racionais, mas principalmente de sonhos e utopias. Este relato é sobre tentativas frustradas e decepções. No entanto, são nos anos da redemocratização que os trabalhadores começam a perceber o quanto é importante a democracia e a utilização dos meios legais para a luta, como a organização de sindicatos e assembleias. No momento de maior repressão vislumbra-se o amadurecimento de uma consciência sobre a importância da ação coletiva organizada.

Também o autor acha necessário expor sua compreensão da estrutura sindical que desde 1931 a estrutura sindical permanece inalterada em sua essência, ainda que inúmeros discursos propusessem modificações, porém sem efetivá-las. A percepção que se tem é de que, ao que parece a estrutura sindical se inseriu de tal forma na sociedade brasileira, estruturando uma “tradição”, que modificada poderia se tornar desagradável para todos os setores, devido aos riscos daí advindos, e talvez o agrupamento que menos tenha interesse em modificações seja o dos sindicalistas, assunto este que será aprofundado no decorrer do trabalho.

Esta dissertação tem como marco geo-espacial o município de Guarapuava, no Paraná, local de atuação dos trabalhadores bancários, objeto da pesquisa e de seu sindicato. Porém, estudará a atuação e influência nas cercanias e suas relações ampliadas com o centro do país, por força de sua integração com a política

desenvolvida no cenário federal. É digno de nota que será desenvolvido um estudo sobre uma região em que a movimentação sindical era incipiente, sem, contudo, deixar de observar a importância de analisar as especificidades do movimento sindical bancário em Guarapuava, já que esta abordagem pode lançar luzes sobre aspectos interessantes, em que macro análises têm dificuldade de captar. Desta forma, a análise do Sindicato dos Bancários de Guarapuava pode contribuir proficuamente para ampliação do conhecimento histórico em questão.

Em se tratando de referenciais cronológicos, a pesquisa centra-se entre as décadas de 1980 e 1990, pois a análise do período citado envolve a então abertura política, o surgimento do nomeado historicamente “*novo sindicalismo*” e a luta pela redemocratização do país, que, de forma acentuada, mudou a vida dos trabalhadores brasileiros e também da sociedade como um todo. Tal marco cronológico possibilita, no período, o estudo da tentativa de reorganização/reestruturação do movimento sindical brasileiro, que havia vivenciado significativos cerceamentos no período pós-64 e estava num momento de reorganização, que, conforme será visto, não abandonou aspectos importantes do modelo trabalhista.

Sendo o momento significativo dessa reorganização o ano de 1981, com a estruturação da Associação de Profissionais Bancários, que se tornaria posteriormente o Sindicato de Empregados em Estabelecimentos Bancários de Guarapuava e região, conforme preconiza a lei, ter recebido a carta de autorização via Ministério do Trabalho para voltar a atuar juridicamente como entidade de classe representante dos bancários. Ainda, nesse período de tempo, veremos como foi a ampliação da atuação política do sindicato de bancários de Guarapuava para a região.

É digno de nota que um ponto importante, que influenciou as relações de

trabalho da categoria de bancários, foi a reforma bancária pós 1964, que ocorreu em função das alterações na base econômica do país, e possibilitou a expansão do setor financeiro, que precisou contratar mão-de-obra qualificada, originária dos setores médios da sociedade, que mais tarde seriam os militantes do movimento sindical bancário.

Outro fator significativo explanado são as formas de luta e resistência que os trabalhadores bancários elaboraram para garantir seus direitos, nas referidas conjunturas históricas, sendo que estas tornam-se assuntos complexos e contraditórios na historiografia, pois não existe consenso sobre a capacidade de autonomia e resistência dos trabalhadores no período referido entre o final do trabalhismo com o início da ditadura militar e início da redemocratização do país. Estas questões serão, dentro de nossas possibilidades, aprofundadas no decorrer da dissertação.

Novamente destaca-se, para justificar esta escolha temática, o fato de que os bancários atuam em um setor da economia considerado estratégico: o setor financeiro, caracterizado pela dinâmica da circulação de moeda, títulos e valores, o que fez com que os bancários atraíssem, sobre si, uma maior vigilância dos setores dominantes e dos órgãos de controle de informações do Estado (CIEX, DOPS, DOI-CODI, etc), por outro lado sua atuação num setor estratégico lhes propiciou um poder de barganha significativo para lutar por seus direitos, em função de que seus quadros tinham grau de instrução e qualificação diferenciada dos demais setores do operariado urbano, tendo em vista as exigências inerentes ao trabalho que desempenhavam cotidianamente. É neste diálogo que se pretende, dentro dos limites possíveis ao pesquisador, analisar os aspectos do “*modus vivendi*” dos trabalhadores bancários de Guarapuava e região, observando derrotas, vitórias e convivências frente ao mundo do trabalho.

CAPITULO I - ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E CONTEXTUAIS

Neste capítulo é apresentada ao leitor a trajetória que o autor seguiu na revisão da literatura e na perspectiva metodológica. Enfim, o estado da arte que o mesmo comungou para elaboração dessa pesquisa. Buscando situar o presente trabalho no contexto da produção historiográfica que, de alguma maneira, discute nosso tema ou temas afins, procurou-se, de maneira breve, porém significativa, proceder a uma revisão bibliográfica que será comentada a seguir.

Num primeiro momento, observa-se que o tema, trabalhadores bancários ou sindicato de bancários no estado do Paraná, é uma temática que ainda é pouco abordado pela historiografia, principalmente quando considerado o período ou recorte temporal pretende-se analisar.

Desta forma, o trabalho em tela apresenta relevância, dado principalmente à importância que os trabalhadores bancários representaram dentro do contexto do movimento sindical brasileiro, paranaense e por que não dizer guarapuavano. No caso específico deste estudo e objeto observa-se que as fontes encontram-se fragmentadas, sendo necessário, em alguns momentos, recorrer a indícios no sentido de encontrar elementos para a reconstituição da trajetória de pesquisa que recortamos, sendo que tais aspectos serão abordados no prosseguimento do trabalho.

Sobre a história dos trabalhadores bancários e suas instituições representativas, percebe-se que a maioria dos trabalhos existentes direciona suas análises para os eixos do Rio de Janeiro e São Paulo, ou seja, a região Sudeste¹⁵, havendo restritos

¹⁵ Sobre essa questão, Silvia Petersen, em seu artigo "*Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira*". anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre : UFRGS, n.3, maio.1995. p.130) relata que existe uma tendência, nos estudos da historiografia sobre o operariado, em transformar os estados do Rio de Janeiro e de

estudos à categoria bancária das demais regiões do país.

Dentre esses, estão as obras que se referem aos bancários de São Paulo, e as sobre os bancários do Rio de Janeiro. Tais trabalhos, indicados resumidamente a seguir, abordam aspectos variados do contexto bancário em diferentes momentos, tendo, contudo, como enfoque central à trajetória de vida e de lutas dos trabalhadores bancários.

Nise Jinkings¹⁶, discute características básicas do trabalho bancário, suas especificidades no contexto de expansão da economia capitalista, bem como as mutações ocorridas neste setor, em decorrência da reforma bancária implementada em 1964, o processo de automação bancária e suas influências sobre o modelo de trabalho exercido. Aborda também os mecanismos de resistência e estratégias de luta dos trabalhadores bancários frente ao quadro de confronto com o capital financeiro em expansão.

É digno de destaque os trabalhos desenvolvidos junto ao programa de sociologia da USP, que se ocupam do tema bancário como é o caso dos citados abaixo: Letícia Bicalho Canêdo destaca a aspiração de ascensão social dos bancários, através da conquista de postos e cargos estratégicos dentro do plano de carreira das diversas instituições e os mecanismos que esses utilizam para tal ascensão, assim como as dificuldades encontradas pelos mesmos em função da rápida automatização e supressão dos postos de trabalho iniciada na segunda metade da década de 1980.

Leila M. da Silva Blass, por seu turno, em sua análise enfatiza a greve dos

São Paulo em "centros definidores de sentido" para a história operária do Brasil. Esta dissertação desloca o eixo geográfico dominante, voltando-se para o sul do Brasil, enfatizando a militância dos trabalhadores bancários da cidade de Guarapuava, no Paraná.

¹⁶JINKINGS Nise. *“O Mister de Fazer Dinheiro: Automatização e Subjetividade no Trabalho Bancário”*. São Paulo: BoiTempo, 1995.

bancários e os processos que a edificam. Seu estudo esta presente na obra¹⁷ *“Estamos em Greve: Imagens, Gestos e Palavras do Movimento dos Bancários”* enfoca os trabalhadores de bancários de São Paulo e suas estratégias grevistas. Isabela Pennella em obra *“Uma jornada de sofrimento no Trabalho Bancário”*¹⁸ aborda o cotidiano de trabalho dos bancários e o sofrimento destes no dia a dia do desempenho de suas funções, bem como as transformações trazidas pela reestruturação produtiva e conseqüente mudança no perfil bancário.

Ângela Maria Carneiro Araújo, Daniela Maria Cartoni e Carolina Raquel D. Mello Justo¹⁹ em seu estudo apresentam uma significativa contribuição no que diz respeito aos impactos da reestruturação produtiva e financeira sobre o poder de barganha de três sindicatos da região de Campinas: dos Químicos, dos Metalúrgicos e dos Bancários, enfocando, numa perspectiva comparativa, principalmente seus processos de negociação coletiva no decorrer da década de 90.

Cabe aqui além das referências bibliográficas acima citadas, o destaque de algumas observações que envolvem questões de ordem temática, teórica ou metodológica, que serão importantes no desenvolvimento da dissertação.

Como o presente trabalho trata de uma tentativa de reconstrução das práticas de resistência e lutas por direitos de um segmento de trabalhadores bancários e que muitas vezes são invisíveis, se observadas apenas pelo prisma institucional, foi tomado

¹⁷ BLASS, Leila M. S. *“Estamos em Greve: Imagens, Gestos e Palavras do Movimento dos Bancários”* 1ª ed. São Paulo Hucitec, 1992.

¹⁸ Dissertação de Mestrado, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH), 2001.

¹⁹ ARAUJO, ÂNGELA MARIA CARNEIRO, CARTONI, DANIELA MARIA E JUSTO, CAROLINA RAQUEL D. MELLO. *“Reestruturação Produtiva e Negociação coletiva: a experiência recente dos sindicatos dos metalúrgicos, dos químicos e dos bancários de campinas”*. Trabalho apresentado no XXIII Encontro Anual da ANPOCS / GT Sindicalismo e Política Caxambu – MG, 1999.

o campo da vida cotidiana como objeto de pesquisa para pautar esta análise. Contudo, se considerada a natureza da documentação, sua estrutura e sua escassez, este importante ângulo de análise é trabalhado de forma parcimoniosa e casual, o que, sem dúvida, apresenta-se como um dos limites desta dissertação.

Assim sendo, um referencial teórico que inspirou este trabalho foi o chamado *paradigma indiciário*²⁰, exposto pelo pesquisador italiano Carlo Ginzburg, que, ao abordar a construção de conhecimento, discute a possibilidade de construí-lo através de pequenos indícios, "*pistas*", por assim dizer para se apropriar de uma nomenclatura detetivesca. Aliás, Ginzburg expressa a crença de que tanto o historiador quanto o detetive podem lançar mão do uso de métodos parecidos ou semelhantes, pois o historiador, ao trabalhar com fontes muitas vezes de testemunhos indiretos, precisa passá-los por filtros dedutivos, que ele mesmo precisa elaborar. Esta concepção é extremamente útil, principalmente, tendo em vista o tipo de fontes disponíveis, como as atas das assembleias dos bancários após 1964, nas quais percebem-se indícios fragmentários e indiretos de realidades mais complexas, só acessíveis através de habilidades dedutivas e contradições da memória reavivada de nossos depoentes. Porém, salienta-se que o método de Ginzburg foi tomado, muito modestamente, apenas como uma inspiração.

Também o conceito de resistência, que é muito usado neste trabalho, merece uma observação. Segundo Marilena Chauí, a “[...] resistência [...] pode ser difusa - na irreverência do humor anônimo que percorre as ruas, muros das cidades - quanto localizada em ações coletivas ou grupais”.²¹ Assim, a resistência assume contornos de

²⁰ GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

²¹ CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 63.

espontaneidade ou pode ainda ser deliberada, postulando, então, tal conceito, uma conotação mais ampla, o que permite que entremos na experiência de vida dos militantes bancários de Guarapuava, compreendendo de maneira clara as formas de resistência que estes desenvolveram diante daquilo que os mesmos então vivenciaram.

Os métodos: A história oral em perspectiva.

Cabe observar também a questão sobre o caráter metodológico e sobre a importância que se deve atribuir para a História Oral, dadas as características da investigação propostas nesta dissertação, já que as fontes escritas não são fartas e a historiografia sobre a temática dos bancários é pouco profícua. Assim sendo, através da história Oral, foram convertidas em fontes, através do processo de análise da memória reavivada, as vozes de alguns trabalhadores bancários de Guarapuava e região. Estas fontes tem seus limites, pois afinal, ao longo do tempo, re-significamos nossas memórias. Assim, este trabalho pode ser enquadrado mais como a criação do sindicato através da memória dos militantes. Este aspecto crê-se, não diminui sua importância historiográfica, tendo em vista o fato da história ser uma área do conhecimento em permanente reconstrução. Este trabalho constitui-se apenas em uma contribuição, não tendo a intenção e objetivo de esgotar as possibilidades da temática.

Desta forma, foi fundamental então recorrer à História Oral, para a dissertação em tela. Trabalhar com depoimentos de militantes bancários foi de extrema importância já que seu valor consiste em “[...] privilegiar a realização de entrevistas com pessoas que participaram de ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo,

como forma de se aproximar do objeto de estudo.”²²

Foi utilizada a entrevista temática de final aberto²³, que se caracteriza pelo direcionamento a um tema específico, onde o entrevistador, ao encaminhar a entrevista, possibilita ao entrevistado uma dinâmica mais espontânea de exposição.

É importante salientar que não se pretende entrar na questão que aborda a discussão de *credibilidade ou não da fonte oral enquanto documentação histórica*, pois, neste sentido, a opção foi a de seguir as afirmações de Aspásia Camargo: “[...] a história oral é legítima como fonte, porque não induz a mais erros do que outras fontes documentais”²⁴, ou seja, o documento oral é portador de subjetividade, tanto quanto o escrito. É neste limite que se dá o trabalho do historiador.

Dar voz àqueles que nunca tiveram vez enquanto sujeitos na história e reconstruir a memória dos esquecidos, é uma nobre preocupação da História Oral que é manifesta no seu procedimento metodológico. Para tanto, utilizando-nos de entrevistas efetuadas com os bancários de Guarapuava, a proposta foi de desencadear um processo de reavivamento da memória dos ativistas/militantes bancários, já que a memória poderá fornecer informações para a compreensão do cotidiano destes, principalmente quanto às manifestações de *resistência* abordadas nesta dissertação.

Em se tratando de distinção entre memória e história, recorreu-se às observações de Antônio Montenegro para a definição de uma linha conceitual, adotada

²²ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990. pp. 01-02.

²³ Para essa discussão foi útil a obra de MEIHY, José Carlos Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

²⁴ CAMARGO, Aspásia. *apud* OLIVEIRA, C. A. de. *Quem é do mar não enjoa: os estivadores de Rio Grande nos anos 60*. Assis, SP, 1995. Projeto de Tese (doutorado), Universidade Estadual de São Paulo/UNESP, 1995. p. 10. . Esse projeto serviu de base para tese intitulada *Quem é do mar não enjoa: memória e experiência de estivadores do Rio Grande/RS*. Defendida em 2000 junto ao Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP.

nesta dissertação:

[...] o vivido que guardamos em nossas lembranças e que circunscreve ou funda o campo da memória se distingue da história. Entretanto, se são distintos, arriscaríamos afirmar também que são inseparáveis. Afinal, compreendemos a história como uma construção que, ao resgatar o passado (campo também da memória), aponta para formas de explicação do presente e projeta o futuro. Este operar, próprio do fazer histórico na sociedade, encontraria em cada indivíduo um processo interior semelhante (passado, presente e futuro) através da memória.²⁵

No método de trabalho utilizado na realização das entrevistas, em um primeiro momento, foi efetuado o levantamento bibliográfico que forneceu o embasamento teórico sobre a elaboração e condução de entrevistas, principalmente no que se refere à escolha do tipo de entrevista, à temática, e à elaboração do formulário de entrevista. Neste sentido, o livro *Usos e Abusos da História Oral* foi significativo para o refinamento do roteiro de entrevista, servindo como “freio” para a subjetividade e possibilitando conhecimento teórico dos limites e das possibilidades de converter em fontes os relatos dos depoentes.

No que se refere ao perfil de entrevistados e escolha destes, foi acessado o no sindicato o livro de afiliados, onde levantou-se então os nomes de possíveis entrevistados, considerando tempo de atuação no movimento, o perfil de luta, a época de filiação e, principalmente, o grau de envolvimento na reestruturação da entidade. Por exemplo, o Sr. Silvano S. Rocha foi escolhido em função de ter sido um dos primeiros organizadores da então Associação de bancários, ter participado de duas diretorias e ter bom relacionamento com a estrutura burocrática estatal. Já o Sr. Alcione Cristiano Macedo foi escolhido em função de ter participado do início do movimento e de ainda

²⁵ MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: cultura revisada*. São Paulo: Contexto, 1992. p. 17.

estar no movimento sindical, sendo o atual presidente do sindicato. Uma vez feita a pré-escolha, foram localizados os entrevistados e foram agendadas conversas prévias, onde foram expostos os objetivos deste trabalho e solicitada a colaboração dos mesmos. Em seguida agendamos entrevistas em locais pré-combinados, para onde nos dirigimos, munidos do roteiro de entrevistas. As entrevistas foram transcritas literalmente, pois a maneira de se expressar do depoente é também objeto de análise.

Apesar da importância deste método para o trabalho, foram realizadas preliminarmente 8 (oito) entrevistas, onde foram colhidos os depoimentos de militantes bancários que ainda se encontram na ativa do movimento sindical. Para este fim, é exposto abaixo o perfil dos indivíduos entrevistados, possibilitando ao leitor, desta forma, conhecer indicativos do papel que estes ocupavam e de como isso pode moldar sua memória. Toda vez ao longo do texto em que forem citados, tem-se presente que suas memórias foram reavivadas, e é com base nesse reavivar de memórias que o pesquisador pode trabalhar.

O entrevistado **Alcione Cristiano Macedo**, 52 anos, nasceu em Guarapuava, de onde sua família é originária. Atualmente encontra-se na ativa, como presidente do sindicato dos bancários de Guarapuava. Estudou em escolas públicas e, à época em que entrou para o movimento sindical, possuía segundo grau, que era o exigido para se atuar no setor financeiro. Mais tarde, graduou-se Bacharel em Administração. Começou no setor financeiro trabalhando no antigo Banco Bamerindus, atual HSBC, onde mantém o vínculo empregatício até hoje no movimento sindical em 1980. No início não fazia parte de nenhum partido político. Na década de 1990, se filiou ao PSB (Partido Socialista Brasileiro), pelo qual foi candidato a vereador em 1996 e 2000. Sua formação de liderança foi forjada nos círculos de liderança da Igreja Católica, onde atua

até hoje. Tem boa capacidade de liderança e articulação. Bom negociador, mantinha relacionamento próximo com lideranças da Federação de Bancários do Paraná, sendo que chegou a fazer parte da diretoria da entidade em 1990. É o homem chave no sindicato, no que se refere a conhecimento dos meandros e da burocracia sindical, pois conhece a legislação sindical de forma eficaz. Juntamente com Silvano e Renoh, estabeleceu as diretrizes de atuação e foi elemento chave na aproximação e vinculação do sindicato junto a CUT na década de 1990. Em 1989 alinhou-se com o diretor Silvano, Sebastião e Renoh no apoio ao candidato à presidência da República Leonel Brizola no primeiro turno da eleição e, no segundo turno, ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva.

Outro entrevistado selecionado foi o Sr. **Carlos Norberto Marcondes** atualmente com 55 anos de idade. É natural de Guarapuava, assim como sua família. Recebeu educação formal e teve uma formação sólida, tanto que se formou Bacharel em Administração de Empresas. Atuou no movimento Estudantil em Guarapuava, chegando a manter contato ativo com a UPES (União Paranaense de Estudantes), um dos motivos que o levou a ser preso pelo regime militar. Em 1971, prestou concurso para o Banco do Brasil S.A., onde trabalhou por quatro 4 anos e pediu dispensa, retornando via concurso novamente em 1981. Ingressou no movimento sindical em um primeiro momento como militante e, devido à sua formação de esquerda, fundou o Partido dos Trabalhadores na cidade de Guarapuava. No movimento sindical, atuou principalmente como articulador de movimentos paredistas (greves) e, seguindo orientações, foi juntamente com Luiz Carlos Valori o “homem da CUT” no sindicato. Foi delegado sindical e, em 1987, concorreu ao cargo de prefeito pelo Partido dos Trabalhadores. Em 1989, quando do pleito para presidência da República procurou

mobilizar a militância para apoio ao candidato Lula. Em 1995 deixou de ser bancário e desligou-se do movimento sindical bancário. Dedicou-se ao ensino superior, dando aulas no curso de Administração, onde também trabalhou como assessor do Reitor da Universidade Estadual do Centro Oeste. Mantém-se atuante politicamente, tendo contato com antigos colegas de partido, como o atual ministro do planejamento Paulo Bernardo e demais lideranças do partido.

Foi colhido o relato de **Luiz Carlos Valori**, natural de Guarapuava, de onde sua família também é originária. No final da década de 1970 residiu em Curitiba, onde tomou contato com as CEBS (Comunidade Eclesiais de Base) da Igreja Católica, onde participou da Pastoral da Juventude e, em Guarapuava, da Pastoral Operária. Trabalhou na CEF – Caixa Econômica Federal, vindo transferido para Guarapuava em 1985, quando ingressou no movimento sindical empunhando a bandeira de lutar pela transformação dos então economiários da Caixa em bancários. Na época tinha segundo grau e atualmente cursa Ciências Econômicas na Universidade Estadual do Centro Oeste. Era considerado militante convicto e ideológico, com visão de que sindicato deveria envolver-se e apoiar outros movimentos sociais, seguindo diretrizes do PT (Partido dos Trabalhadores), ao qual era filiado. Era um dos principais articuladores de movimentos grevistas, juntamente com Carlos Norberto (Carlinhos). À época foi o outro “homem da CUT” no sindicato e fez oposição à segunda diretoria do sindicato. Deixou o movimento no final da década de 1990, quando também se desligou da Caixa Econômica Federal. Mantém relacionamento com grupos políticos ligados ao PT e, na Universidade, atua no Movimento Estudantil. Fez parte da Executiva do Partido dos Trabalhadores em Guarapuava e em Laranjeiras do Sul – PR.

Também foi entrevistado o Sr. **Silvano Simões Rocha**, natural de Guarapuava, de onde sua família também é originária. Teve boa formação educacional e, à época do ingresso no movimento sindical, possuía segundo grau, sendo que mais tarde graduou-se Bacharel em Administração. Trabalhou no Banco Brasileiro de Descontos – Bradesco. Ingressou no movimento sindical em 1980, quando tomou contato com Renoh e Sebastião Aldori e resolveu organizar a Associação de Profissionais Bancários. Não era filiado a partido político, porém simpatizava com bandeiras defendidas pelo PDT (Partido Democrático Trabalhista), tanto que os fundamentos do trabalhismo pautaram suas práticas e seu modo de agir na diretoria do sindicato. Muito bem articulado dentro do movimento sindical, pois mantinha relacionamento próximo com a FEEB (Federação de Bancários do Estado do Paraná). Também era articulado com forças políticas locais e, principalmente, com os representantes do Ministério do Trabalho – Delegacia Regional do Trabalho. Profundo conhecedor da burocracia sindical e hábil negociador, junto com Sebastião e Renoh figurou como um dos artífices estrategistas da reestruturação do sindicato. Junto com o “núcleo do PDT”, mobilizou o sindicato em apoio ao candidato Brizola na eleição de 1989, e posteriormente a Lula. Ocupou a posição de juiz vogal, representando os trabalhadores por dois mandatos. Deixou o movimento sindical em 1990, quando entrou para docência superior na Universidade Estadual do Centro Oeste, onde foi também Pró-Reitor de Administração. Atualmente, além de ministrar aulas na cadeira de recursos humanos, dirige instituição de ensino superior privada e mantém ligações com grupos políticos locais.

Outro depoente, o Sr. **Renato Ribinski**, natural de Guarapuava, entrou no movimento sindical bancário em 1984 e fez parte da primeira diretoria do Sindicato dos Bancários de Guarapuava, quando trabalhava no Banco Brasileiro de Descontos –

Bradesco. Com formação educacional significativa para o período, tanto que à época que ingressou no sindicato, a convite do dirigente Silvano, estava cursando administração. Antes de ser bancário, trabalhou como auxiliar de enfermagem em um hospital da cidade. Não era filiado a partido político, mas declarava simpatia às bandeiras democráticas defendidas pelo então PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro. Articulador nato, segundo os nossos depoentes, com excelente capacidade de liderança e comunicação, era um “homem de ação” no sindicato, tanto que nos movimentos grevistas, sob sua liderança os funcionários do Bradesco paravam, o que era referência para demais bancos, ou seja, “se o Bradesco parar, os outros param”. Assim como Sebastião Aldori, enfrentava situações e “peitava”²⁶ à gerência. Na greve de 1984, foi um dos responsáveis por articular, junto com Silvano e Sebastião, o apoio dos agricultores ao movimento, colocando máquinas agrícolas na porta do banco. Deixou o movimento sindical em 1985 e, atualmente, é empresário da área de Recrutamento de Recursos Humanos e professor de Ensino Superior.

Destaca-se ainda, **Carlos Alberto Nascimento**, 43 anos, natural de Guarapuava, de onde sua família também é originária. Tem boa formação educacional e forte formação religiosa, uma vez que participou e participa dos círculos de liderança da Igreja Católica Romana; como a Pastoral da Criança, a Pastoral da Juventude e a Pastoral Operária. Trabalhou no Banco Bamerindus do Brasil – onde ocupou o cargo de Chefe do CPD (Centro de Processamento de Dados). Esse posto era chave na estrutura do banco, pois o CPD processava o movimento diário da agência e uma paralisação nesse setor, conseqüentemente, parava o banco. Juntamente com Alcione, que trabalhava na expedição e transporte da agência articulavam os movimentos

²⁶ Expressão idiomática local que tem significado de confronto, contraponto, oposição, luta.

grevistas. Filiado ao PT- Partido dos Trabalhadores, era militante ideológico – *era homem do partido no sindicato* que apresentava viés social e ideológico, defendendo que os trabalhadores bancários deveriam apoiar movimentos sociais e de luta política. Conhecia sobre a prática sindical, pois havia aprendido práticas com lideranças do Sindicato dos Eletricitários em Ponta Grossa (PR) e do Sindicato da Madeira, Papel e Papelão em Guarapuava (PR). Com uma vivência militante anterior, possuía capacidade de articulação e liderança, sendo visível também no contato com as fontes. Por sua capacidade de negociação e planejamento, pode ser considerado um estrategista. Junto com Silvano, Renoh e Cristiano e Sebastião, foi o artífice da reorganização do sindicato e da articulação de movimentos grevistas. Mantinha bom contato com a FEEB (Federação de Bancários do Estado do Paraná). Junto com outros militantes, foi um dos principais articuladores da militância bancária no apoio aos candidatos de esquerda na eleição presidencial de 1989. Deixou o movimento sindical no final da década de 1980. Continua atuando junto a círculos de liderança da Igreja Católica e do Partido dos Trabalhadores.

Outro depoente o Sr. **Sebastião Aldori da Silva**, 53 anos, é natural de Chopinzinho (PR), sendo que sua família é originária de Lajes (SC). Com formação educacional adequada, como os demais bancários, visto que na época de ingresso no sistema financeiro e no movimento sindical tinha segundo grau e estava cursando Terceiro Grau no curso de Licenciatura em História, no qual se formou. Trabalhou no Banco Bamerindus do Brasil, atual HSBC. Ingressou no movimento sindical na década de 1980, quando veio transferido de Curitiba para Guarapuava. Em Curitiba teve contato com lideranças do Sindicato de Bancários de Curitiba, de onde advém seu aprendizado de práticas sindicais. Este aprendizado foi extremamente útil quando da

organização político-administrativa do Sindicato dos Bancários de Guarapuava. Muito embora fosse filiado ao PDS (Partido Democrático Social), pelo qual foi candidato a vereador em 1982, era simpatizante e alinhado ideologicamente ao PDT – Partido Democrático Trabalhista, ou seja, fazia parte daquilo que era denominado de “núcleo do PDT no sindicato” (Silvano, Renoh, Sebastião). Tinha capacidade de articulação e liderança, sendo eficaz como comunicador. Era homem de ação, prático na organização do sindicato e dos movimentos grevistas, tanto que, junto com Renato Ribinski e Carlos Nascimento, era quem “peitava” os gerentes de bancos. Juntamente com lideranças como Silvano Rocha, Renoh Schier e Cristiano Macedo, foi o artífice da reorganização do Sindicato, sendo considerado o homem da ação. Era ligado à FEEB (Federação de Bancários do Estado do Paraná), onde fez parte da Diretoria da Entidade. Junto com o *núcleo PDT* mobilizou a militância no apoio aos candidatos de esquerda na eleição presidencial de 1989. Deixou o movimento no final da década de 1990. Atualmente é empresário do setor de autopeças e agropecuarista no município de Turvo – PR.

Por fim, destaca-se o depoente **Renoh Pereira Schier**, nascido em São Mateus do Sul – PR. Mudou para Guarapuava ainda criança, teve sólida formação educacional e, à época de ingresso no sistema financeiro, tinha segundo grau. Ingressou no movimento sindical no final da década de 1970. Não era filiado a partido político, pois se dizia apolítico, muito embora fizesse parte do núcleo PDT. Apresenta um forte sentido de grupo e luta contra a exploração. Sua formação como liderança é basicamente no movimento sindical. Tinha boa capacidade de articulação, pois se relacionava muito bem com a Federação de Bancários do Estado do Paraná (FEEB) e é tido como homem da FEEB no sindicato. Foi o contatado pela FEEB para iniciar a

Associação de profissionais bancários de Guarapuava. Também ocupou cargos na diretoria da FEEB. Junto com Silvano e Sebastião pode ser considerado o estrategista do sindicato. Era o homem do planejamento. Junto com Sebastião e fundou a entidade dos bancários sendo seu primeiro presidente e também do Sindicato. Deixou movimento em 1988 e tornou-se empresário do setor imobiliário, onde atuou até 2006. Atualmente encontra-se aposentado, residindo no município de Canta Galo (PR).

A título de composição de cosmovisão plural, os entrevistados foram estratificados em dirigentes, sindicalizados militantes e sindicalizados comuns, pois apesar da não participação de muitos bancários no dia a dia da vida associativa, sabe-se que, nos momentos de confronto e de lutas, estes eram chamados a engrossar as fileiras do movimentos sindical bancário.

Ressalta-se que os entrevistados em questão são pessoas que, na época, possuíam um perfil sócio-econômico destacado, pois o grau de instrução requerido para se trabalhar em banco era o Segundo Grau e a origem social predominante era dos setores médios da sociedade. Apesar do *status quo* que representavam esses trabalhadores, quando ingressaram na luta por seus direitos, via militância sindical, passaram a ser observados com reserva pela sociedade local, sendo até estigmatizados como subversivos.

Tais considerações são percebidas nos documentos por eles escritos, como as atas das assembléias adiante trabalhadas²⁷, dentre as quais destacam-se as atas redigidas no período em que o sindicato estava se organizando e em momentos conflituosos no desempenho de sua função na luta por direitos da categoria, como, por

²⁷ A maioria das atas consultadas foi redigida pelos secretários das diretorias do Sindicato. Há falta de algumas atas em função de que, por discordância interna, foram subtraídas dos arquivos do sindicato no período de 1982 a 1988.

exemplo, a liberdade de organização, a questão salarial e as greves. Tais atas demonstram a atuação desses indivíduos, as conquistas, as derrotas, as apreensões e as táticas de negociação, visto que muitas vezes negociavam diretamente com líderes políticos, empresários e burocratas das mais significativas instâncias, reproduzindo uma forma de negociação herdada do trabalhismo.

Na realização das entrevistas, percebeu-se a necessidade de se superar, além do nosso, também o receio dos depoentes em abordar determinados assuntos, visto que suas lembranças sobre as lutas e as dificuldades enfrentadas nos anos de 1980 permanecem vivas, bem como alguns companheiros sindicalistas ainda residem e desempenham suas atividades no município e região.

O conteúdo desta dissertação insere-se também naquilo que os historiadores vêm chamando de História Imediata ou História do Tempo Presente, uma vez que foi utilizado o depoimento e a memória dos homens que viveram suas experiências num tempo ainda vivido em suas memórias. Para tal, recorreu-se ao que Jean Lacouture escreve sobre história do tempo presente. Esta corrente “[...] não se limita a querer atuar com rapidez de reflexos; quer construir-se a partir de arquivos vivos que são os homens.”²⁸ Através dos depoimentos desses "arquivos vivos" localizados no contemporâneo do processo histórico, houve reconstrução, em parte, de suas vidas diárias. Os depoimentos foram transcritos com a maior fidelidade possível. Além do respeito aos entrevistados, tal como observa Verena Alberti “[...] a manutenção do discurso tal qual proferido é mais um dado para apreender o clima da entrevista e aos

²⁸ LACOUTURE, Jean. *A História imediata*. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. (dir.) *A Nova História*. Coimbra: Livraria Almedina, 1978. p. 316.

específicos dos estilos de cada entrevistado”.²⁹

Nesta pesquisa houve a preocupação de se efetuar o cruzamento de informações contidas nas entrevistas com as fontes documentais escritas, especialmente atas de reuniões da diretoria do Sindicato, jornais informativos internos e jornais de circulação locais e, principalmente, atas de assembleias gerais dos trabalhadores bancários de Guarapuava e região, bem como fichas de identificação dos trabalhadores bancários e documentos da Federação dos Bancários do Paraná (FEEB-PR). Porém, as fontes mais utilizadas consistem, conforme salienta-se, nas entrevistas, sendo que as escritas servem de apoio a esse trabalho com a memória dos depoentes.

Ainda com referência às fontes escritas, foram pesquisados os seguintes arquivos: Arquivo Histórico da Universidade Estadual do Centro Oeste -UNICENTRO, Biblioteca Pública de Guarapuava, arquivo da Câmara Legislativa Municipal de Guarapuava, arquivo da Delegacia Regional do Trabalho (DRT), arquivos do DOPS/PR, arquivo do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Guarapuava e região, arquivos pessoais dos Srs. Silvano Simões Rocha, Alcione Cristiano Macedo, Carlos Alberto Nascimento, Carlos Norberto Marcondes, Renato Ribinski, Sebastião Aldori da Silva, Luiz Carlos Valori e Renoh Pereira Schier.

Embora acessados os arquivos acima citados, o êxito efetivo foi obtido dos arquivos do sindicato, nos arquivos pessoais e nos arquivos da Federação dos Bancários em Curitiba-PR. Os demais não apresentam uma sistematização que permitisse um trabalho mais aprofundado ou não continham informações relevantes

²⁹ ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990. p. 127.

para esta temática. É importante deixar registrado este fato, porque ele dá limites concretos ao que foi possível produzir como conhecimento neste trabalho, pois a análise foi construída basicamente a partir das informações registradas nas atas do sindicato e entrevistas.

Sobre a escolha das atas dos bancários como material de análise, deve-se ao fato que estas trazem um conjunto de informações importantes, principalmente em se tratando de questões de ordem jurídico legal e questões organizacionais, uma vez que o sindicato era cobrado pelos órgãos competentes, quanto ao estrito cumprimento da legislação vigente, como exemplificado na ata lavrada quando da posse da primeira diretoria do Sindicato datada de 08/06/1984.

[...] foram abertos os trabalhos pelo Sr. Gladir Antonio Basso, presidente do sindicato dos empregados em estabelecimentos bancários de Cascavel – Pr, o qual convidou para presidir os trabalhos o Sr. *Benedito Pereira de Souza*, chefe da delegacia do Ministério do Trabalho de Guarapuava – PR.³⁰

Há de se considerar que os registros ali encontrados trazem experiências e revelam, mesmo que subliminarmente, as lutas internas ocorridas entre integrantes de diretorias e militantes e também dos representantes oficiais do Estado.

É possível captar logo na primeira ata redigida pelos bancários a cosmovisão daqueles que assumiram a diretoria do sindicato. Um dos aspectos destacados pelos militantes para dar visibilidade e comprovar sua honestidade e probidade foi o registro da declaração de seus bens patrimoniais, aspecto que acreditamos servia simbolicamente de representação de seu engajamento desprendido em prol da

³⁰ Fragmento da ata de posse da diretoria do sindicato de Bancários de Guarapuava e região em 08.06.1984. p.1.

categoria. Foram reveladas, através das palavras registradas do então presidente empossado, as dificuldades encontradas na reestruturação do sindicato, no que se referia a falta de apoio dos órgãos defensores classe trabalhadora³¹, aí incluso o Ministério do Trabalho presente na posse, através da figura do Sr. Benedito Pereira de Souza, Delegado do Trabalho em Guarapuava, bem como a percepção do momento político e econômico que vivia o país.

No conjunto de fontes produzidas pelos bancários é que se encontra o relato de suas posições frente aos aspectos do seu trabalho, suas vidas e suas lutas, mesmo que internas, revelando-se o caráter e a importância das mesmas para a reconstrução, mesmo que parcial, de seus anseios e objetivos.

A análise sobre as atas produzidas por esses trabalhadores leva em consideração que tais documentos trazem, no seu texto, as características indeléveis de um grupo específico, que apresenta um discurso próprio procurando compreender tanto a visão de mundo que estes possuíam, quanto os aspectos de subjetivações daqueles que escrevem e também daqueles que lêem.

Além disso, um documento não pode ser tomado de forma descontextualizada, ou seja, necessita estar inserido no contexto da produção e da função geradora, sob pena de perder seu significado. Daí, então, a preocupação com o estabelecimento de uma metodologia de estudo do material das atas elaboradas pelos bancários, que, conforme Lopez, citado a seguir, nos trazem informações importantes sobre a sua entidade:

“[...] os critérios que norteiam a seleção documental são definidos historicamente. Constituem-se de elementos qualificadores da cultura

³¹ Ata de posse da diretoria do sindicato de Bancários de Guarapuava e região em 08.06.1984. p. 1-b.

política; informam sobre a entidade, a época na qual está inserida e a necessidade de legar testemunhos vitais. Os documentos não eliminados são aqueles que se configuram como essências para a compreensão da própria sociedade”.³²

Digno de nota é o fato de que os bancários, quer por exigência legal, quer por questões de organização, mantinham atas de suas reuniões para comprovar suas ações e atitudes, pois aspectos importantes do sindicato deveriam ser descritos nelas, sendo que, quando questionados em suas atitudes, tais documentos iriam legalmente justificar suas ações e atos da diretoria do sindicato, que só eram válidos quando devidamente registrados em atas. Porém, ao analisar as atas do sindicato, estabeleceu-se certos limites para o desenvolvimento desta dissertação, pois, além de reduzir o universo da pesquisa, em se tratando de trabalhadores bancários, percebeu-se que há “filtros” quanto a questões e textos que devem constar nessas atas. Aliás, este é um dos temas desafiantes para o ofício de historiador, pois nem todo o acontecimento deixa as marcas de sua existência de forma clara e concisa, que permitem transformá-lo em conhecimento e apropriação historiográfica.

É necessário, neste caso, proceder com cuidado para não fazer generalizações que não apresentem base sólida e nem tomar como fatos o que são apenas indícios, tendências ou possibilidades, pois, se assim for feito, corre-se o risco de comprometer o trabalho. Não obstante essas observações, percebe-se a importância ímpar do tema historiográfico proposto, pois aborda as práticas de resistência e luta por direitos desenvolvidas pelos bancários de Guarapuava e da região, no período proposto, sendo merecedor do esforço dispensado para desenvolvê-lo, apesar das limitações que são perceptíveis ao longo do texto.

³² LOPEZ, André Porto Ancona. *Documento e história*, IN: MALERBA, Jurandir(org) *A velha história: teoria, método e historiografia*. Campinas, SP: Papyrus, 1996. p.24.

Capítulo II: O contexto histórico e as perspectivas conceituais.

Considerando que o sindicato em estudo teve sua reestruturação no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, faz-se necessária à exposição, ainda que em linhas gerais, dos principais aspectos constitutivos e de interpretações em voga sobre esse período e o sindicalismo brasileiro, pois estes certamente nos ajudarão na compreensão das práticas desenvolvidas pelos bancários guarapuavanos.

A seguir são apresentadas, mesmo que resumidamente, as posições de pesquisadores que tratam do sindicalismo pré e pós-1964, assim como é enfatizado a continuidade com o período onde ocorreria, segundo parcela da historiografia “o renascimento do movimento sindical”, nos finais da década de 1970, com o surgimento de um “novo sindicalismo”, e a formação e reestruturação das centrais sindicais na década de 1980. Ao que parece a estrutura sindical e a atuação dos sindicalistas, entre a década de 1930 e 1980, pouco se alterou para que se caracterizasse como algo “novo” no movimento operário brasileiro organizado. Desta forma, guardadas as transformações evidentes do devir histórico, observa-se mais um *continuum* do que rupturas e que o modelo trabalhista de atuação sindical, herança dos “anos Vargas”, foi hegemônico até pelo menos os anos 1980 e talvez continue até hoje.

Com referência à década de 1980, vale lembrar que as análises sobre a classe trabalhadora no Brasil apresentaram uma significativa emergência de novas perspectivas analíticas e temáticas que reorientam os enfoques sobre o operariado, transformando um padrão de pesquisas orientadas outrora por modelos explicativos que supervalorizavam as determinações estruturais econômicas e/ou políticas para trabalhos preocupados na recuperação das múltiplas expressões históricas da classe

operária, aproximando as ações e experiências dos sujeitos.

Assim sendo, a nova produção historiográfica sobre o operariado recebeu grande influência dos trabalhos dos historiadores marxistas ingleses, em especial de Eric Hobsbawm e Edward P. Thompson. Isso caracterizou um forte estímulo para que historiadores pesquisadores procedessem a uma releitura do papel desempenhado pela classe operária, no período nomeado de trabalhista e suas confluências sobre a organização sindical até a década de 1980, perpassando o dito “novo sindicalismo”.

Para tanto, faz-se mister abordar o tema do trabalhismo, mesmo que de forma breve: tanto a perspectiva historiográfica já amplamente criticada que nomeia esse período de “populismo”, discordando mesmo da capacidade de ação autônoma dos trabalhadores, colocando-os sob o estigma do “peleguismo” ou “reboquismo” de outros setores sociais; como a posição de autores que, ao contrário, enfatizam que os operários brasileiros escolhiam conscientemente suas maneiras de atuação, diante de um leque de opções socialmente postas. Afinal como entendemos o período recortado para análise (década de 1980) como uma continuidade dessas práticas trabalhistas, é importante contextualizar e discutir conceitualmente as mesmas, pois darão suporte para explanações acerca da emergência do Sindicato dos Trabalhadores Bancários de Guarapuava e Região (no capítulo IV).

Desta forma, constata-se que o conceito de populismo continua motivando significativos debates até os dias atuais. Pela sua fragilidade conceitual, adotou-se nesta dissertação a nomenclatura trabalhismo. Ferreira tece comentários, falando dos desafios sobre escrever a história dos trabalhadores sem cair nas armadilhas de conceitos já pré-estabelecidos, dos paradigmas generalistas e da pulverização do processo histórico:

“Os estudos recentes sobre a história dos trabalhadores no Brasil entre as décadas de 30 e 60 têm se deparado com desafios de três ordens: epistemológica, metodológica e política. No terreno conceitual, o termo ‘populismo’ tem passado por um crescente questionamento sobre sua validade como fenômeno histórico e/ou categoria analítica. O problema metodológico está, por um lado, na construção de generalizações com efeitos paradigmáticos que não simplifiquem a complexidade histórica, subordinando-a a modelos teóricos prefixados. Por outro, reside na reconstituição empiricamente densa de realidades específicas que não pulverizem o processo histórico em um mosaico de fragmentos. Quanto ao terceiro desafio, trata-se de repensar a participação política dos trabalhadores à margem das tradicionais noções normativas de autonomia e heteronomia de classe, o que remete aos modelos construídos para compreendê-lo.³³”

Ao qual enquadrámos o conceito de populismo que devido a sua amplitude, não consegue delimitar teoricamente o mosaico social que envolveu o período em apreço. Já o trabalhismo, conceitualmente, abarca melhor o período, tendo em vista que evidencia as conquistas trabalhistas e as relações daí advindas entre trabalhadores urbanos, industriais e os governos instituídos.

Nesta mesma linha citam-se, os autores Fernando Teixeira da Silva e Hélio da Costa que, através de suas observações, enfatizam a capacidade de ação e escolha dos indivíduos, frente ao poder constituído:

[...] parte da história social do trabalho tem procurado, portanto, relacionar dialeticamente estrutura e ação. Trata-se de sublinhar as discrepâncias entre as restrições dos sistemas normativos, ressaltando que os indivíduos têm um conjunto diferente de relacionamentos que determina suas reações à estrutura normativa e suas escolhas com respeito a ela. A ação social resulta de freqüentes escolhas, decisões e negociações dos indivíduos frente ao poder constituído, pleno de contradições e porosidades. Cabe ao historiador ‘definir as

³³ FERREIRA, Jorge (org). O populismo e sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.207.

ambigüidades do mundo simbólico, a pluralidade das possíveis interpretações desse mundo e a luta que ocorre em torno dos recursos simbólicos e também dos recursos materiais. A reconstituição minuciosa dessa luta não implica a contemplação isolada do fragmento, pois deve ser capaz de fazer as conexões entre os significados sócio-culturais e o contexto histórico mais amplo, a lógica da mudança e as relações de poder. No que se refere ao populismo, o desafio está em se pensar a ambigüidade histórica que lhe é inerente, o que foi expresso por Daniel James ao se referir ao 'paradoxo da consciência de classe': a lealdade a um movimento cuja ideologia pregava a virtude da harmonia de classes, a necessidade de subordinar interesses dos trabalhadores aos da nação e a importância de obedecer com disciplina ao Estado paternalista, não eliminaram a possibilidade de resistência da classe operária nem do surgimento de uma forte cultura de oposição entre os trabalhadores.³⁴

Digno de nota é, também, a percepção dos intelectuais do chamado "Grupo de Itatiaia"³⁵ (precursor do Instituto Superior de Estudos Brasileiros ISEB) sobre o conceito que esses denominavam de populismo. Para estes, o populismo era caracterizado como um momento de transição entre um modelo de relações sociais, agrário atrasado, para um modelo de uma moderna sociedade industrial.

Porém, referências mais importantes sobre o tema, foram as obras de Francisco Weffort e Octavio Ianni que se tornaram, em função de sua divulgação e repercussão, os "clássicos" sobre o populismo. Estes se constituem até nossos dias, junto com outros autores, apresentados adiante, referência para os estudiosos interessados nessa temática, bem como baluarte de crítica dos autores que questionam o conceito de populismo, aos quais nos alinhamos.

³⁴ SILVA, Fernando Teixeira & COSTA, Hélio da. *Trabalhadores urbanos e populismo: um balanço dos estudos recentes*. In FERREIRA, Jorge (org). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.216-217.

³⁵ Esses intelectuais defendiam políticas de desenvolvimento apresentadas pela Comissão Econômica para América Latina - CEPAL. Citamos entre eles, Alberto Guerreiro Ramos, Cândido Mendes de Almeida, Carlos Luis Andrade, Ewaldo Correia Lima, Hélio Jaguaribe, Hermes Lima e Jorge Aberlardo Ramos.

Weffort e Ianni, apresentam uma perspectiva, cuja principal característica é a construção de uma aliança policlassista – envolvendo governos conduzidos por líderes carismáticos e a massa urbana - sob a égide da classe dominante, constituindo-se então uma tríade de relações entre o Estado, a burguesia nacional e as massas populares.

Weffort, ao abordar o reconhecimento pelas diversas classes sociais da legitimidade da dominação política dos partidos e dos líderes que ele acredita serem simbólicos do populismo, observa que:

[...] aí encontraremos também uma das raízes do autoritarismo típico de todas as formas de relação líder-massa no populismo, seja de caráter carismático ou populista. Do mesmo modo, encontraremos nas circunstâncias em que se formam as classes populares um dos fundamentos da 'falta da auto-representação' e de 'falta de consciência de classe' [...] como também da 'inexperiência política'. Em uma palavra, explica-se deste modo não apenas que as massas populares tenham estado, pelas próprias circunstâncias de sua formação social, em 'situação de disponibilidade para a participação política', mas especificamente para a 'participação sob manipulação populista'.³⁶

Sobre as relações entre o operariado e o regime que ele nomeia populista, do ponto de vista de referência cronológica, Weffort posiciona-se da seguinte maneira:

[...] se a análise histórica do período anterior a 45 explica a ruptura existente no movimento operário e a perda de suas tradições, nem por isso se encontrava predeterminado no pós-guerra o rumo que o movimento operário deveria seguir. São as orientações vigentes em 1945-46, retomadas e afirmadas em 1950/4, que darão ao movimento operário as características que veio a possuir até 1964 como dependente do regime populista brasileiro.³⁷

³⁶ WEFFORT, Francisco. *Populismo na política brasileira*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p.158.

³⁷ WEFFORT, F., *Origens do sindicalismo populista no Brasil (a conjuntura do pós-guerra)*. Estudos CEBRAP (4): 71, 19734. São Paulo.

Weffort irá sedimentar e enfatizar o conceito de “manipulação populista”, onde, as massas populares participam do cenário político nacional de forma subordinada, ou seja, nesse período, tais camadas populares serviriam de suporte ao governo em disputas políticas, e este, por outro lado, atenderia algumas demandas desse segmento via legislação trabalhista. Haveria então, presente nessas relações, uma assimetria entre os principais atores sociais, onde o Estado desempenha o papel ativo e consciente, enquanto os setores populares são descritos geralmente como passivos, manipulados e/ou cooptados, principalmente no que se refere à lideranças sindicais.³⁸ Estes aspectos de submissão não são possíveis nos níveis que essa historiografia apresenta, pois retira dos trabalhadores quase toda a sua autonomia e anula a possibilidade de resistência dos mesmos, questão que não se comprova quando da análise das fontes, pelo menos no caso em estudo.

Nesse sentido, vale assinalar o que se poderia chamar, tendo por base os estudos de Ângela de Castro Gomes, de uma contradição teórica³⁹ na obra de Francisco Weffort, e que merece um espaço nessa discussão; uma vez que, ela se situa justamente na capacidade de “manipulação populista” sobre os setores operários: conforme Weffort, há, nas décadas de 1950 e 1960, por parte dos trabalhadores, um “rompimento dos limites” até então a eles impostos pelos setores dominantes.

“Com efeito, a manipulação das massas entrou em crise, isto é, abriu a

³⁸ Essa posição de Weffort é amplamente difundida na historiografia, sendo acompanhado por autores como Octavio Ianni, Heloisa Martins, Jacob Gorender, entre outros.

³⁹ GOMES, Ângela de Castro. *O populismo e as Ciências Sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito*. Tempo Rio de Janeiro: Editora da UFF, 1996, V.1. nº 2.

porta a uma verdadeira mobilização política popular, exatamente quando a economia urbano-industrial começava a esgotar sua capacidade de absorção de novos migrantes e quando se restringiram as margens de redistributivismo econômico. É nessa fase que a temática das reformas de estrutura começa a fazer-se popular. A noção de manipulação, tanto quanto a de passividade popular, tem que ser relativizada, concretizada historicamente, para que possamos entender a significação real do populismo. A imagem, se não o conceito, mais adequado para entendermos as relações entre as massas urbanas e alguns grupos representados no Estado é a de uma aliança (tácita) entre setores de diferentes classes sociais. Aliança na qual evidentemente a hegemonia se encontra sempre com os interesses vinculados às classes dominantes, mas impossível de realizar-se sem o atendimento de algumas aspirações básicas das classes populares, entre as quais caberia mencionar a reivindicação do emprego, de maiores possibilidades de consumo e de direito de participação nos assuntos do Estado. Aspirações mínimas, por certo, mas decisivas na política de massas num país como o Brasil”.⁴⁰

Tomando para análise esse fragmento da obra de Weffort, entendemos que o autor possivelmente visualizou as práticas de autonomia e resistência dos trabalhadores em defesa dos seus direitos, mas este tema está pouco desenvolvido no seu texto.

Posteriormente, Ângela de Castro Gomes, no mesmo sentido irá observar criticamente, que o pensamento de Weffort sobre as massas, está ligado ao fato de que:

“...O quadro analítico construído aponta para instabilidade política do novo equilíbrio de poder, expressa quer na debilidade das velhas oligarquias rurais, quer na fraqueza das oligarquias alternativas e dos novos segmentos do empresariado urbano. É essa instabilidade que funciona como *start* para uma aproximação com as classes populares, percebidas e temidas pelos grupos dirigentes, mas sem condições organizacionais e ideológicas de pressionar por uma participação mais

⁴⁰ WEFFORT, Francisco. *Democracia e movimento operário: algumas questões para a história do período (1945-1964)*. Revista de Cultura Contemporânea, São Paulo: CEDEC, 1978. n. 2. p. 76.

efetiva e autônoma”.⁴¹

Historiando também sobre a questão do “reboquismo”, o historiador Jacob Gorender, tece o seguinte comentário:

O conceito de populismo não se reduz à demagogia e manipulação, aspectos secundários no contexto. O populismo inaugurado por Getúlio Vargas se definiu pela associação íntima entre trabalhismo e o projeto de industrialização. O trabalhismo como promessa de proteção dos trabalhadores por um Estado paternalista no terreno litigioso entre patrões e empregados. O projeto de industrialização como interesse comum entre burgueses e operários. O populismo foi a forma da hegemonia ideológica por meio da qual burguesia tentou- e obteve um elevado grau- o consenso da classe operária para a construção da nação burguesa. A liderança carismática e sem mediações formalizadas, **adequada à massas de baixo nível de consciência de classe**, constituiu a expressão peculiar do populismo.⁴² [Destaque nosso].

Sobretudo Gorender, assim como Weffort, aborda, o tema sem, todavia, aprofundar as questões da submissão dos trabalhadores aos limites impostos pelo populismo. Dentro desse prisma o autor salienta que:

A classe operária cresceu e **fez aprendizado** das reivindicações econômicas e da luta política. **A consciência de classe de crescentes contingentes de trabalhadores** tornou-se cada vez menos compatível com a expressão populista. Tais contingentes de trabalhadores formularam objetivos incabíveis no leito do populismo e tendentes a transbordar acima das suas fronteiras.⁴³ [Destaque nosso].

Uma vez expostas, de forma resumida, as posições desses autores, torna-se

⁴¹ GOMES, Ângela de Castro. *O populismo e as Ciências Sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito*. Tempo, Rio de Janeiro: Editora da UFF, 1996. V.1. nº 2. p. 42.

⁴² GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987. p.16.

⁴³ Idem, *ibidem*.

importante lembrar que seus trabalhos tornaram-se catalisadores de toda uma historiografia sobre a temática da atuação subalterna e "reboquista" do operariado brasileiro em suas práticas de atuação no populismo e, por que não dizer, após ele, compartilhando a opinião de "desmonte" da atuação desses trabalhadores no pós-1964. Ora, se o pouco espaço de atuação que os trabalhadores tinham foi fechado pelos militares, o que restava aos mesmos senão a resignação e a aceitação aos ditames da ditadura? E como poderiam retomar sua luta em 1978? Buscar respostas plausíveis para essas indagações tornou-se um dos objetivos que esta dissertação, que muito embora esteja ciente de seus limites, procurou produzir ao longo de seus capítulos e onde, ao contrário desses autores, partilha da corrente que considera a participação ativa dos trabalhadores bancários de Guarapuava e região.

Com base no exposto, foi tomada, para delinear a linha de estudo, a interpretação de Fernando Teixeira da Silva e Hélio Costa, que apontam o seguinte:

[...] o populismo não deixou de ser um espaço de lutas políticas e econômicas dos trabalhadores, tornando-se um campo, portanto, mais complexo e dinâmico do que pressupunham as teses que reforçavam a imagem de uma classe operária passiva e manipulada pelo Estado. Os trabalhadores foram capazes de superar, em diferentes momentos, os obstáculos colocados pela legislação sindical e trabalhista –entendida aqui também como um terreno de disputas. Instituíram na prática ainda uma legítima representação de seus interesses, na medida em que o populismo não era tido invariavelmente como um fechado e acabado sistema de dominação, mas como um aberto e indeterminado jogo político que implicava barganhas políticas e evidentes conquistas de direitos.⁴⁴

Ao refletir sobre outras possibilidades de interpretação do fenômeno do

⁴⁴COSTA, Hélio & SILVA, Fernando T. *Trabalhadores Urbanos e o Populismo: um balanço dos estudos recentes* In FERREIRA, J. (org). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 271.

trabalhismo e sua relação com os trabalhadores urbanos brasileiros, percebe-se que é necessário compreender os conceitos de aliança policlassista e manipulação populista, a partir de um prisma flexível e não estático, a fim de que estes sejam incorporados à própria dinâmica do processo político-social, onde ocorrem, não de forma rara, os conflitos.

A partir desta perspectiva, recorreu-se à historiadora Ângela de Castro Gomes que, ao estudar o tema, formulou o conceito de “pacto trabalhista”⁴⁵, por entender que esse último é mais flexível e representa melhor a realidade do que o conceito de “aliança” utilizado pelos autores Ianni, Weffort e Gorender. Segundo Ângela de Castro Gomes cabia:

[...] atribuir aos trabalhadores um papel ativo - vale dizer: uma presença constante na interlocução com o Estado - [...] reconhecer um diálogo entre atores com recursos de poder diferenciados, mas igualmente capazes de se apropriar e reler as propostas político-ideológico um do outro. Tal postura afastava a dicotomia, muito vigente, entre autonomia e heteronomia da classe, como forma de designar e explicar a ausência de lideranças ‘verdadeiras’ e a ‘falta de consciência’ ou a ‘consciência possível’. Esse aspecto era importante porque se vinculava à explicação do sucesso das lideranças populistas, nunca oriundas da classe, e por isso mesmo tendo o poder de colocar sob suspeição aqueles que com elas se relacionavam. No caso, as lideranças sindicais pelegas do regime populista, entre ingênuos e traidores.⁴⁶

O conceito acima, explanado pela autora, é de que a idéia de pacto procurava enfatizar a relação entre atores desiguais, mas onde não há um todo-poderoso Estado, nem uma classe passiva.

Para complementar e reforçar as idéias de Ângela de Castro Gomes sobre o

⁴⁵ GOMES, A. de C. *O populismo e as Ciências Sociais no Brasil*. O Tempo. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 1996.n.2. p. 54.

⁴⁶ Idem. p. 53.

fenômeno trabalhista, é importante falar de enfoques relativos a uma perspectiva de análise cultural do fenômeno, que examinam aspectos pouco abordados pelos autores supracitados, o que vem contribuir para a ampliação dessa discussão.

Para tanto se cita, particularmente, Jorge Ferreira que, em sua análise, não minimiza as práticas de dominação e repressão elaboradas pelos governos trabalhistas.

Este afirma:

[...] é preciso considerar que as ideologias dominantes naqueles anos, por mais dominantes que tenham sido, não poderiam ter eliminado completamente as idéias, crenças, valores e tradições anteriormente presentes na cultura popular. Antes de atribuir ao projeto estatal, nas décadas de 30 e 40, um poder 'total' que ele não alcançou, porque teoricamente tal poder está sendo postulado inalcançável, talvez fosse mais enriquecedor analisar como os trabalhadores e as pessoas comuns o receberam apropriaram-se dele, reagiram e mesmo resistiram a ele.⁴⁷

O autor em questão, quando analisa as décadas de 1940 e 1950, questiona o que ele denomina de “teoria do rebaixamento” defendida pelos demais pesquisadores e autores como Ianni e Weffort, que apresentam as classes populares em um estado de quase submissão.

Corroborando com a mesma tese que Ângela de Castro Gomes, Ferreira destaca que o conceito “pacto” é mais flexível. Isto possibilita ao pesquisador analisar a ação da classe operária, a partir de uma concepção de que esta se apresenta como sujeito no processo histórico, sem olhá-la sob a égide do pré-conceito da submissão. Se *pacto* é, por aceção, um acordo, tal conceito possibilita captar a significativa margem de movimentação e negociação para os participantes de um acordo. Essas considerações, acima citadas, são de extrema importância para o presente estudo, pois a capacidade

⁴⁷ FERREIRA, Jorge. (org). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 16.

de atuação dos trabalhadores, forjada em um aprendizado complexo ao longo do período populista, é a que está na base da construção das formas de atuação e resistência dos bancários de Guarapuava, que é o objeto desta pesquisa.

Sobre outro prisma, ao referir-se ao período final do populismo, a antropóloga Teresa Caldeira observou que:

[...] é necessário considerar que o reconhecimento da dignidade humana não está relacionado ao fato de haver uma relação pessoal. Ao ser dada 'voz ao povo' pelos políticos populistas, de fato reconheceu-se a dignidade de cidadãos que podiam dizer o que sentiam e o que pensavam. Há, em suma, dois aspectos: de um lado a relação pessoal em que exerce o direito; de outro o contexto político em que foi criado o mesmo direito – em ambos a dignidade é reconhecida. Os dois lados convivem, e o fato de haver a relação pessoal não implica anular a dimensão política e coletiva da questão. O reconhecimento do povo como ator político é importante não apenas do ponto de vista dos indivíduos, mas serve como divisor de águas de toda a categoria de trabalhadores.⁴⁸

Ressalta-se, então, que os governos de viés trabalhista, geralmente, em maior ou menor grau, caracterizavam-se pela necessidade da contrapartida, ou seja, do apoio dos trabalhadores aos projetos governamentais⁴⁹, que estes em troca “exigiam” dos mesmos, o cumprimento de suas reivindicações⁵⁰, entrando em conflito quando não eram atendidos, chegando, às vezes, ao questionamento do pacto⁵¹. Essa relação serviu de suporte para as práticas edificadas após 1978, sobretudo nas

⁴⁸ CALDEIRA, Tereza. *A política dos outros*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 237.

⁴⁹ Tais como o movimento historicamente identificado como “O petróleo é nosso”, na década de 50 e o movimento pelo retorno ao presidencialismo na década de 1960.

⁵⁰ Essas reivindicações eram basicamente de condições de trabalho e melhorias salariais.

⁵¹ Como foi o caso da greve por um gabinete nacionalista, durante o governo de João Goulart. Quando este solicitou ao Comando Geral dos Trabalhadores - CGT – e demais entidades de operários a suspensão de uma greve de apoio a um gabinete nacionalista, estes demonstrando autonomia mantiveram o movimento.

tentativas dos trabalhadores de aproximação com o poder público para salvaguardar seus direitos.

Referente ao papel de entidades sindicais, como a dos bancários na sociedade brasileira, pode-se destacar que as mesmas percorreram uma trajetória histórica marcada pela constante inter-relação com o Estado, pactuando ou resistindo, ou às vezes mesclando as duas ações. Essa ingerência estatal, pode-se dizer, tem seu marco na Revolução de 1930, pois os vitoriosos, liderados por Getúlio Vargas, instituíram uma legislação que, ao mesmo tempo em que reconhecia o direito de organização dos trabalhadores, os colocava sob a tutela do Estado, constituindo, desta forma, o denominado modelo de sindicalismo oficial corporativo.⁵²

Sobre isso, Letícia B. Canêdo, ao discutir a legislação trabalhista do período Vargas e sua relação com os sindicatos, apropria-se da expressão “túnica de Djanira”⁵³, utilizada por um sindicalista bancário, em 1932, para expressar o modelo de intervenção estatal no movimento operário:

O veneno existente no primeiro decreto sobre a organização sindical brasileira não chegou a matar, [...], mas imobilizou o sindicalismo brasileiro. Por isso, os estudiosos passaram a designá-lo a mais duas outras leis sindicais que marcaram o processo de intervenção estatal na organização sindical brasileira, como ‘camisa de força’. Sobre o fato de esta túnica, enviada pelo governo de Getúlio Vargas, ter sido vestida descuidadamente pelos trabalhadores brasileiros, existem sérias dúvidas. Todos concordam, entretanto, que o decreto teve como objetivo inequívoco, embora não confessado, desmobilizar as lutas operárias.⁵⁴

⁵² Destacamos que a implantação do “sindicalismo oficial” no Brasil sofreu sérias resistências por parte dos trabalhadores, principalmente dos ideologicamente comprometidos com o anarquismo. No entanto, a capacidade de barganha e a repressão do Estado, dentre outras causas, desarticularam tais movimentos de resistência.

⁵³ CANÊDO, L. B. *A classe operária vai ao sindicato*. São Paulo: Contexto, 1988. p. 46.

⁵⁴ Idem, *ibidem*.

Dúvidas existentes quanto à maneira com que os trabalhadores “vestiram a túnica” remetem a um ponto crucial desta pesquisa, ou seja, à análise da capacidade de movimentação dos operários no sindicalismo oficial. Com base nas considerações dos autores, expostas anteriormente, pode-se afirmar que o Estado tutelava, porém os sindicatos e/ou, melhor expressando, seus militantes, buscavam formas de fazer-lhe frente, resistindo e defendendo seus interesses. Vejamos, por exemplo, a afirmação de Costa sobre a atuação da militância, “[...] a ocupação dos sindicatos pela militância operária não se deu de forma ingênua, como animais que se dirigem ao matadouro sem nada poder fazer para alterar o destino reservado às suas vidas”⁵⁵. Alexandre Fortes, ao analisar o populismo no período em tela, nos diz:

[...] reexaminar esse processo histórico em uma nova perspectiva, com ênfase na relação entre formulação de demandas sociais pelos trabalhadores e seu impacto na definição da prática sindical [...] o último aspecto vincula-se ao desenvolvimento de valores e princípios que articulavam o próprio modo como os trabalhadores se autodefinem enquanto grupo social, em sua relação com o restante da sociedade [...]. Estes diferentes componentes se combinavam de modo dinâmico a partir da constante reelaboração da tradição de lutas operárias, assim como da relação com o empresariado e o estado. O produto dessa combinação era também objeto de disputa entre as correntes políticas atuantes no movimento. Desta interação entre diferentes fatores resultava a construção de um imaginário político sobre o sindicato que, mais do que qualquer determinação estrutural ou normativa, definia concretamente os contornos e o âmbito de atuação dessa instituição.⁵⁶

⁵⁵ COSTA, H., *Em busca da memória: comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra*. São Paulo: Scritta, 1995. p. 7.

⁵⁶ FORTES, A. & Outros. *Na luta por direitos: estudos recentes em História Social do Trabalho*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. p.23.

Uma vez expostas essas considerações sobre o trabalhismo, faz-se necessário o exame da produção historiográfica sobre a ação sindical no período abarcado por essa pesquisa. Sobre esse assunto, observa-se que é possível distinguir também duas correntes, que se interligam ao processo de discussão sobre o trabalhismo acima referido. Uma delas, embora já criticada pela historiografia mais recente, vê os sindicatos em um estado de dependência aos setores dominantes, adotando uma postura que minimiza a participação ativa dos trabalhadores nos acontecimentos da década de 1960 ⁵⁷.

Fazem parte dessa corrente autores como: Jacob Gorender, Moniz Bandeira, Antônio Cattani, Letícia Bicalho Canêdo, Armando Boito Jr., que afirmam, de diferentes maneiras, que os sindicatos, dentro de uma perspectiva de controle estatal, tinham por função precípua desarticular a classe operária, dada a sua ligação corporativa com o Governo, prevista na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) de 1943. A outra corrente trabalha e explora os aspectos de autonomia e/ou resistência, destacando a ativa participação do operariado brasileiro no contexto do final do período populista. Nessa corrente estão inclusos, entre outros, os autores Maria Lúcia C. Gitahy, Fernando Teixeira da Silva, Ingrid Sarti, Jorge Ferreira, Hélio da Costa.

Para historiar sobre as formas de análise do tema, expõe-se resumidamente, as reflexões dos autores que participam da idéia da submissão do operariado brasileiro na década de 1960 e, assim, adotam uma postura identificada como “reducionista”, referente à capacidade de atuação dos trabalhadores. Tais autores estão muito ligados à perspectiva da manipulação populista e da incapacidade operária de assumir seu

⁵⁷ Entre os quais destacamos o Golpe de 1964, o Plebiscito do Presidencialismo, em 1963, o Movimento pela Legalidade, Comício pela Reformas de Base em 1964.

papel histórico discutido anteriormente.

Iniciamos dando destaque à abordagem dispensada pela autora Letícia Bicalho Canêdo, que pode ser apreendida na seguinte citação:

“ [...] Ora, em toda a parte a espinha dorsal do movimento sindical é o operariado industrial, embora alguns setores, não propriamente industriais, tenham tido um papel importante na história sindical, como o dos trabalhadores portuários de capatazia. No Brasil, entretanto, o número de operários industriais por ocasião da implantação do modelo sindical varguista era pequeno, dado o fato de que o peso secundário no conjunto da economia do país era fraco. Assim, uma série de vantagens foram estendidas muito cedo aos operários brasileiros, bem diferente do acontecido nos principais países industrializados, onde os operários tiveram que lutar para a conquista dos mínimos benefícios sociais. Em contrapartida, não foram tutelados pelo Estado. Ao oferecer a estes trabalhadores um conjunto de vantagens (férias, jornada de trabalho de oito horas, etc.) o Estado colocou-os diante da seguinte alternativa: aceitar a estrutura sindical oficial como canal de reivindicação dos benefícios da legislação trabalhista ou enfrentar não apenas o patronato mas o próprio estado. A estrutura oficial foi aceita. Quem dá a mão dá a condição, alguém já disse. Aceitar a estrutura significou a subordinação do sindicato ao Estado que, ao reconhecê-lo e legitimá-lo, ditou-lhe as modalidades de funcionamento e o puniu quando tentou escapar das regras estabelecidas. Nessas condições, o avanço da industrialização e da urbanização na década 50, embora aumentasse a importância dos sindicatos e da classe operária como força política, acabou fortalecendo mais outros grupos e camadas sociais como empresários e a alta burocracia estatal do que os operários. E embora o número de operários das grandes empresas tivesse se ampliado e a composição profissional da classe se transformado, não houve nenhum movimento importante para romper com essa dependência do Estado”.⁵⁸

O longo fragmento, acima exposto, demonstra que a autora é partícipe da idéia da submissão do movimento sindical e de seu atrelamento total ao Estado e da impossibilidade de transformação e/ou resistência dentro do modelo de “sindicalismo populista”.

⁵⁸ CANÊDO, L. B. *A classe operária vai ao sindicato*. São Paulo: Contexto, 1988. p.58.

Antonio Catani apresenta uma posição que comunga com essa perspectiva da submissão:-

A situação brasileira [da década de 1960] origina-se no não-desempenho do papel histórico dos sindicatos, na sua debilidade, na sua incapacidade de obrigar os capitalistas a procederem as transformações que atendam a segmentos mais amplos da população. [...] Resgatar a responsabilidade dos trabalhadores parece-nos condição essencial para entender os desdobramentos concretos do processo de desenvolvimento brasileiro e, sobretudo, para repensar políticas alternativas.⁵⁹

Ao demarcar essa posição, Catani atribui os problemas brasileiros da década de 1960 à apatia dos sindicatos e do operariado, ou seja, joga, sobre “os ombros” destes, uma responsabilidade que, se ponderados aspectos econômicos e sociais de forma macro, certamente fugiam a estes e talvez sua análise tem base na “apatia” atual do movimento sindical.

Tais posições encontram apoio em obras clássicas, como a de Moniz Bandeira sobre o governo de João Goulart, onde o mesmo afirma: “Os trabalhadores, sem um programa reivindicatório e políticas próprias, não se bateram e se deixaram violentar, sem a menor resistência”.⁶⁰

Armando Boito Júnior analisa a organização e estrutura sindical implantada, que a seu ver, ao atrelar o sindicato ao Estado, limita a ação sindical, desorganizando o operariado, “[...] a estrutura do sindicato de Estado fixa limites intransponíveis à prática sindical, e o faz de tal modo que, esse aparelho acaba por desempenhar a função exclusiva e permanente de desorganizar o movimento sindical das classes

⁵⁹ CATANI, A.D. *Sindicalismo : ação - reflexão*. Caxias do Sul : EDUCS, 1990. pp. 102 - 103.

⁶⁰ BANDEIRA, Moniz. *O Governo João Goulart e as lutas sociais no Brasil (1961 a 1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 182.

trabalhadoras”.⁶¹

Resumindo essas tendências, Heloísa H. T. de Souza Martins afirma que:

[...] a estrutura sindical oficial é a própria afirmação de um sindicalismo de cúpula, garantida que está pelo Imposto Sindical. Até mesmo as organizações paralelas, o grande recurso para dinamizar politicamente o sindicalismo, se constituíram em órgãos de cúpula, apesar da palavra de ordem ser no sentido da arregimentação da massa trabalhadora. Tal tendência se acentuou ainda mais após 1964, quando a burocracia sindical foi ampliada e o dirigente sindical mais se distanciou da massa.⁶²

Convém destacar que, em se tratando de estudos da trajetória do operariado no Brasil nos anos do populismo, esta vertente foi “carro chefe” na historiografia, principalmente nas décadas de 1970 e 1980. É possível, que de certa forma, exista alguma relação entre o fato que os trabalhadores não reagiram ao Golpe de 64, conforme expectativa de parcela dos intelectuais e a visão de submissão dos trabalhadores no período em estudo.

Por outro lado, em contrapartida a essas reflexões, a atual tendência historiográfica reconhece os aspectos de autonomia e resistência na ação sindical do período. É neste sentido, por exemplo, que Fernando Teixeira da Silva propõe outras indagações e chega a conclusões diferentes, quando, em seu estudo, analisa a atuação da categoria dos trabalhadores doqueiros de Santos na década de 1960, quando estes sofrem as perseguições impostas pela ditadura militar, enfatizando que não ocorreu o desmonte do movimento operário. Para esse autor, o equívoco dos estudos que enfatizam a submissão operária diz respeito ao fato de que, nesta perspectiva,

⁶¹ BOITO JUNIOR, A. *O sindicalismo de Estado no Brasil: uma análise da estrutura sindical*. Campinas: UNICAMP, 1991. p. 12.

⁶² MARTINS, Heloísa H. T. de S. *O Estado e a burocratização do sindicato no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1979. p.87.

[...] o poder da classe localiza-se em uma meta definida por outros agentes sociais, que o avaliam em termos da conquista de objetivos pré-fixados. A contabilidade dos pontos marcados baseia-se nos triunfos da classe em momentos históricos decisivos. Os pontos obtidos de maneira menos triunfal são, nesta perspectiva pouco relevantes no veredicto que os julga a partir ‘dos deveres da classe’. Assim o período anterior a 1964 tornou-se legível em seu ‘crepúsculo’.⁶³

Ainda Teixeira afirma que “[...] longe de ter sido um fim, as experiências de autonomia de parcelas significativas dos trabalhadores a partir de 1978 não deixaram de ser uma releitura do período 1945-1964 e dos anos posteriores ao Golpe”.

Outro historiador digno de ser citado é Jorge Ferreira que, em sua análise, considera que os trabalhadores não devem ser:

[...] definidos por sua passividade ou incapacidade de refletir sobre sua própria realidade social e sim como personagens que viveram experiências, econômicas e culturais e a partir de um leque de alternativas disponíveis, escolheram suas estratégias, manifestaram atitudes e comportamentos e construíram sua identidade política. Se tais escolhas e estratégias não foram ‘reais’ ou verdadeiras, elas não podem ser subestimadas ou desconsideradas. Até mesmo por que, dizia-nos Marc Bloch, não cabe ao historiador julgar, mas sim, sem perder a capacidade crítica, compreender [...].⁶⁴

Questionando também a corrente reducionista, Hélio Costa, destaca:

[...] quando não se vê uma classe trabalhadora passiva facilmente cooptável pelo Estado aponta-se para os seus equívocos’, seus ‘desvios’ sucessivos que a jogam para longe do seu destino emancipado, consciente e autônomo. Porém, apesar da ênfase dessas afirmações ainda sabemos pouco das atitudes dos trabalhadores, das suas opções

⁶³ SILVA, Fernando Teixeira. *A carga e a culpa: os operários das docas de santos – direitos e cultura de solidariedade 1937/1968*. São Paulo: HUCITEC, 1995. p. 216.

⁶⁴ FERREIRA, J. *Trabalhadores do Brasil: o imaginário popular*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997. pp. 16-17.

políticas, lutas em fábricas e bairros, que pensavam de suas lideranças, dos seus governantes e patrões. A experiência concreta da classe operária ficou subsumida à ideologia formal do populismo ou dos partidos de esquerda mais diretamente ligados a ela.⁶⁵

Explanadas as posições de alguns autores defensores da perspectiva da releitura da atuação operária ao longo desse trabalho, assume-se que os trabalhadores não podem ser definidos por modelos ideais, pelo que deveriam ter feito e não fizeram, quando do golpe de 1964. Julgá-los e condená-los a partir de premissas externas e distantes temporalmente é pretensão, bem como temos que partir dessas relações para entender as práticas sindicais pós 1978.

É significativo, dando continuidade à exposição sobre a trajetória do movimento sindical e suas interpretações, discutir a questão da possibilidade de que, no final da década de 1970 e início dos anos 80, tenha ocorrido uma mudança profunda nas práticas sindicais que justificassem a edificação de uma denominação nova para esse referido movimento, à qual parcela da historiografia nomeou de “novo sindicalismo brasileiro, como observamos abaixo: Para Fernando Costa:...”.

“Contudo, o `novo sindicalismo` trouxe novas questões ao cenário sindical. Dentre as alterações mais destacadas, sobressai a discussão mais intensa sobre a necessidade de se construir um movimento sindical que esteja pronto para o conflito com os patrões. Além disso, buscou fortalecer mecanismos de contribuição dos próprios trabalhadores, levando à frente uma grande campanha de filiação. A tentativa de resolução de conflitos através de negociação direta com os empregadores também se estabelece como uma preocupação não-desprezível, uma vez que as greves passaram a se constituir como eficientes instrumentos de pressão operária”⁶⁶

⁶⁵ COSTA, Helio. *Em busca da memória: comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra*. São Paulo: Página Aberta, 1995.

⁶⁶ COSTA, Fernando. *Centrais Sindicais e sindicatos no Brasil dos anos 90: O caso Niterói*. Niterói: EdUFF, 2002. p.25.

As justificativas dessa parcela para essa nomeação estão ligadas às críticas que os autores faziam das possibilidades de atuação autônoma do sindicalismo no período trabalhista como já exposto. Logicamente que como qualquer outro setor social, o sindicalismo passa em sua dinâmica por transformações, porém contrariando as afirmações acima, o autor não comunga com a questão do “novo”, ou seja, uma prática diferenciada totalmente das anteriores no seio do universo sindical brasileiro. Este aspecto não é observado no diálogo com nossas fontes sobre o sindicalismo bancário guarapuavano. Assim, há de ser acompanhado o autor Marcelo Badaró quando o mesmo afirma aspectos de continuidade na atuação sindical.

“Entre os sindicalistas, a continuidade de alguns procedimentos, mesmo quando os discursos falam em profundas rupturas, pode ser atribuída, entre outros fatores, ao fosso profundo que a ditadura interpôs entre as experiências do pré-64 e do pós-78. Porém, aos acadêmicos, de quem se espera a recomposição da história fragmentada pela repressão, também deve ser cobrada a manutenção deste fosso, já que igualmente menosprezaram as possibilidades de estudos de organizações e ações sindicais tomadas historicamente. A avaliação de ação coletiva de trabalhadores e sindicatos não pode ser feita sob a rigidez esquemática de modelos pré-concebidos. Aqui, é muito mais complexo e contraditório que qualquer padrão idealizado”⁶⁷

Assim, uma das questões que ocupam a historiografia contemporânea seria o modelo sindical brasileiro, as discussões versam sobre a perspectiva das relações entre

⁶⁷ MATTOS, Marcelo Badaró. *Novos e Velhos Sindicalismos no Rio de Janeiro (1955-1988)*. Rio de Janeiro. Vício de Leitura, 1998. p.81.

as atuações “velhas” e “novas” do movimento sindical, fazendo emergir perguntas importantes, como por exemplo, se existe de fato o novo sindicalismo?

A maioria dos autores consultados afirma a característica da manutenção da estrutura sindical. Outros destacam, contudo, o papel da CUT como “novidade” e perspectiva de organização operária, como é o caso de Ricardo Antunes.

“A CUT nasceu, constituindo-se como leito natural das varias correntes, tendências, grupamentos e individualidades que atuavam no universo sindical mais combativo. Aglutinou-se desde o sindicalismo independente, isto é, sem militância política anterior e sem convicção ideológica consolidada, da qual uma vez mais a figura de Lula tipifica, a qual se somaram amplos contingentes da esquerda católica, sob influxo da Teologia da Libertação e da opção preferencial pelos pobres. Aglutinou-se, também, tendências socialistas e comunistas várias, dissidentes da esquerda tradicional ou vinculados às postulações de Leon Trotsky. Era um ideário diverso, multifacetado dentro das esquerdas, mas com um ponto básico convergente: Estruturar uma central sindical de âmbito nacional capaz de constituir-se em um instrumental decisivo para a ação do trabalho em nosso país. Intimamente vinculada ao Partido dos Trabalhadores, contava, entretanto, com militantes de outros partidos, como o PDT, além de significativo contingente de militantes sindicais não-partidários. Era, pois, o escoadouro natural destes grupamentos que se empenhavam, há muito, na constituição de uma entidade sindical nacional de corte autônomo e independente”.⁶⁸

Sobre a questão da emergência de um novo sindicalismo, uma corrente que tem como defensor Adalberto Cardoso de Oliveira⁶⁹ que o apresenta como produto de confluência de diversos fatores que o fazem emergir no final da década de 1970 uma estruturação sindical que contrapõe o então sindicalismo controlado pelo Estado, que o autor denomina de “velho”, pois utilizando, da legislação sindical vigente, “impunha” aos trabalhadores, enormes perdas, tanto do ponto de vista econômico, como organizativo e político. Sendo que nesse cenário, a grande maioria dos sindicatos e suas lideranças,

⁶⁸ ANTUNES. Ricardo. *Novo Sindicalismo no Brasil*. 2ª ed. rev. e ampl. Campinas, Sp, Pontes, 1995. p.30.

⁶⁹ Novos estudos CEBRAP, número 48 p. 97 a 119, julho de 1997.

por imposição ou espontaneamente, havia aderido ao projeto político e econômico, apresentado pelos militares, após o golpe civil militar de 1964. E esse projeto se constituía basicamente da aplicação de uma política salarial de queda dos salários reais, acumulação do capital via poupança forçada com aplicação de instrumentos como PIS/PASEP/FGTS, imposição de uma lei antigreve severa, reforço da estrutura sindical oficial e repressão e controle das lideranças sindicais combativas⁷⁰. O que se presenciou então foi que os sindicatos combativos sofreram intervenções e as lideranças que não aderiram foram sumariamente cassadas, passando a atuar na clandestinidade. Portanto, a partir da década de setenta, uma nova organização deveria ter surgido com propostas e perspectivas desvinculadas da estrutura sindical tida como “velha” ou cupulista, o que acreditamos não ter ocorrido efetivamente. Para nós não ocorreu de forma significativa uma mudança na estrutura e atuação sindical que permita nomear como “novo”. Dessa forma, o que observamos são continuidades e até lutas pela manutenção dos antigos direitos que vinham sendo ceifados pela a ação de diversos governos contra as garantias da CLT. Logo, percebemos efetivamente seria muito mais uma luta pela manutenção do “velho” e não a criação de novas formas de atuação militante sindical.

“A medida que a década de 80 caminhava para o seu final, a situação vivenciada no interior do movimento sindical passava a colocar em questão teses que estabeleciam uma associação excessivamente estreita entre projetos políticos e características organizacionais dos sindicatos. De um lado, consolidava-se a hegemonia das correntes sindicais que pretendiam operar uma ruptura radical com o modelo corporativista. De outro lado, a transformação da estrutura sindical esbarrava tanto nos hábitos e concepções sedimentados nas rotinas internas como nas expectativas e demandas dirigidas pelas próprias categorias profissionais às suas entidades”.⁷¹

⁷⁰ Coleção Brasil dos Trabalhadores: perspectivas do novo sindicalismo.

Porém para a fundamentação desta perspectiva, faz-se necessário trazer a lume a trajetória histórica do sindicalismo, reconstruindo pontos importantes de outros momentos da movimentação da classe operária e do movimento sindical, como o período compreendido entre 1945 e 1964, sobretudo considerando a noção de perspectiva da continuidade do então sindicalismo denominado “velho”.

Precisa-se, então, remeter a estrutura de sindicatos da época, mais especificamente no período da redemocratização, que vai de 1945 até 1964, onde os trabalhadores, muito embora atrelados à estrutura de controle do Estado, passam a desempenhar papel significativo no cenário nacional. O processo de industrialização adotado por Juscelino Kubitschek permite a ampliação de um operariado urbano que se agrupa em sindicatos, conduzidos por dirigentes geralmente originários de quadros do PCB e do PTB. Tanto PCB quanto PTB entram na cena sócio-política do país em 1945, fazendo parte do enredo de distensão do regime Vargas. O PCB, legalizado por Vargas, empunhava a bandeira antifascista e o PTB era o partido ponta de lança para colocar a classe trabalhadora no cenário político nacional, através do trabalhismo que, na sua essência, era contra a ideologia revolucionária e a luta de classes, preconizada pelo PCB, como apontam Antonio Luigi Negro e Fernando Teixeira da Silva: “Getúlio – pela força ou pelo convencimento – conseguiu exortar os trabalhadores do Brasil a uma ideologia anti-revolução, o trabalhismo”⁷².

⁷¹ FORTES, A. *Na luta por direitos: Leituras recentes em historia social do trabalho*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999. p. 22.

⁷² NEGRO, Antonio Luigi e DA SILVA, Fernando Teixeira. *Trabalhadores, sindicato e política (1945-1964)*. In FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática, da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964/organização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. V 3. p.90.

Ao patrocinar a legenda do PTB, Getúlio, estabelecia seu braço político, que sendo o legítimo representante dos trabalhadores, fazia frente ao poder do capital e dos patrões, funcionando também como mediador dos embates naturais existentes entre capital e trabalho. As lideranças sindicais desse período eram por demais envolvidas com o governo e com o projeto nacionalista. A partir de 1961, percebem que as condições de vida dos trabalhadores se precarizam cada vez mais, tanto que em 1962 organizações paralelas ao sindicalismo oficial, como a *Comissão permanente das Organizações Sindicais e o Pacto de Unidade e Ação* fundem-se, dando origem ao *Comando Geral dos Trabalhadores- CGT*.

Muito embora PCB e PTB sejam oficialmente os representantes da classe trabalhadora, o CGT expressa a iniciativa dos trabalhadores em criar centrais sindicais, até então proibidas pela estrutura oficial de Estado.

A criação do CGT é a expressão da resistência e da luta dos trabalhadores, ou dos “de baixo”, em tomarem nas mãos o seu destino, pois, além de lutarem pelos direitos básicos, canalizaram questões como o nacionalismo, a modernização distributiva e reformas sociais⁷³. No caso específico desta temática, serão os partidos “novos” como PT e PDT, que assumiram a questão do novo sindicalismo em seus discursos. Porém, se for observado em profundidade terão atitudes muito próximas dos seus “antecessores” ligados aos “velhos” PTB e PCB, demonstrando muito mais uma atualização das práticas políticas edificadas pelos militantes do que novas práticas vivenciadas através de rupturas com o velho sindicalismo.

“O fato, contudo, é que o partido não percebia que as distinções iam para, além disso. Embora defendessem uma postura pluralista, os setores ligados à CUT tinham a perspectiva da disputa pela tomada da

⁷³ NEGRO, L. A. *in Brasil Republicano* VOL 3 p. 72.

máquina sindical. Quanto as “mudanças”, “liberdade” e “democratização” da estrutura sindical, que, diga-se de passagem, o partido sempre defendeu, ela nunca seria o bastante para satisfazer aos conservadores (a quem isso poderia ser uma ameaça da perda de controle), e nem mesmo os *combativos*, pois estes, ainda que em sentido mais retórico do que prático, queriam “quebrar”, “desmontar” e “implodir” a estrutura sindical. Assim, o partido procurava agregar pólos de difícil aproximação, com o agravante de parecer insatisfeitos aos dois”.⁷⁴

Observa-se, especificamente nesta temática, que a formação política dos militantes bancários está vinculada aos partidos supramencionados (PTB, PDT, PCB e PT), ou seja, não foi possível observar nesta pesquisa práticas efetivamente novas, como será aprofundado no decorrer desta dissertação.

Este momento, entre outros, corrobora a afirmação de que a “novidade” apresentada na década de 1970 precisa ser redimensionada, sendo mais uma releitura de algo já posto do que efetivamente uma novidade.

Desta forma, no decorrer da dissertação e nos limites da documentação consultada, procurou-se demonstrar a participação ativa e a existência de algumas práticas de resistência, autonomia e luta por direitos, desenvolvidas pelos trabalhadores bancários de Guarapuava no período considerado.

Tomado o conjunto de referências preliminares, cabe, ainda, explicitar o perfil dessa categoria de “trabalhador bancário”, uma vez que o estudo centraliza-se nela. Sua função básica consistia na operacionalização do sistema financeiro bancário, que, no caso de Guarapuava e região, era basicamente captar e aplicar recursos financeiros que permitiriam a fluidez da economia, dinamizando o comércio, a indústria e a agropecuária, expandindo a base capitalista acumulativa.

Aspecto importante que exige esclarecimento preliminar, é que, não só no que

⁷⁴ SANTANA. Marco Aurélio. *Homens Partidos: Comunistas e sindicatos no Brasil*. 1ª ed. BoiTempo. São Paulo, Sp, 2001. p.266.

concerne às questões de trabalho, o Sindicato foi importante para os bancários, no sentido de servir como espaço de discussão para o desenvolvimento da consciência de direitos e também consciência política. Visto que alguns bancários, já haviam participado significativamente de vários movimentos políticos do período em apreço, como, por exemplo, fazer parte de partidos políticos que atuavam em Guarapuava, participar de Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica Romana (CEBS), Associações de Pais e Mestres (APM), entre outras. Tal envolvimento fica evidente quando verificamos que o sindicato se envolve na campanha eleitoral, dando apoio a candidatos a deputado federal como Nedson Michelletti e Paulo Bernardo, sendo que estes foram considerados representantes dos bancários no Congresso Nacional. Vale lembrar que o sindicato apoiou um candidato a prefeito no Município de Guarapuava, o militante bancário Carlos Norberto Marcondes, pelo PT (Partido dos Trabalhadores) no ano de 1988, e o Dirigente Carlos Zimmer em 1992 pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro). Um dos principais marcos no envolvimento político foi o envolvimento na campanha para Presidente da república em 1989, onde o sindicato sinalizava apoio aos candidatos da esquerda, Leonel Brizola e Luiz Inácio Lula da Silva.

Analisar os “anos de silêncio” dos bancários, mais especificamente entre 1964 a 1979, quando grande parcela da historiografia “esqueceu” de lhes dar voz e vez, significa trabalhar um campo fecundo para perceber as possibilidades de continuidade entre o velho e o novo sindicalismo, descobrindo as práticas operárias na defesa de interesses. Nesse período, aparentemente amorfo, tentando definir o que se chama de intencionalidade de busca de direitos e a consciência de resistência, visto que os bancários de Guarapuava tinham a consciência de que os homens que tomaram o poder em 64 não lhes eram favoráveis. Aliás, o advento golpista motivou o afastamento

entre trabalhadores e líderes políticos, questão que será analisada posteriormente.

Assim sendo, conforme afirmam Fernando Teixeira da Silva e Hélio da Costa: "O desafio está justamente em reconstituir e interpretar os conflitos sociais também em épocas de 'aparente aquiescência social' além de compreender que classe não pode ser definida somente a partir de identidades políticas, mas também pela fissura social e cultural que estabelece a percepção da diferença entre nós e eles".⁷⁵

As questões que pretendem negar ou minimizar as perdas históricas dos trabalhadores bancários não são trabalhadas. Na verdade, o objetivo é ressaltar que estes não capitularam simplesmente diante das circunstâncias coercitivas, pois o sindicato outrora cassado, fechado e espoliado foi alvo de lutas que redundaram em sua reativação e na reorganização da categoria, servindo também como local para articulação e defesa de interesses econômicos e políticos, dentro de um horizonte de possibilidades então concretas. Como observa Jorge Ferreira,

[...] ao contrário da adesão cega e ativa, podia funcionar um pragmático realismo com elevado senso de cálculo em torno dos retornos e benefícios possíveis, impondo ao Estado e aos patrões concessões e deveres por meio de uma linguagem extraída dos próprios recursos retóricos populistas – **(ou da ditadura)**. Portanto, o exercício da hegemonia não se define de nenhuma maneira *a priori*, mas está sujeito a constantes rearranjos, submetidos a freqüentes negociações e concessões, não impondo uma visão de mundo com total abrangências e persuasão em todos os aspectos, lugares e experiências de vida dos trabalhadores⁷⁶. [Destaque nosso] .

Partindo desse conjunto de observações sobre as relações entre movimento

⁷⁵COSTA, Hélio & SILVA, Fernando Teixeira da. *Trabalhadores urbanos e o populismo: um balanço dos estudos recentes*. IN: FERREIRA, Jorge. (org.) *O populismo e sua história: debate e crítica*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001. p.218.

⁷⁶ idem, ibidem. p. 225.

sindical e Estado, pretende-se demonstrar que os bancários de Guarapuava e região não abandonaram a luta pelos seus direitos, tendo, contudo, realizado um processo de "aprendizagem complexa", criando novas formas de ação frente à conjuntura adversa experimentada com o advento do golpe de 1964. Este objetivo implica a análise do operariado urbano num período de mudança, buscando, mesmo com escassas fontes, atribuir identidade a esses anos, ou seja, analisar suas reivindicações, luta por direitos e condições de trabalho.

Compreender as formas de luta desenvolvidas pelos bancários pode ampliar o conhecimento, pelo menos em parte, das transformações da classe operária brasileira no referido contexto histórico.

CAPITULO III: Guarapuava e a memória do sindicalismo bancário.

Neste capítulo é apresentada uma visão panorâmica do município de Guarapuava e região, destacando alguns pontos pertinentes à nossa pesquisa, direcionados à formação socioeconômica do município. Posteriormente, são elencados alguns aspectos da trajetória dos bancários em Guarapuava e região, tendo por finalidade delinear as discussões dos próximos capítulos, sobretudo aqueles possíveis de analisar através da memória reavivada dos nossos depoentes frente às questões da organização do sindicato em Guarapuava.

Destaca-se que este capítulo caracteriza-se por uma operacionalidade descritiva articulada à análise, apreendendo através de bibliografia e da memória reavivada, aspectos do contexto social da *urbe* de Guarapuava e do sindicato em apreço, procurando apreender o posicionamento dos atores sociais que vivenciaram este

contexto, ouvindo suas vozes e transformando-as criticamente em história. Segundo Jean Lacouture “[...] o momento de certo modo ideal para escrever a história é talvez aquele em que os protagonistas, libertos da ação e das paixões que os animaram, conservam ainda a memória dos acontecimentos em cujo curso intervieram”. (LACOUTURE in LE GOFF, CHARTIER, REVEL, 1978, p.318). Frente a esta questão, ninguém melhor que os bancários de Guarapuava para servirem de fontes vivas que ajudarão a reconstituir a trajetória de sua entidade.

Iniciamos este item apresentando as dimensões geográficas de Guarapuava ao leitor, através do mapa abaixo:



A seguir é apresentado, o município de Guarapuava e a região, econômica e socialmente, tendo em vista suas particularidades que interagiram na criação do sindicato em análise, marcando o “pano de fundo” social em que se desenvolveu a trajetória de ação dessa entidade.

Localizada no sul do Brasil, na região centro sul do Paraná, no terceiro planalto, denominado planalto de Guarapuava, a 1120 metros de altitude acima do nível do mar, Guarapuava sempre foi palco para sujeitos históricos desempenharem seu papel na teia do tempo e da história como qualquer outro município. Porém, as particularidades de sua formação moldaram o imaginário social neste município, caracterizado pelo conservadorismo “típico” de uma zona de latifúndio, com poucos espaços para uma ação questionadora do *status* social vigente, conforme apreendemos em nossas fontes, com poucos espaços para a mobilização sindical que torna este estudo mais significativo, pois os bancários guarapuavanos eram uma exceção a essa regra.

Dando continuidade a esta exposição, destaca-se que a colonização e a ocupação da terra do município em análise deram-se em meio a disputas entre as cortes de Portugal e Espanha em torno do Tratado de Tordesilhas, que delimitava as fronteiras das então potências da época.

Fundada por uma expedição designada pela corte de D. João, Guarapuava surgiu da necessidade do resguardo de fronteiras frente ao reino de Espanha, sendo que vieram para cá basicamente colonos portugueses, que encontraram tribos indígenas ocupando as terras de Guarapuava e estas ofereceram resistência às ocupações dos brancos portugueses.

A cidade recebeu influência também do tropeirismo sulista e da forma de organização dos fazendeiros do interior paulista, que muito contribuíram para sua

formação histórica. Estes aspectos marcaram uma certa noção de isolamento entre os Guarapuavanos, que estimulou determinada auto-suficiência e certa desconfiança com pessoas e práticas externas à sociedade local, que irá influenciar a arregimentação de quadros para o sindicato, como é demonstrado na continuidade desta dissertação.

No século XX, a cidade sofreu reflexos das transformações que ocorreram no Brasil e acompanhou os ciclos econômicos do mate, da madeira e também da expansão agrícola ocorrida nas décadas de 1960 e 1970. Em Guarapuava, esses aspectos potencializaram a noção de desconfiança em relação aos cenários extramuros da cidade. Um bom número de empresários, ligados aos setores acima descritos, via neste município um local para explorar, enriquecer e posteriormente ir embora, não se preocupando com o desenvolvimento da cidade e região, característica que até hoje é lembrada, ao que se percebe, pelos partícipes desta cidade. Portanto, houve toda uma preocupação dos militantes em não ser considerados “*xeno*”, ou seja, *de fora*, nas práticas de estruturação da entidade dos bancários.

Outro aspecto a ser ressaltado foi a ampliação da necessidade bancária, a partir da década de 1950, quando houve crescimento significativo do número de agências em função da injeção de capitais e financiamentos bancários, destinados à agricultura de Guarapuava, que entrou na fase de mecanização; os campos que antigamente eram usados para criação de gado de forma extensiva passam a ser valorizados e produzem cereais como milho, soja, trigo, arroz, aveia, cevada e sorgo, dando a este município um lugar de destaque como exportador de grãos, de erva mate, batatas, etc.

Convém expor, ainda, para contextualizar esta análise, que a região de Guarapuava, a partir da década de 1970, apresenta um perfil econômico em mudança, ou seja, a exploração da madeira começa a ceder espaço para o fortalecimento de uma

economia baseada na agricultura e pecuária, que se caracterizariam pela introdução de tecnologias de produção capitalista avançada no campo⁷⁷ e, principalmente, a afirmação das culturas da soja, trigo e milho, trazendo um significativo impulso comercial e industrial e exigindo um setor bancário atuante e presente junto à cidade e região.

A produção de soja, a partir de 1970, trouxe incremento à economia como um todo e também a necessidade de um comércio mais dinâmico, uma vez que a circulação de recursos incrementou negócios e integrou a categoria bancária, tendo em vista seus rendimentos como um grupo destacado no consumo e renda local. Aliás, a precarização econômica e financeira dos bancários será um elemento potencializador de lutas por direitos e manutenção do *status* social, anteriormente adquiridos, e que estavam sendo dilapidados no final da década de 1970 e início da década de 1980, assunto este que será posteriormente desenvolvido.

Diante disso, a organização de um sindicato, politicamente atuante e combativo no que se refere à defesa dos interesses dos trabalhadores bancários, é algo inerente ao contexto das décadas de 1970-80. Essa inerência está relacionada com a possibilidade de abertura política e as duras condições de vida que os bancários vivenciavam em um contexto de crise econômica inflacionária, que corroía seus ganhos, e servia para mobilizar a categoria em prol de uma entidade que lutasse por seus direitos, desenvolvendo-se, principalmente, a partir do final da década de 1970, quando o sindicalismo brasileiro reorganiza-se novamente, tendo como marco simbólico a ação da categoria sindical dos metalúrgicos no ABC paulista e pelo surgimento

⁷⁷ Exemplificando esse cenário cabe destacar o papel da Cooperativa Agrária no distrito de Entre Rios, que impulsionou através da adoção de novas tecnologias agrárias e gerenciais transformações em toda a região .

daquilo que Ricardo Antunes denomina *Novo Sindicalismo*, nomenclatura que criticamos. Este autor afirma:

[...] Os Anos oitenta marcaram significativas transformações no sindicalismo brasileiro. Pode-se dizer que, no período que se abriu como vigoroso movimento grevista do ABC paulista, em maio de 1978, até o fim da década de oitenta, inúmeras transformações ocorreram: a retomada das ações grevistas, a explosão do sindicalismo dos assalariados médios e do setor de serviços, o avanço do sindicalismo rural, o nascimento das centrais sindicais, as tentativas de consolidação da organização dos trabalhadores nas fábricas, os aumentos de índices de sindicalização, as mudanças e as conservações no âmbito da estrutura sindical pós-constituição de 1988, etc, só para mencionarmos, no universo do mundo do trabalho e, em especial no âmbito sindical, as diversas alterações vivenciadas.⁷⁸

Portanto, é importante salientar a necessidade dos militantes em “se adequar” ao contexto histórico da cidade para desempenhar proficuamente sua ação sindical.

A trajetória do Sindicato dos bancários de Guarapuava e região

Este item é trabalhado, sobretudo, com depoimentos de militantes e ex-militantes bancários, com o objetivo de reconstruir o cenário de estruturação da entidade em apreço.

Buscar compreender a reestruturação e reorganização do sindicato de bancários, irá permitir captar de forma mais nítida a história da categoria bancária Guarapuavana e também as nuances do movimento sindical brasileiro, além da percepção da cultura política, social e econômica no período estudado. Importante salientar que a categoria

⁷⁸ ANTUNES, Ricardo. *O novo sindicalismo no Brasil*. 2ª ed. Revisada e ampliada. Campinas, Sp: Pontes, 1995. p. 11.

de bancários e seu sindicato de Guarapuava não estavam isolados ou deslocados da realidade histórica que constituía o cotidiano da classe trabalhadora no Brasil.

A reestruturação ou reorganização dos bancários e sua entidade em Guarapuava recebe também a influência da matriz sindical trabalhista do pré-1964 que, em sua dinâmica, acaba desembocando no sindicalismo Cutista. Guardadas as necessárias transformações do devir histórico, observa-se a presença significativa de práticas herdadas do modelo sindical trabalhista no modelo sindical Cutista, como já observado. Assim sendo, faz-se mister dialogar com este, sempre que necessário, já que, no caso ocorrem muitas similaridades na ação sindical, como, por exemplo, a questão da busca de proximidades afetivas com autoridades constituídas para garantir seus direitos⁷⁹, as práticas de greve e, sobretudo, as ações de militante sindical. Importante também é ressaltar que, no período trabalhista, a classe trabalhadora fazia parte do contexto sócio-político de forma ativa, pois, à época, os trabalhadores sentiam-se participantes das decisões importantes da vida do país e eram, na verdade, uma força política atuante, tanto que membros do CGT (Comando Geral dos Trabalhadores), em função de sua postura nacionalista, foram trazidos para dentro do executivo federal:

“...O governo, que antes temia a aproximação dos comunistas do CGT, passou a apoiar mais explicitamente suas posturas nacionalistas, trazendo para o interior do executivo, muitos indivíduos que desfrutavam de sua simpatia”.⁸⁰

⁷⁹ Nos primórdios da consolidação do sindicalismo cutista, havia permanências do *modus operandi* do sindicalismo trabalhista, principalmente quanto a relação com autoridades constituídas. Exemplo no ABC Paulista políticos como Franco Montoro, Orestes Quércia eram próximos aos sindicalistas. Em Guarapuava sindicalistas eram próximos ao então prefeito Nivaldo Kruguer, ao Delegado Regional do Trabalho Sr. Benedito.

⁸⁰ COSTA, Fernando. *Centrais sindicais e sindicatos no Brasil dos anos 90: o caso Niterói*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2002. p.52.

Estas características serão re-significadas pelos bancários guarapuavanos, sem, contudo, modificar o motivo da aproximação com o poder constituído, conforme é observado na continuidade.

Destaca-se neste momento os aspectos da formação e da intencionalidade de organização dos trabalhadores em uma entidade que lutasse por seus interesses. Assim, são apresentados os aspectos de criatividade dos militantes para a criação do sindicato, as forças políticas em disputa nessa formação e a possibilidade de repressão que conviviam os militantes., aspectos esses que ficarão evidentes no desenvolver do dialogo subsequente.

O pano de fundo histórico

Para melhor entender a conjuntura da reestruturação do sindicato de bancários de Guarapuava, é necessário referenciar e conhecer as bases do trabalhismo, onde os sindicatos, como já discutido, tinham participação efetiva na vida política do país, através, principalmente, do CGT. Com o advento do golpe civil militar de 1964, que destituiu o então presidente João Goulart e a denominada “República Sindicalista”, o movimento sindical, os trabalhadores e os sindicalistas passam a viver um momento muito difícil marcado pelos expurgos, perseguições e intervenções, patrocinadas pelos ocupantes do poder(militares) que, apesar de terem uma visão nacionalista, não tinham a intenção de incluir os trabalhadores nesse projeto, como fazia então o Governo do presidente João Goulart e seu *staff*. Segundo Costa, além de se proporem a acabar com práticas de um governo subversivo, os militares instituíram dois procedimentos básicos na direção do país: fim da visão nacionalista inclusiva e racionalização do

aparato estatal (Costa 2002), que implicava naturalmente no controle dos sindicatos enquadrando-os restritamente dentro da legislação, não permitindo que a questão política predominasse, ou seja, os sindicatos passaram a desempenhar um papel burocrático, sem maiores possibilidades de mobilização política ou articulação de movimentos paredistas de resistência, pois, os que assim procedessem, sofriam intervenção e suas lideranças eram aprisionadas, perseguidas ou expurgadas. Tais amarras repressivas e intervencionistas permanecem no amplo período do regime militar, sendo que a esperança de possibilidade de mobilização irá apresentar-se a partir de 1974, quando o então presidente da república General Ernesto Geisel, apresenta projeto de abertura política, que afrouxou os mecanismos repressivos:

“[...] na inflexão da ditadura militar, que desde o governo de Ernesto Geisel (1974-1979), já propunha uma estratégia de flexibilização do regime em marcha lenta, gradual e segura, a sociedade brasileira vai reconquistando seus espaços de participação política”⁸¹

No pós-1964 a categoria bancária de Guarapuava sofreu um duro golpe, pois, devido à intervenção e ao controle dos órgãos de Estado do regime militar, houve uma desmobilização da categoria bancária. A então Associação, que deu origem ao atual sindicato, foi reativada somente em 1982, quando, segundo as fontes, então patrocinados pelos “ventos” da abertura política, o bancário Renoh Pereira Schier e alguns companheiros tomaram a iniciativa de assumi-la para, posteriormente,

⁸¹ SANTANA, Marco Aurélio. *Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980-1990*. In *Brasil Republicano* vol.4. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Organização Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. p. 286.

transformá-la no Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Guarapuava e região.

Nos anos que se seguiram após o fechamento do Sindicato, no final da década de 1960 e início da década de 1970, houve escassa mobilização visível da categoria bancária em Guarapuava, muito embora a situação econômica e financeira dos trabalhadores bancários fosse, segundo os depoentes, de arrocho salarial. Isto permite inferir que “intramuros”, os bancários se mobilizavam de diferenciadas formas para garantir seus direitos. Vale dizer também que, do ponto de vista de mobilização, havia certa dificuldade, sobretudo no que se refere ao imaginário social, presente na sociedade de Guarapuava, que, pelo seu perfil conservador conforme já exposto, estigmatizava os sindicalistas e os sindicalizados, tachando-os como subversivos e baderneiros. Assim sendo, é no final da década de 1970, que, impulsionados pela perspectiva de uma abertura política e redemocratização do país, conforme citado acima, que lideranças dos bancários Guarapuavanos encamparam a luta de reorganização do movimento sindical desta categoria em Guarapuava.

O caminho trilhado

Percebendo a necessidade de lutar pelos seus direitos, principalmente no que tange aos direitos de subsistência, os trabalhadores bancários de Guarapuava, que, em função da conjuntura econômica recessiva⁸² e vendo, como já citado, seus salários

⁸² Vale lembrar que, em 1981, o Brasil recorre ao FMI, pedindo empréstimos para saldar dívidas no mercado internacional o que leva a uma série de medidas tidas como amargas” e estas tiveram impacto econômico social imenso, principalmente na base salarial dos trabalhadores.

arrochados cada vez mais, começaram a lutar para reestruturar seu sindicato. A respeito da situação econômica brasileira, Gianotti nos fala:

“[...] Do ponto de vista econômico, o Brasil enfrentava grandes dificuldades. Vimos a facilidade com que os militares haviam tomado bilhões de dólares emprestados dos bancos internacionais, no começo dos anos 1970. Estes empréstimos começaram a vencer em 1980 e a dívida externa estava em mais de setenta bilhões de dólares. Para pagar os juros mensais, a fórmula dos tecnocratas de plantão era a de sempre: reduzir o crescimento econômico e, para isso, reduzir os investimentos sociais. Para os trabalhadores, essa fórmula traduzia-se em dois resultados muito concretos: arrocho salarial e desemprego. Mistura explosiva que deu origem a inúmeras greves e protestos”.⁸³

Diante deste quadro econômico e social exposto, é que as principais lideranças da categoria bancária de Guarapuava, Sr. Renoh Schier, Sr. Sebastião Aldori e Sr. Silvano Simões Rocha fundaram a *Associação Profissional dos Bancários de Guarapuava, em 1982*, que serviu de base para reestruturação do sindicato. Este só recebeu a carta sindical, emitida pelo Ministério do Trabalho, em 29 de dezembro de 1983. Aqui cabe ressaltar informações que trazem certa divergência quanto à reestruturação da Associação ou sua Fundação. O jornal “O BANCÁRIO” traz a seguinte informação “[...] O Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Guarapuava originou-se de uma associação profissional, criada antes do golpe de 1964”.⁸⁴ Porém, no fragmento de entrevista, o bancário Renoh Schier nos diz:

“[...] não isso aí.... de reestruturar não.... porque nós iniciamos né...houve uma época que eu não sei.... que houve já.....indício...início de uma associação....mas pelo que eu sei....eu....eu inicie a associação...”⁸⁵

⁸³ GIANOTTI. Vito, 1943. *História das lutas dos trabalhadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad. p. 233.

⁸⁴ Jornal O BANCÁRIO, Edição especial, Dezembro de 1993. p.3.

⁸⁵ Entrevista realizada em 13.06.2007.

Mesmo com essa polêmica, o que importa sinalizar é a questão complexa da reorganização do sindicato, pois, apesar dos indícios de afrouxamento dos elementos de controle e repressão, o *Estado* ainda mantinha as atividades sindicais sob seu olhar vigilante. Isto fica bem evidente no estatuto da Associação Profissional dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Guarapuava:

“Art. 1º - A Associação Profissional dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Guarapuava, com sede e foro em Guarapuava, é constituída para fins de estudo, coordenação, proteção, com o intuito de colaboração com os poderes públicos e as demais associações, no sentido de solidariedade profissional e de sua subordinação aos interesses nacionais”.⁸⁶

Observa-se a cautela que o texto redigido pelos militantes exprime: que a Associação tinha por fim a colaboração e subordinação aos interesses nacionais, leia-se, então, o regime instituído. Apesar deste discurso, ressalta-se que, embora sob a tentativa de controle, os bancários vêm na reestruturação de sua associação, conforme exposto, uma possibilidade de luta e resistência ao regime existente.

Atuando em um contexto local que não lhes era favorável, enfrentando o estigma de “*baderneiros e comunistas*” e tendo que trabalhar a mobilização em uma categoria que, pelo medo da exposição ou por pressão dos patrões e órgãos de Estado, tinha sido praticamente emudecida no que diz respeito à reivindicação por direitos, as lideranças enfrentaram desafios consideráveis para sua capacidade de mobilização, fato que teve conseqüências em suas vidas privadas. Sobre isso fala o depoente Alcione Cristiano Macedo:

⁸⁶ Estatuto da Associação Profissional dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Guarapuava.

“...ah...o associado...até digo assim que talvez não sofresse muita discriminação né...até porque os bancários sempre tiveram...um certo poder financeiro né.. uma boa representação diante da sociedade...mas os dirigentes sindicais sempre foram discriminados...e hoje ainda são..hoje ainda são...hoje ainda são...eu por exemplo tenho filhos né..e os outros colegas meus tem né...que a partir do momento que você fala que filho do Alcione ou filha do Alcione dificilmente vai ser contratado numa empresa....mesmo tendo condições tendo mérito né...”⁸⁷

Outra situação que se deve observar é a do sindicalista Renoh Pereira Schier, que revela as dificuldades vividas pela categoria:

“[...] antes do sindicato não havia...não havia estrutura nenhuma...o bancário não...não sabia....não tava por dentro do que... que era o sindicato...inclusive....houve uma batalha muito grande por nossa parte....pra conscientizar o bancário....porque..o bancário antigamente trabalhava...das 7 horas da manhã....10 horas... 11 horas da noite.... sem ganhar horas extras sem nada...sabe... então a gente começou conscientizar o pessoal.....daí que formamos a associaçãoda associação em diante nos começamos ...a....a... falar bem com o pessoal orientar....ai começou a surtir o....o aquele problema de de.. ministério do trabalho já veio..... aí o pessoal começou a conscientizar”⁸⁸

Ainda sobre as dificuldades encontradas na estruturação da categoria e do sindicato, Alcione Cristiano Macedo destaca, no fragmento de entrevista abaixo, a não existência de uma unidade entre bancários das diversas instituições financeiras:

“[...] a situação antes era desorganizada....cada um olhava para o seu meio.....para o seu banco..... havia uma desunião muito grande..”⁸⁹

Aliás, tal desunião, motivada pela ocorrência de diferenciados padrões, ocasionou, por parte dos militantes, práticas interessantes de filiação. A questão econômica e a difícil situação financeira dos trabalhadores bancários, aliadas à

⁸⁷ Entrevista realizada pelo autor em 16 de janeiro de 2007.

⁸⁸ Entrevista realizada em 13.06.2007.

⁸⁹ Entrevista realizada pelo autor em 16 de janeiro de 2007.

exploração excessiva da força de trabalho, foi, sem dúvida, um fator crucial na mobilização e lutas por direitos. Digno de nota é a questão da exploração excessiva da mão-de-obra, através da dilação do horário de trabalho. Importante lembrar que a tecnologia bancária do início da década de 1980 estava em desenvolvimento e que grande parte do processamento e registro de operações, para acontecer no dia, mobilizava grandes contingentes de pessoas e de horas trabalhadas. Isto fica evidente na entrevista do Sr. Renato Ribinski, que trabalhou no Banco Bradesco, que relata as dificuldades vividas pelos bancários, principalmente quanto à exploração excessiva de horas extras e a não organização dos trabalhadores bancários:

“[...] antes de...do sindicato,...o sindicato na verdade começou com a associação em 82, 83... nessa época nem sabia o que que... era sindicato, daí o..... Silvano com o Renoh e outras pessoas começaram a... articular ... eu nem sabia o que.. que...tavam fazendo..... Em 84 teve a primeira eleição....primeira formação do sindicato em si....que a associação já não suportava ...dai pegou toda a região de Guarapuava e interior....onde foi a base para criar o sindicato..... e antes do sindicato não tinha organização nenhuma... e a gente ficava a mercê dos banqueiros...ou melhor ou da.... dos bancos.... fazendo **horas extras sem parar ...serviço ate tarde...começava cedo e se parava 10 horas da noite ... era horário normal de saída**”⁹⁰ Destaque nosso

Mobilizar a categoria e lutar contra situações que lhes eram adversas foi, um dos esteios do movimento de resistência dos bancários Guarapuavanos, conforme o trecho de entrevista do ex-bancário Carlos Alberto Nascimento, que, na época, trabalhou no Banco Bamerindus do Brasil S.A. (hoje HSBC). Diz o depoente:

“[...] olha não havia uma organização especifica né...tudo o que nós fazíamos em termos de mobilização...era feito por ideologia.... não havia nada organizado..... alguns....ou outro que tinha participado de eventos

⁹⁰ Entrevista realizada pelo autor em 31/03/2007.

fora de Guarapuava....e que tinha uma visão... é..é... de organização....desculpe... de sindicato... e que traziam essas idéias e começavam a fomentar né.... aquela questão ideal e.... de certa forma contagia o pessoal.....era uma coisa puramente ideológica.... O banco era um ...um ..sistema bastante rigoroso no sentido de pressão...porque ahhhh... o sistema de ... se a gente pode dizer assim.... o sistema de ..de vigilância do funcionário era muito grande... tinha um controle da por parte da gerência..... a gerência ela... ela...ela...acompanhava...de muito mais perto os funcionários....principalmente aqueles que ela achava que tinham uma tendência de liderança dentro do banco... e isso era reprimido”⁹¹

Nesse trecho de entrevista, o militante enfatiza aquilo que, para ele, era lutar por direitos de forma ideológica, ou seja, havia a questão de liberalização política, advinda da abertura, que permitia e impulsionava lideranças a romperem o silêncio e as mordanças que lhes foram impostas, até mesmo de forma contagiante, como relata o Sr. Carlos Alberto Nascimento. Por outro lado, há contraponto. Nas palavras tomadas do Sr. Renoh Pereira Schier não havia vinculação ideológica e nem política.

“...não eu sou a..apolítico....nunca fui... desde que....o tempo que dirigia a Associação...o sindicato eu nunca me filiei a nenhum partido...inclusive houve ...houve comentários... e por advogado lá que nos éramos filiados ao PT, mas isso não tinha nada a ver....”⁹²

Neste fragmento, apesar de enfatizar a não vinculação a partido político, os militantes bancários recebiam a influência da fundação de um partido que se intitulava o fiel representante da classe trabalhadora. Tanto que a sociedade, ao olhar para um militante sindical, vinculava-o à imagem do PT (Partido dos Trabalhadores), sendo que foi observado nas fontes que a questão partidária foi sim um dos aspectos que auxiliaram a formação do sindicato, pois os militantes tinham formação ou simpatia partidária.

⁹¹ Entrevista realizada pelo autor em 12 de abril de 2007.

⁹² Entrevista realizada pelo autor em 13.06.2007.

Também, sobre a questão de organização desses trabalhadores, foram tomadas as palavras do ex-bancário Sebastião Aldori, que trabalhava no Banco Bamerindus do Brasil, onde ingressou, em 1976, na cidade de Curitiba – PR., sendo que, ao vir transferido para Guarapuava, já havia tomado contato com o sindicato da capital. Esse conhecimento e aprendizado, obtido junto a outros sindicatos na capital, serão extremamente úteis para a reestruturação do Sindicato de Bancários de Guarapuava e região, pois, conhecedor do processo e contando com a ajuda da Federação Paranaense de Bancários, iniciou reuniões que foram importantes para a formação da Associação de Profissionais Bancários, que se transformará no Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Guarapuava e Região. Ainda sobre essa questão, fala o entrevistado Sebastião Aldori:

“[...] A...situação era muito difícil devido....não tinha movimento na região... então a gente dependia muito de... de outros sindicatos ... por exemplo a Federação de Curitiba.....então a gente não tinha muitas informações.....daí que formamos a associação.....82, 83... e... dali Guarapuava começou a melhorar....então....mais informações e acompanhamento de todos movimentos... esclarecimentos para os funcionários dos bancos....dónde as coisas começaram a melhorar”.⁹³

A presença e orientação da Federação de Bancários do Paraná (FEEB), que também possuía forte orientação das bases do trabalhismo, será fundamental nesse processo. Pode-se depreender que a sua presença nas bases é fruto do movimento sindical de base, que era contraponto ao sindicalismo “cupulista”, até então praticado sob a tutela do Estado. E é essa atuação na base uma das características do sindicalismo Cutista. A Federação, muito embora vinculada a diretrizes do “*velho sindicalismo*”, espraia-se pelas bases e entabula ações de reorganização da categoria

⁹³ Entrevista realizada pelo autor em 14 de abril de 2006, no município de Turvo – Paraná, onde reside e trabalha o Sr. Aldori Sebastião.

bancaria, pautada nas *práticas do trabalhismo*. Tais práticas consistiam em tornar os trabalhadores uma força política nacional, capaz de se envolver novamente com temas de interesse do país e, no caso dos bancários de Guarapuava, veremos que haverá esse envolvimento, principalmente no movimento das “Diretas Já”, que segue um princípio de matriz trabalhista.

Outro aspecto a ser destacado é que a necessidade premente de ter representatividade e, portanto, combatividade na luta pelos seus interesses, auxiliou os militantes na edificação de sua entidade, afinal, não passava despercebido pela categoria seu empobrecimento. Neste processo, o apoio da Federação de Bancários do Paraná (FEEB), conforme relatado pelo militante Silvano Simões Rocha, foi fundamental nessa reestruturação, pois a FEEB, ajudou a iniciar as primeiras reuniões para deflagrar o processo de reorganização da categoria. Dignas de nota são as estratégias usadas pelos militantes para reunirem-se e começarem a discutir sobre o sindicato, pois à época, segundo os mesmos, falar em assembleias era algo que atemorizava os demais colegas bancários, sendo latente como já explicitado, a presença e a tentativa de controle dos órgãos de inteligência do Estado. Soma-se a isso o fato de que, se os patrões (administração bancária) tomassem conhecimento, provavelmente, haveria problemas pessoais, conforme exposto nos fragmentos da entrevistas abaixo. Segundo Silvano Simões Rocha:

“[...] O sindicato nasceu da necessidade....da necessidade....dos bancários terem uma representatividade....certo.... claro que foi provocado pela federação..... a federação veio aqui e organizou algumas reuniões...na verdade a gente não falava nem em assembleia... porque assembleia o povo corria....então eram reuniões....reuniões...Assim no restaurante....ela tinha que ter uma outra denominaçãouma outra denominação ...para atrair algumas pessoas.....elas eram.... no início

foram pinçadas...então faziam contato com um aquele conhecia o outro ...quer dizer ...era uma corrente... sempre....sempre....de uma forma assim camuflada....sem que as administrações soubessem..... porque se a administração do banco soubessem que você tava se reunindo ...automaticamente você tava demitido.....então os sindicatos ... aqui o sindicato de Guarapuava nasceu na surdina...completamente.....assim sem que nenhuma administração de banco soubessem”.⁹⁴

Ainda sobre essa questão, o entrevistado Alcione Cristiano Macedo nos diz:

“...Não nesse período nos vivíamos ainda saindo de uma repressão militar... a maioria das pessoas....participavam das entidades sindicais...é....muitas vezes reuniões secretas...né .não eram abertas...até porque tinha algumas,,, várias algumas pessoas tinham medo de participar de reuniões....muitas vezes essas reuniões eram agendadas no contato... mantido pessoal.. para você participar de uma reunião aos pessoas pesquisavam muito..né de que lado que você tava.... porque havia muita infiltração do lado das pessoas que faziam o trabalho para os militares...informantes né... pessoas que eram ligadas aos militares...nos tivemos muito disso nessa década né....e lógico com isso ai havia muita perseguição ... muito ...muitos dados dos dirigentes... então ah... esse cuidado para que não se houvesse.... até inclusive..morte da pessoas... então nesse período é um período assim que as pessoasmaioria tinham medo de participar ahhh...inclusive se filiar à entidade sindical nesse”. período.”⁹⁵

A oficialização do Sindicato: o reconhecimento.

Desta forma, recebendo auxílio administrativo e jurídico da Federação de Bancários do Paraná (FEEB), o pequeno grupo de sindicalistas consegue, então, formar/reactivar a Associação de Profissionais Bancários e, através de estratégias que demonstram formas de resistência aos patrões, conseguem visibilidade junto à comunidade Guarapuavana e credibilidade junto à categoria, que via seus direitos

⁹⁴ Entrevista realizada pelo autor em 18 de janeiro de 2007.

⁹⁵ Entrevista realizada pelo autor em 16 de janeiro de 2007.

minimizados. Nesse processo de estruturação, o núcleo de militantes conseguiu filiar na Associação aproximadamente 120 associados, conforme dados da Federação de Bancários do Paraná. Estes serão os primeiros associados da entidade, o que representava aproximadamente 15% de trabalhadores nessa função em Guarapuava.

O sindicalista Renoh Pereira Schier também falou sobre o número inicial de filiados da associação de profissionais Bancários: “...no começo do movimento... eu não tenho bem lembrança....Guarapuava ...mas devia ter uma base de 500 bancários.....filiados assim a base de uns 100...150...que foram os que iniciaram..”

Após receber a tão esperada Carta Sindical, advinda do Ministério do Trabalho, o sindicato passa a gozar de todas as prerrogativas previstas em lei, o que dava maior credibilidade ao movimento de luta da categoria, afinal, dentro das perspectivas de redemocratização e reorganização da sociedade civil, os bancários agora tinham seu sindicato, órgão que visava a defesa dos direitos da categoria. Abaixo é reproduzida parte da ata de posse da primeira diretoria, eleita oficialmente para conduzir o sindicato no período de junho de 1984 a junho de 1987, que, como se pode observar, está carregada de “emoção” em sua redação. É interessante observar a tentativa dos mesmos em demonstrarem simbolicamente sua probidade, honestidade e retidão de caráter quando incluem na redação da ata a declaração de bens.

Aos 8 (oito dias do mês de junho (06) do ano de um mil novecentos e oitenta e quatro (1984), as vinte horas (20), nesta cidade de Guarapuava, nas instalações do Atalaia Palace Hotel, sito na rua XV de novembro, nº 3340, reuniram-se os senhores componentes da chapa eleita para direção do referido sindicato, com gestão para o período de 08 de (06) junho de 1984 a 08 de junho de 1987, e na presença de convidados especiais e integrantes da categoria bancária local, foram abertos os trabalhos pelo Sr. Gladir Antonio Basso, presidente do sindicato dos empregados em estabelecimentos bancários de Cascavel, o qual convidou para presidir os

trabalhos o Sr. Benedito Pereira de Sousa, chefe da delegacia do ministério do Trabalho de Guarapuava – Pr. Este ao assumir a presidência da mesa, manifestou sua satisfação em participar de tal reunião e agradeceu a gentileza do convite, alegando ser para ele uma honra e em nome do ministério do trabalho posse a nova diretoria desta entidade de classe.. Em seguida passou a convidar as autoridades presentes para tomarem parte da mesa, chamando inicialmente, o Sr. Roberto Pinto Ribeiro, presidente da Federação dos Empregados em estabelecimentos bancários do Estado do Paraná, em seguida o Sr. Ibere Eduardo Sasso, assessor jurídico do sindicato. Em seguida o Sr. Benedito Pereira de Souza passou a dar posse a seguinte diretoria, a qual vai administrar o sindicato no decorrer do triênio 1984/1987: Presidente Renoh Pereira Schier, 1º secretario Sebastião Aldori da Silva, 2º secretario João Manoel Lopes, 1º tesoureiro Silvano Simões Rocha, 2º tesoureiro Jony Prestes de Lima, suplentes da diretoria, Heitor Visentim Kramer Filho, Valdir Roque Horst, João Carlos Becker, Ezequiel Ribeiro, Renato Ribinski; conselho fiscal: Peddro Bueno de Almeida, Antonio Carlos Kosouski, Valdemir Estevo Ribeiro, suplentes do conselho fiscal Ariel Sebastião Antunes, Jorge Antonio Marangoni, Paulino Hykavei, delegado representantes junto ao conselho da Federação: Renoh Pereira Schier e Sebastião Aldori da Silva, suplentes do conselho de representantes: Ernani Krieguer Cherato e Jorge Mario Cionek. Empossada a diretoria o Sr. Presidente da Mesa passou a palavra ao Sr. Renoh Antonio Pereira Schier, presidente do sindicato que em seu discurso manifestou-se sobre as dificuldades encontradas para a formação do sindicato. Pela falta de apoio dos órgãos que defendem a classe trabalhadora e a situação em que se encontra o país na política econômica. Finalizando a reunião, o presidente agradeceu o prestigiamento da posse pelas autoridades ali presentes. Finalizando a reunião, o presidente da mesa agradeceu a presença de todos, ao mesmo tempo em que desejava a nova diretoria uma profícua gestão. Para que produza os efeitos legais, inclui-se nesta ata, a declaração de bens e valores de cada um dos integrantes da diretoria e do conselho fiscal, os quais segundo declaração por escrito fornecida a este sindicato possuem bens como segue(...) ⁹⁶

A foto abaixo ilustra a posse do diretor presidente, do tesoureiro e do Sr. Gladir presidente do sindicato de bancários de Cascavel – PR:

⁹⁶ Ata de posse da diretoria do sindicato de Bancários de Guarapuava e região em 08.06.1984.



Da direita para esquerda. Silvano Simões Rocha , Gladir Antonio Basso e Renoh Pereira Schier.

Importante apresentar também as estratégias que os militantes engendraram para mobilizar sua categoria, demonstrando habilidades importantes para a estruturação e manutenção da entidade dos bancários.

Dentro do princípio de estratégia e resistência, vale lembrar que o esporte foi uma das formas que permitiu a aproximação entre os bancários e, no desenrolar das suas atividades futebolísticas, aqueles que eram convidados a participar de uma partida de futebol ou de um campeonato eram sondados e convidados a fazer parte da reestruturação do sindicato. Como não possuíam sede própria e nem sede campestre, quando do início da reestruturação, os bancários utilizavam-se de empréstimos de dependências de clubes, como o Guarapuava Esporte Clube (GEC) e a Associação

Atlética Banco do Brasil (AABB) para realizar encontros esportivos e, nesses encontros, a liderança iniciava trabalho de convencimento da importância do sindicato e da necessidade do bancário lutar pelos seus direitos, o que fica evidenciado em um fragmento de entrevista de uma das lideranças, o Sr. Silvano Simões Rocha:

“...é claro que pra nós associarmos os bancários o ... que nós fazíamos... Nós promovíamos torneio de futebol... torneio de futebol... lá no torneio quer dizer... você tirava o bancário da agência ... porque nos não tínhamos acesso as agências... ninguém permitia que os dirigentes sindical chegasse conversar com os bancários... ta... então o que... que acontecia...com a criação da associação que... e depois transformação em sindicato ...começamos a fazer os primeiros boletins... falando de futebol.. falando de... naquela época evidentemente não tinha a mídia que tem hoje”⁹⁷.

A foto abaixo é um exemplo desses campeonatos:



Campeonato de Futebol interbancários 1983, nas dependências da AABB-Guarapuava.

⁹⁷ Entrevista realizada pelo autor em 18 de janeiro de 2007.

Observa-se, na fonte oral, a lembrança ainda forte do controle efetuado pelos patrões, através de seus representantes na administração de uma agência bancária. Porém, isso não impediu a categoria de achar e buscar alternativas que contornassem essa situação. Diversas formas de resistência, solidariedade e aprendizado irão acompanhar o movimento sindical bancário de Guarapuava, bem como as disputas internas que existiram.

Sobre essas estratégias de sindicalização, o entrevistado Renato Ribinski destaca que:

“[...] quando se fala em sindicato.....tudo tem que ser feito na surdina...ou por baixo dos panos até que se registre a chapa...depois de registrada e a chapa..ôô...banco não pode fazer mais nada..não pode mandar embora o funcionário...mas se ele souber antes... ou naquela época... se soubesse que estava se articulando..... ou estava querendo entrar no sindicato.... primeira coisa era ser mandado embora.... então enquanto não... não se registrasse a chapa era obrigado a ficar totalmente calado.... como se não tivesse acontecendo nada né...muito discreto..⁹⁸.”

Os entrevistados, em suas falas, permitem apreender, também, a conjuntura do medo que permeava os ativistas em sua prática sindical, onde a identificação de militante era forçosamente relacionada com a de subversivo, conforme já exposto. Essa estigmatização era um sério entrave para os militantes, pois atingia, além do mundo do trabalho, suas vidas privadas, causando danos significativos para os mesmos. Também é digno de nota que, mesmo nesse ambiente cerceado, alguns bancários se dispuseram a correr esse risco, em busca de direitos e da organização da categoria. Temos que ter em consideração, também, as aspirações pessoais que podem ter contribuído em sua

⁹⁸ Entrevista realizada pelo autor em 31 de março de 2007.

escolha por uma militância efetiva. Porém, o caráter coletivo de sua ação suplantou as ambições individuais.

Sobre a questão de ser militante, sindicalizado, e os problemas daí advindos é importante destacar a versão do militante Carlos Norberto Marcondes sobre o início da década de 1980. Para o depoente:

“[...] é...enfrentava muita dificuldade né...porque na época houve num país aí... não lembro que país aí... que teve um quebra-quebra...numa greve... e aqui no Brasil...tinha.... esperava-se ... pensava....que uma greve ia acontecer a mesma coisa....”⁹⁹

Nos primeiros anos de caminhada do sindicato, o número de bancários sindicalizados, segundo informações do Sr. Alcione, era em torno de 100 a 120. Porém, o número de militantes era consideravelmente reduzido, em torno de 20 pessoas que realmente freqüentavam o sindicato, uma vez que alguns até pagavam a mensalidade, segundo os depoimentos, mas não queriam que fosse descontado em folha, para que não sofressem pressões dos patrões. Um dado a ser exposto é o fato de que em Guarapuava, no período, havia aproximadamente de 800 a 1000¹⁰⁰ bancários, como já mencionado. No Paraná eram aproximadamente 30.000 bancários, sendo que 17.000 eram sindicalizados¹⁰¹ e, em nível nacional na, década de 1980 o número de bancários chegou a 821.424, vindo a cair nos anos 1990 para 497.109¹⁰². Vale ressaltar que foram consultadas, para efeito de estatística nacional, três fontes que, embora não

⁹⁹ Entrevista realizada em 18 de janeiro de 2007.

¹⁰⁰ Entrevista com presidente Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Guarapuava e Região Sr. Alcione Cristiano Macedo em 16 de janeiro de 2007.

¹⁰¹ Caderno CRH, Salvador v.18. nº 43 p. 140. abril 2005

¹⁰² LARANJEIRA. Sonia M. G. *Reestruturação produtiva no Setor Bancário: A realidade dos anos 90*. Educação e Sociedade, ano XVIII. Nº 61. p. 110 a 138.

apresentem números idênticos, os apresentam de forma próxima¹⁰³ e, hoje, são aproximadamente 450.000 bancários. Este aspecto demonstra a importância numérica da categoria no período abarcado pela presente pesquisa.

Especificamente em Guarapuava foi considerável o número de bancários, em função da quantidade de casas bancárias que aqui atuavam, tendo em vista a dinâmica da economia do município. Sobre o número das casas bancárias o entrevistado Silvano Simões Rocha destaca:

“[...] olha...tinha...eu trabalhava no Bradesco...tinha Bradesco, na frente Unibanco...tinha o Banco....Sul Brasileiro....Banco do Brasil...Banco Itaú já tinha ...tinha uma agência né...o Banco do Estado...Banco real...Banco mercantil de São Paulo....chamava-se Mercapaulo...casas de Poupança... o Bamerindus....a Caixa Econômica....ah...aí deu 10...que mais que tinha... depois veio o Banco Noroeste....mais, mais na seqüência.... que eu lembre só... Banco Nacional na esquina.... o Bandeirantes na outra esquina depois o Bandeirantes se fundiu primeiro no local do Bandeirantes antes era Mercantil de São Paulo....depois ah o Banco Mercantil... Mercantil do Brasil eh eh daí o Mercantil de São Paulo que depois ficou Bandeirantes....ah...houve uma época também que era HabitasulHabitasul tava se fundindo com o Banco Sul Brasileiroque daí quebrou o Sul Brasileiro que depois ficou... o Sul Brasileiro virou Meridional do Brasil....Habitasul quebrou....tão que mais tinha.... eh eh tinha Habitasul.....tinha bastante agências aqui em Guarapuava..”,¹⁰⁴

Tais informações corroboram com dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Guarapuava, expedido pela Divisão de Controle de Alvarás e ISSQN¹⁰⁵, que lista as seguintes casas bancárias:

RELAÇÃO DE INSTITUIÇÕES BANCARIAS NO PERÍODO DE 1978 à 1990

¹⁰³ Nise Jinkings em seu livro O mister de Fazer dinheiro. Na pagina 93, referencia dados da Fenaban, informando o números de bancários em 629.398, Sonia Larangeira, fala em 821.424 e o DIEESE no caderno linha bancaria CAGED-MTB, estima em 811.425 bancários.

¹⁰⁴ Entrevista realizada em 18 de janeiro de 2007.

¹⁰⁵ Ofício nº 07/2007 -DEHIS

- BANCO BRADESCO S/A
- BANCO ITAU S/A
- BANCO DO BRASIL S/A
- UNIÃO DE BANCOS DE BRASILEIROS
- CAIXA ECONOMICA FEDERAL
- BANCO BAMERINDUS DO BRASIL S/A
- BANCO DO ESTADO DO PARANÁ
- BANCO SUL BRASILEIRO
- BANCO BANDEIRANTES S/A
- BANCO NACIONAL S/A
- BANCO NOROESTE S/A
- BANCO MERIDIONAL DO BRASIL
- BANCO REAL S/A
- BANCO MERCANTIL DO BRASIL S/A

São esses Bancos que, à época, contrataram mão-de-obra qualificada oriunda de setores médios da sociedade Guarapuavana, que iriaõ organizar a reestruturação do *Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Guarapuava*.

Aqui, cabe uma observação interessante: na década de 1960, o ciclo econômico da madeira impulsionou o desenvolvimento da cidade e atraiu instituições bancárias, que operacionalizavam a captação e aplicação de recursos do setor primário-industrial e também do setor comercial da cidade. Foi a partir de meados da década de 1970, com a introdução da cultura da soja nos campos de Guarapuava, que o Banco do Brasil se caracterizou como um banco de investimentos e passou a ter papel importante no cenário da cidade, assim como a Caixa econômica Federal que repassava verbas aplicadas em infra-estrutura (saneamento e habitação). As demais instituições apresentavam um perfil comercial, atuando fortemente no setor comercial e industrial, sem grandes inversões em projetos de infra-estrutura, muito embora aplicassem recursos na agricultura e indústria. Soma-se, ainda neste contexto, outros dois fatores

que são importantes no estudo da atuação dessas instituições em Guarapuava: 1) a localização central geográfica da cidade; 2) a disponibilidade de mão-de-obra qualificada, oriunda dos setores médios urbanos da sociedade que, como veremos, iriam formar uma categoria tida como “elite” de trabalhadores (trabalhadores do colarinho branco-White collors), que estava gradativamente desmoronando em função da perda do poder aquisitivo e do *status social*.

Vale lembrar que o Sindicato de Bancários de Guarapuava e região existia no período pré-golpe e era atuante, mantendo contato com organizações sindicais do Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco, conforme jornais, informativos e correspondências levantados nos arquivos do DOPS. Ou seja, considerando o período em tela, o sindicato era engajado nas lutas políticas e sociais da época. No momento da reabertura política no cenário brasileiro, houve uma retomada em Guarapuava do movimento sindical, sendo a luta desta importante categoria emblemática. Portanto, inserido na retomada do movimento sindical nacional esta a luta pela reestruturação do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Guarapuava e região, que será uma entidade de luta e resistência, em prol dos direitos dos bancários. Luta essa traduzida, principalmente nas greves e nas negociações, então, realizadas na década de 1980, que foram impulsionadas, a priori, pelas novas relações sindicais preconizadas pela conjuntura político sindical vigente.

É importante enfatizar, novamente, o posicionamento da categoria no cenário da resistência, pois aspectos importantes, ocorridos no pré-1964, serão relidos pelos militantes nas décadas posteriores, como, por exemplo, o fato da sede do sindicato ter sido fechada e todo mobiliário e documentos terem sido arrestados. Os militantes bancários de Guarapuava na década de 1980, cientes, dessa situação tentaram

ressarcimento sem, contudo, obterem êxito, o que demonstrava a capacidade de luta frente a um governo militar que tinha como Presidente o General João Batista de Oliveira Figueiredo e que lhes era frontalmente desfavorável. A respeito desta questão, Alcione Cristiano Macedo fala:

“[...] O sindicato tinha carro, telefone, tinha sala, até a sede do sindicato era onde hoje é as casas Bahia, antiga Pernambucana na XV¹⁰⁶ e com a intervenção militar as pessoas foram afastadas, uma detidas logo depois foram liberadas, mas o patrimônio do sindicato foi tudo para o exercito, o exercito tomou conta de telefone carro tudo, isso aí depois nos tentamos ver se conseguia resgatar alguma coisa mais infelizmente os documentos existentes foram consumidos nessa época; estamos tentando ver se conseguimos resgatar alguma coisa, mas até hoje ainda mesmo com a abertura dos arquivos da inteligência nós não conseguimos apurar.....a documentação, foi levado junto foi consumida.... consumida não deve estar possivelmente em alguns setores se é que não foi destruída em alguns setores de inteligência do exercito ou da inteligência que ainda existe no Brasil”¹⁰⁷

A reestruturação do sindicato ocorreu efetivamente na década de 1980, quando o bancário Renoh Pereira Schier encampou, junto com outros colegas bancários, a tarefa de reerguerem a categoria. Porém, novamente, enfatizamos a longa duração da atividade sindical, mesmo que na clandestinidade. O fragmento abaixo da Enciclopédia Sindical Brasileira aponta, de forma breve, o histórico e retomada do sindicato de bancários de Guarapuava.

“[...] O sindicato originou-se de uma associação profissional criada antes da revolução de 1964. Com o advento do militarismo, a Entidade foi cassada e sua reativação só veio a ocorrer em 1982, quando Renoh Pereira Schier dedicou-se a reerguer a classe dos bancários. Renoh foi o primeiro Presidente após a reativação da Associação e, em 1982, foi um

¹⁰⁶ A rua XV de novembro, na cidade de Guarapuava, é a Rua que concentra e sempre concentrou grande número de casas Bancárias, e é considerada a melhor para ponto comercial, dado ao fluxo de pessoas.

¹⁰⁷ Entrevista realizada em 16 de janeiro de 2007

dos fundadores do sindicato. Com a legalização do Sindicato, que foi homologado em 29 de dezembro de 1983, Renoh assumiu também a primeira presidência do órgão, permanecendo no comando até 1986". (1991,p.246).

Ainda sobre os aspectos de organização da entidade sindical dos bancários, é importante apresentar a memória reavivada de Silvano Simões Rocha; para o depoente:

"[...] veja...no início quem...quem fomentou a criação... foi a Federação.....a Federação dos bancários do Paraná.... então ele vieram ...reuniram alguns.... algumas lideranças...e fizeram.... criaram a Associação..... o que, que aconteceu....ahm...tudo isso na surdina... tudo isso no escuro.....tudo isso sem que nenhuma administração de banco soubesse.... porque se o gerente soubesse que tinha um funcionário participando de reunião de sindicato...no dia seguinte....demitia... tava na rua....era pressão..na .pressão.não tinha....a gente só ia na reunião se soubesse que.... era em off.... então existia um medo muito grande nas pessoas....ate porque os gerentes diziam não quero que ninguém se meta com sindicato... e todo mundo tinha medo precisava do emprego.....e... mas foi a Federação...que fez a primeira reunião" ¹⁰⁸.

Abordando-se a questão do aprendizado e do intercâmbio com outras instituições, o entrevistado Carlos Alberto Nascimento nos diz:

"[...] uhmmm... daqui da região mais com Ponta Grossa e Curitiba¹⁰⁹....era a ligação com bancários... Nos tínhamos um contato ..muito ... muito efetivo com o.. sindicato dos eletricitários... tinha uma...uma liderança muito grande na regiãoe era um pessoal de luta....pessoal de...de...de... realmente marcar presença e mobilizar os sindicalistas.....os... era Copel¹¹⁰... Eletrosul¹¹¹.... pessoal bastante atuante...e nós fomos entrando... fomos inseridos nesse processo...de discussão de de participação de eventos... partiu daí a idéia de organizar uma associação a princípio.. primeiro foi montado uma associação" ¹¹².

¹⁰⁸ Entrevista realizada pelo autor em 18 de janeiro de 2007.

¹⁰⁹ Ponta Grossa cidade pólo do setor agroindustrial com forte atividade econômica, e Curitiba é a capital do Paraná, sede da Federação Paranaense de Bancários.

¹¹⁰ COPEL – Companhia Paranaense de Energia Elétrica.

¹¹¹ ELETROSUL- Empresa Transmissora de Energia Elétrica do Sul do Brasil.

¹¹² Entrevista realizada pelo autor em 12 de abril de 2007.

Aspecto de contato com outras entidades pode ser observado na foto abaixo.



Reunião com lideranças do sindicato dos eletricitários (Jandir Ferrari), do sindicato do mobiliário e construção civil (Quartieiro) e sindicato de empregados no setor de papel e papelão (Acácio Marcondes).

Ainda sobre essa fase, Sebastião Aldori, fala sobre a sua experiência no movimento sindical:

“[...] eu comecei trabalhar em banco... em..no Bamerindus em Curitiba em 1976... na épocae daí fui transferido.... para Guarapuava em 1979... então já tinha mais ou menos conhecimento de como é que funcionava um sindicato...na época daí eles vieram.... a federação veio para Guarapuava para formar uma associação e posteriormente o sindicato....então já tinha mais ou menos conhecimento e daí ajudei a conscientizar o pessoalos bancários de Guarapuava que a necessidade de formar um sindicato no ano que nos formamos e começamos aí”¹¹³.

Sintetizando esse capítulo, acompanhamos o posicionamento de Eric Hobsbawm quando o autor destaca que :

¹¹³ Entrevista realizada pelo autor em 14 de abril de 2007.

“[...] ficou historicamente provado que é difícil contestar e impedir a consciência de classe, já que ela surge natural e logicamente da condição proletária, pelo menos na forma elementar de consciência sindical, isto é, o reconhecimento de que trabalhadores como tais precisam organizar-se coletivamente contra os empregadores, a fim de defender e melhorar suas condições como operários assalariados. (1987, p. 88)”.

Pode-se inferir que a re-estruturação do sindicato foi motivada por vários fatores, dentre os quais destacam-se os seguintes: um núcleo ativo de militantes que se posicionaram em prol da criação da entidade; o apoio da Federação de Bancários do Paraná; a relação de proximidade com os militantes de outras entidades; e a conjuntura de arrocho salarial então vigente.

Os bancários de Guarapuava tinham consciência da importância de uma entidade oficialmente constituída para defender seus direitos. Assim, mesmo em um momento tensionado, se dispuseram a edificá-la, enfrentando os riscos de desemprego, advindos desse processo. No próximo capítulo será, abordada a consolidação do sindicato, suas lutas internas e externas e a sua atuação naquilo que podemos nomear de Era de Ouro do Sindicalismo Cutista.

CAPÍTULO IV – Consolidação, organização, luta e resistência no contexto do Sindicalismo Cutista.

Neste capítulo serão apresentados aspectos considerados importantes para caracterizar, de forma crítica, o cotidiano sindical bancário em Guarapuava no período analisado.

Neste sentido, o Sindicato de Bancários de Guarapuava edifica-se dentro de um contexto de efervescência do movimento sindical brasileiro, tanto que, desde sua reestruturação através da Associação de Bancários até o recebimento da Carta Sindical do Ministério do Trabalho, percebe-se a influência do momento político e econômico decorrentes do processo de reabertura política em voga no governo do General João Baptista de Figueiredo. Também é herdeiro do processo de luta sindical emergido no final dos anos setenta no ABC paulista e em outras regiões do país. Esses contextos marcaram as práticas desenvolvidas pelos militantes bancários em Guarapuava, no que diz respeito às suas aspirações e práticas em defesa dos seus interesses. Ou seja, inseriam-se em um momento histórico e foram agentes do mesmo lutando por direitos, pela redemocratização do país e pelo fortalecimento das instituições dos trabalhadores.¹¹⁴

Destaca-se o papel fundamental da Federação de Bancários do Paraná (FEEB), que apóia a organização dos bancários de Guarapuava, fornecendo apoio financeiro, administrativo e jurídico legal, conforme levantado no trecho de entrevista abaixo:

“[...] daí...o pessoal da Federação de bancários de Curitiba..... veio fazer uma visita...em Guarapuava ..né...pra ver a possibilidade de... ser fundado uma associação... e aí entraram em contato comigona época eu era chefe de serviço do Unibanco e eu fiquei muito interessado...sabe....daí entramos em contato via telefone e tal...até que chegamos em uma acordo que poderia ser fundado a associação... e que eu tava prestes a fundar... é como eu falei no início a federação deu uma mão pra nós...né ...não tinha nada... simplesmente eu aluguei uma sala daí a Federação me autorizou a comprar uma mesa ...um arquivo... e um telefone.”¹¹⁵

Salientamos que a FEEB, sendo órgão de representação estadual de bancários, exerceu influência junto ao pequeno grupo de organizadores, pois, embora a FEEB e

¹¹⁴ Esse aspecto é evidenciado quando sindicalistas das mais diversas correntes realizam o primeiro CONCLAT- Conferencia Nacional da Classe Trabalhadora na cidade de Praia Grande (SP) em 1981.

¹¹⁵ Entrevista realizada pelo autor em 13.06.2007.

sua militância se pautassem em bases estruturais do modelo sindical vigente, absorvia ares de mudança preconizados pelo sindicalismo cutista, como, por exemplo, a organização pela base.¹¹⁶

Durante toda a década de 1980, que é considerada a época de ouro do sindicalismo Cutista, o sindicato permaneceu ligado a FEEB, porém adotando ora práticas Cutistas, como percorrer e ampliar a base de atuação, orientar filiar e informar bancários de seus direitos, ora seguia o modelo antigo de colaboração, assistencialismo, negociação com autoridades constituídas, etc. Em 1984, toma posse a primeira diretoria do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Guarapuava e região, formada pelos seguintes membros:

Diretoria Executiva - Renoh Pereira Schier (Unibanco), Sebastião Aldori da Silva (Bamerindus), João Manoel Lopes (Itaú), Silvano Simões Rocha (Bradesco) e Jony Prestes de Lima (Sulbrasileiro). Suplentes – Heitor Kramer Filho (Banreal), Valdir Roque Horst (Bamerindus), João Carlos Becher (Itaú), Eziquiel Ribeiro (Banestado), Renato Ribinski (Bradesco). Conselho Fiscal – Pedro Bueno de Almeida (Unibanco), Antonio Carlos Kosouski (Bamerindus), Valdemir Estevo Ribeiro (Unibanco). Suplentes – Ariel S. Antunes (Mercantil), Jorge Morangoni (Banestado), Paulino Hykavei (Habilitasul). Delegados representantes junto a Federação – Efetivos – Renoh Pereira Schier (Unibanco) e Sebastião Aldori da Silva (Bamerindus). Suplentes – Ernani Kruguer Cherato (Nacional) e Jorge Mario Cionek (Bamerindus)¹¹⁷.

Observa-se que não havia presença dos bancários de bancos estatais como Banco do Brasil e Caixa Econômica, sendo a única exceção à regra um bancário do Banestado (Banco do Estado do Paraná) na primeira diretoria, pois, segundo o entrevistado Renoh Pereira Schier, os bancários do banco do Brasil e Caixa Econômica não eram de fácil acesso e se consideravam a elite da categoria. Já com os demais bancários, pelos laços

¹¹⁶ A CUT cria um movimento junto aos trabalhadores chamado Organização pela Base ou “CUT PELA BASE” que pretendia fugir do modelo de organização até então presente que era o do sindicalismo *cupulista*, praticado pelo PTB e PCB.

¹¹⁷ Jornal O Bancário, Dezembro de 1993, p. 02.

de amizade e solidariedade e por ser chefe de serviço do Unibanco, o contato se dava por afinidade. Aliás, isso demonstra uma própria divisão dentro da categoria.



Jantar de posse da primeira diretoria do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Guarapuava e região. Da esquerda para direita: Sebastião Aldori e esposa, Renoh Pereira Schier, Gladir Antonio Basso, Benedito Pereira de Souza, Silvano Simões Rocha. Dependências do Atalaia Palace hotel.

Importante também destacar um personagem fundamental na estruturação do sindicato, tendo em vista o empenho que o mesmo realizou para organização da entidade dos bancários guarapuavanos. Segue abaixo a foto deste militante, o Sr. Renoh Pereira Schier:



Jantar de posse da diretoria: O bancário Renoh Pereira Schier, Fundador da Associação de profissionais Bancários de Guarapuava e agora presidente empossado da primeira diretoria do sindicato, preparando-se para o jantar nas dependências do Atalaia Palace Hotel.

Após ajudar na estruturação da Associação, a Federação acompanhou e participou da eleição da primeira diretoria, continuando a orientar e fornecer o arcabouço jurídico legal, além de fornecer recursos financeiros à logística de comunicação, através da impressão de informativos que, conforme relata o depoente Silvano Simões, eram entregues junto aos bancários no sentido de informá-los de seus direitos, principalmente

disponibilizando advogado para representar o sindicalizado, informando sobre convênios junto ao comércio local e, principalmente, trazendo informações sobre negociações salariais e cláusulas sociais, além de informar como estava a categoria em outras cidades. Cabe destacar que, na memória reavivada dos depoentes, essa prática é valorizada, tendo em vista os esforços que os mesmos desenvolviam para efetivação da entrega e do contato direto com a categoria, desafiando coerções e demonstrando uma atitude militante de enfrentamento. Logo, a entrega de jornal informativo também é demonstrativa das estratégias que os militantes utilizavam para realizar sua função, de ampliação da base sindical. O relato abaixo é emblemático dessa ação.

“[...] não...não... é o seguinte.....a gente... uma..uma das técnicas nossas era chegar pelo menos em três na agência....tão normalmente um ia direto no gerente... chegava distribuía o jornal né...e conversa com o gerente...enquanto eu entretia¹¹⁸ o gerente... os outros faziam.....mas com o passar do tempo....a gente chegava e dizia... olha eu vou distribuir o jornal.... já nem pedia... nos tínhamos livre acesso... passado uns ...no segundo mandato a gente já conseguiu isso...nos já tínhamos até por que também a gente colocava nos acordos livre acesso.... tão nos entravamos.... agora dependendo da agência quando ela tava fechada.... tinha gerente que....mas nos particulares... a gente entrava....”¹¹⁹

¹¹⁸ Linguagem coloquial usada para designar distração, desvio de atenção.

¹¹⁹ Entrevista realizada pelo autor em 18.01.2007.



O sindicalista Silvano Simões Rocha em uma reunião segurando e lendo notícias do jornal de comunicação da categoria O BANCÁRIO.

Na foto acima se observa que os próprios sindicalistas utilizavam o informativo em suas exposições, visando legitimar sua fala. Afinal, acredita-se que tinham conhecimento do valor simbólico do material impresso, por eles mesmos.

A organização do sindicato passou por dificuldades de uma reestruturação de entidade e mobilização de categoria, principalmente quando se leva em conta que a sociedade civil estava saindo de um regime de exceção e controle exercido pelos militares. Entender sobre meandros da burocracia, aprender práticas sindicais, contornar a hostilidade de setores da sociedade foram alguns dos desafios enfrentados pelo pequeno grupo. Perguntas que se tornam imperativas quando analisada essa questão são as

seguintes: por que organizar, como organizar? e como chamar os colegas bancários à militância? A organização e a mobilização da categoria foram o grande desafio do pequeno grupo formado por Silvano Simões Rocha, Renoh Pereira Schier e Sebastião Aldori, que, dentre outros, apresentaram-se na gênese do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Guarapuava e região, tais como uma minoria de linguagem e propósitos articulados. Posteriormente a essas questões, ainda foi preciso enfrentar os desafios do cotidiano, como, por exemplo, driblar os entraves da burocracia de controle do Estado, através de relações estreitas com autoridades constituídas, como o caso do delegado do Ministério do Trabalho, o Sr. Benedito Pereira de Souza. O relato abaixo aborda esta questão de proximidade:

“[...] Na medida em que eles conheciam o sindicato e a real.....é...atuação do sindicato... a função do sindicato que não era só...dar benefíciosmas.. o que aconteceu...nos começamos então a...a nos aproximar dos bancários...ao nos aproximarmos ...eles começaram perceber a importância do sindicato.....começaram também denunciar as arbitrariedades.. os abusos os excessos de trabalho.. e ai o que aconteceu.....com base nessas denúncias.....nos começamos então a conversar com o ministérios do trabalho com a fiscalização do ministério.... aqui em Guarapuava tinha o Doutor Benedito ... que era o chefe do posto local... e ai o doutor Benedito.... nos o chamávamos assim...ele começou a fiscalizar os bancos... e na medida que fiscalizava... a gente também ... capitalizava..em cima ... então nos dizíamos...foi o sindicato que mandou..como de fato foi o sindicato...”¹²⁰

O sindicalista Renoh Pereira Schier também referencia a estreita relação com as autoridades constituídas, na busca de atendimento aos interesses da categoria:

“[...] agora a.... delega.....a delegacia do trabalho.....ministério do trabalho... isso ate foi um caso bastante... bastante... engraçado.. porque... eu não lembro faz muito tempo o nome do fiscal que veio mais era um senhor de idade... isso o seu Benedito... agora lembrei...inclusive fizemos muita amizade com ele.. então ele morava em Curitiba... daí ele foi destacado pra cá e ficou em Guarapuava né ...inclusive nos cedemos uma sala que nos

¹²⁰ Entrevista realizada pelo autor em 18.01.2007, com Sr. Silvano Simões Rocha.

tínhamos no sindicato pra ele utilizar... porque inclusive depois que.....com o seu Benedito foi uma belezapor que ele estava sempre junto conosco ali no sindicato.. qualquer dúvida ... qualquer tipo de irregularidade nos banco a gente comunicava ele estava na hora...sabe....”¹²¹

O depoente Renato Ribinski também fala sobre a proximidade com as autoridades, aspecto este recorrente na memória reavivada dos depoentes, o que permite apreender que os mesmos utilizavam essa prática na busca da garantia de seus direitos:

“[...] quando daí...houve ...ah...o sindicato veio pra cá...dai nos...organizamos e começamos conversar na época com seu Benedito ..que era o...o....diretor....do..do...delegado da... do trabalho aqui ...o Mauro Pacheco que hoje é juiz depois ele substitui o seu Benedito.... e a Sandra que esta até hoje que é irmã do doutor Mauro...então ...o que.. que acontecia...eu fazendo a minha parte...né... eu saia do Banco as duas horas...duas e quinze...e me passavam bilhetinho....ó Renato... vai ter reunião hoje as seis e meia...eu saia do sindicato ia até o ministério do trabalho...falava com seu Benedito..falava com o Mauro...vai ter reunião seis e meia ...sete horas ...dá pra vocês passar lá..... então era uma via sacra todo a dia...toda semana tinha que ir lá conversar com eles...pra virem fazer uma visita no Banco....pressão...”¹²²

Como foi afirmado anteriormente, na introdução desta dissertação, sempre foi considerado o fato de se estar trabalhando com memórias, portanto passíveis de lacunas. Mesmo assim, é passível de observação, nas fontes orais, pela recorrência das argumentações, as variadas formas de militância que foram utilizadas para contornar a resistência de gerentes de agências, que não permitiam sindicalistas desenvolvendo militância junto aos bancários no local de trabalho:

“...Nós tínhamos alguém na agência.....alguém ligado ao sindicato... não necessariamente dirigente sindical mas alguém que nos tínhamos um contato e que fosse da nossa confiança.... então ele dizia ... hoje nos vamos trabalhar ate as 10 da noite...mas não cite meu nome...não pode

¹²¹ Entrevista realizada pelo autor em 13.06.2007, com sindicalista Renoh Pereira Schier.

¹²² Entrevista realizada com Sr. Renato Ribinski em 31.03.2007 em Guarapuava.

deixar.....então... nos fomos no ministério e se nos tivéssemos a garantia do Doutor Benedito que ele ia fiscalizar o banco ...nos avisávamos ele.....olhe então hoje vai o sindicato...então no a dia seguinte essa pessoa falava..... pra um pra outro.... dizia olha ...foi o sindicato que mandou...então o sindicato começou a ter o quecredibilidade... não que a pessoa quisesse ferrar o banco...mas o que acontecia no a dia seguinte o gerente do banco dizia ...não ... eu não posso levar essas multas ... então nos temos que trabalhar menos...nos temos que sair mais cedo... ai então eles passaram a se preocupar com isso sabe.... as administrações das agências.”¹²³

Além disso, tinham que buscar formas de lutar contra a intitulada “lista negra”¹²⁴ de bancários que aderissem ao sindicato. Esta é uma questão importante a ser analisada, na medida que demonstra o grau de comprometimento dos militantes com sua entidade, pois poderiam sofrer conseqüências que abalariam seu modo de vida. Mesmo que por motivos variados a militância era uma atividade de risco pessoal. É o que relata o sindicalista Silvano Simões Rocha:

“[...] Existia...é... existia.... porque até..até...o surgimento do sindicato de Guarapuava . ou .pelo menos nos anos 80... ou o ressurgimento... a gente tinha conhecimento que basicamente não havia ações trabalhistas...nenhum bancário entrava com ação...embora trabalhasse ...durante né’... trabalhava fazendo hora extra....mas não nos não tínhamos a...a.... as pessoas não reivindicavam.....seus direitos... o que.. que aconteceu.... a partir do momento que o sindicato ... uma das coisas que nos fazíamos... e era obrigatório pelo estatuto dar assistência jurídica aos associados...então nos oferecíamos assistência jurídica.... então o sujeito pensava puxa vida se algum a dia eu sair do banco o sindicato vai me orientar.... e de fato começou a fazer isso... o sindicato então pegou um advogado e esse advogado então começou orientar os associados. Aqueles que saiam nos começamos então entrar com ação... a orientá-los com nosso advogado... pra que entrasse com ação....é...é alguns bancos... você sabe que a lista negra é proibida...mas alguns bancos começaramprincipalmente...no início verificar quem entrava com ação ... e não pegavam mais...com a passar do tempo não pegavam mais...”¹²⁵

Nesta mesma linha relata Alcione Cristiano Macedo:

¹²³ Entrevista realizada pelo autor em 18.01.2007, com Sr. Silvano Simões Rocha.

¹²⁴ Lista negra – nome dado a uma listagem que incluía o nome de bancários que participassem de associação ou movessem ação ou mesmo que fossem considerados pelos patrões como agitadores da categoria no local de trabalho. Era encabeçada pelas lideranças do movimento sindical e quando o bancário constava nessa lista não era contratado pelos bancos que operavam no sistema financeiro.

¹²⁵ Entrevista realizada pelo autor em 18.01.2007, com Sr. Silvano Simões Rocha.

“[...] Existia...existia... isso ai... dentro do banco né... na verdade a lista negra dentro dos bancos... né...só deixou de existir a partir de 87 ou 90 que houve uma...uma... uma intervenção maior...né .. houve o reconhecimento e o respaldo através das convenções coletivas assinadas....dando.. né.. a.... a..... autonomia e autorização para que os dirigentes sindicais tivessem.. né ..livre acesso as agencias bancárias...né... isso ai abriu campo para se fazer um trabalho melhor com a categoria.”¹²⁶

Os depoentes podem ter supervalorizado os riscos que enfrentaram para a atividade militante. Porém, no intercruzamento de dados, pode-se ter presente que os riscos existiam.

Novamente tendo a memória como principal fonte destacamos o conflito que existia entre os militantes e as administrações de agências bancárias, conforme relatado pelo sindicalista Renato Ribinski, que em sua entrevista aborda este tal aspecto.

“...a lista negra na realidade sempre existiu....se você tinha sindicato sempre tinha aquela lista das pessoas que se formavam...que a gerência pensava que era uma...uma... ameaça pra eles.... eles....já..... ia pra lista negra.....inclusive tem o caso....no caso quando eu entrei pro sindicato....em 1984... quando nos articulamos a primeira greve dos bancários em Guarapuava em setembro de 1985... é.. quer queira acreditar ou não ...eu era proibido de falar com os funcionários....quer dizer os funcionários eram proibidos de falar comigo... eles falavam comigo por bilhete por que ô o que que acontecia....quando você é do sindicato...a gente tem a obrigação de defender o empregado...”¹²⁷

Além desses problemas externos, ocorriam embates internos na diretoria e a luta entre colegas bancários, como por exemplo, quando do vencimento do mandato da primeira diretoria do Sindicato. Muito embora em seu depoimento o sindicalista Renoh Pereira Schier afirme que não havia disputas, pode-se depreender pelo que ele relata, que havia disputas:

¹²⁶ Entrevista realizada pelo autor em 17 de janeiro de 2007, com Sr. Alcione Cristiano Macedo.

¹²⁷ Entrevista realizada pelo autor em 31.03.2007.

“...não...a...nossa relação era muito boa... é..boa mesmo ... só começou a tumultuar um pouco...após o vencimento do meu mandato como presidente..que terminou meu mandato de presidente...iiih.. eu não quis mais daí.. porque tinha o Silvano também... tinha o Sebastião...que queriam ser presidente...né...eles tinham condições...mas quem tinha mais condições era o Silvano...então daí houve uns funcionários de outros bancos queriam também participar...”¹²⁸

Sobre as lutas internas, o sindicalista Sebastião Aldori fala:

“...como eu comentei... no começo....começou... depois no segundo terceiro mandato..começou agitar mais... que no início era pouco...não tinha estrutura ...pagava aluguel...não tinha nada...era fraco... depois que estruturou... começou mais...ter força...aquisitivamente...era melhor...o poder aquisitivo...aí começou dá briga...briga de poder daí...então começou...um queria pegar a presidência...outro queria pegar outra área tá... as centrais... e daí onde que...o pessoal...eu...eu caí fora...na época...”¹²⁹

Na análise das fontes, foi possível observar as complexidades envolvidas nas relações entre trabalhadores bancários, como por exemplo, suas rivalidades. E uma forma de observar isso foi nas rugas existentes entre bancários dos bancos Estatais como Banco do Brasil e Caixa Econômica, e os bancários de bancos privados, pois, de acordo com o entrevistado Renoh Pereira Schier, os bancários do Banco do Brasil e Caixa Econômica de certa forma, em momentos de confronto, eram considerados como entrave ao processo. O relato abaixo aborda esse contexto.

“[...] tinha, tinha muitos bancários.. inclusive a maioria dos bancários que eram contra..... eram bancários do banco do Brasil e Caixa Econômica também... eu não sei porque a...a...a..classe dos bancários vamos dizer...do banco do Brasil e Caixa Econômica eles se consideravam um pouco a nível superior dodos bancos privados... então era isso...

¹²⁸ Entrevista realizada pelo autor em 13.06.2007.

¹²⁹ Entrevista realizada pelo autor em 14.04.2007, com sindicalista Sebastião Aldori da Silva na cidade de Turvo – Pr.

então eles ganhavam um pouco mais...tinham umas mordomias a mais..... e não se envolviam no movimento”¹³⁰.

Tal disputa assumiu proporções consideráveis, que mesmo no início da década de 1990 ainda era percebida, como observada na apresentação de uma chapa formada exclusivamente por funcionários do Banco do Brasil para concorrer às eleições de diretoria da entidade.¹³¹ Soma-se a essas outras disputas inerentes ao cotidiano da prática sindical e do trabalho, pois, nesse ambiente, encontramos espaço para antipatias, traições, delações, etc.

Nessa questão de disputas internas, tem-se presente que, mesmo sendo recorrentes no cotidiano sindical, não afetavam drasticamente as possibilidades de unidade em momentos de defesa por direitos. Afinal, quando os interesses de todos estavam envolvidos, foi preciso observar nas fontes a prevalência de uma certa unidade. Porém, as fontes são relatadas para apresentar o sindicato de uma forma dinâmica. Os fragmentos abaixo apontam o multifacetário cenário das disputas internas.

Havia ocorrência das disputas de cunho político como, por exemplo, as brigas internas, como foi o caso da “devolução”¹³² do sindicalista Carlos Norberto Marcondes, funcionário do Banco do Brasil que estava em disponibilidade para atuar no sindicato, mas que em função do seu posicionamento político orientado pelo PT (Partido dos Trabalhadores) e pela Central Única, queria a vinculação do sindicato a CUT e como a orientação na época por parte do sindicato foi de seguir a linha independente preconizada pela FEEB, este se

¹³⁰ Entrevista realizada pelo autor em 13.06.2007.

¹³¹ Ofício 20/90 do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Guarapuava e região, que notificou o Banco do Brasil sobre registro de chapa concorrente a diretoria de sindicato, onde continha 18 funcionários daquela instituição concorrendo aos cargos.

¹³² O sindicalista Carlos Norberto Marcondes havia sido disponibilizado pelo Banco do Brasil para atuar integralmente como dirigente sindical, porém em função de disputas internas o mesmo por decisão da diretoria foi “devolvido” ao local de trabalho, ou seja, ao Banco não mais disponibilizado para atuar integralmente como dirigente sindical.

postou em oposição a diretoria, recebendo apoio dos colegas do Banco do Brasil, inclusive em assembléia realizada, como relata o sindicalista Alcione Cristiano Macedo:

“[...] É nós tivemos algumas...algumas....algumas....brigas internas.....mas.....avaliando hoje...né... eu particularmente avaliando hoje... tivemos problemas... tivemos a intervenção...né.....com a devolução do..do...do... Carlos Marcondes...né....Carlinhos Marcondes foi devolvido né...pro Banco..né... tivemos uma uma...assembléia muito....bastante ..aguerridacom funcionários do Banco do Brasil....o que era natural....ele pertencia ao grupo...né... é diante disso tivemos umas duas ou três oposições.. basicamente ..bancadas... né...pela...pela....pelas lideranças do Banco do Brasil... mas posteriormente..foi visto que houve erro dos dois lados... tanto da direção do sindicato como também dos funcionários do Banco do Brasil..né.... em não se desarmaram para fazer uma discussão melhor..¹³³

Segue abaixo o fragmento da ata de reunião ordinária de 22/08/1989, quando o Sr. Silvano Simões Rocha era o presidente da entidade. Podemos perceber o tom acalorado das discussões e disputas internas:

“[...] em seguida foi discutida as eleições da federação dos bancários do Paraná. O presidente da entidade fez um comentário sob a mesma. Alegando que a proposta apresentada beneficiava um “grupinho” de pessoas ligados à CUT e que era simplesmente uma manobra política dos mesmos, não contemplando aos interesses dos bancários, razão de ser das entidades. E que na verdade não alterava os estatutos como todos querem e sim a forma eleitoral criando também proporcionalidade de votos o que não concordamos, pois se brigamos por eleições diretas, queremos em todos os níveis e não de forma indireta como a proposta. Salientou também que nenhuma entidade do Paraná havia discutido na base a modificação do referido estatuto, porquanto não estavam autorizados a fazê-lo. O Sr. Silvano indagou ao Sr. Carlos Marcondes se procedia a afirmação do mesmo que iria fazer um abaixo assinado a mando da CUT. Esse assunto foi amplamente discutido por todos e no final foi colocado em votação quem era a favor e quem era contra, o resultado foi que todos os diretores mostraram-se contrários a idéia, uma vez que iria dividir a categoria, com exceção do Sr. Carlos Marcondes que mesmo vencido na votação disse que iria fazê-lo em nome próprio. Sua atitude antidemocrática foi lamentada por todos os presentes, pois demonstrou radicalismo a mando de interesses de partidos políticos (leia-se PT e CUT). Este assunto ficou para ser discutido

¹³³ Entrevista realizada pelo autor em 17 de janeiro de 2007.

na reunião do a dia seguinte mas o Sr. Carlos Marcondes não tomou conhecimento da mesma, agindo sozinho....¹³⁴

Também se observa embates de cunho administrativo, a exemplo do contido na ata de reunião extraordinária de 29.07.87, que expressava a duvida em aceitar uma doação de terreno pela Prefeitura Municipal de Guarapuava para construção da futura sede campestre da entidade. O referido terreno, ofertado no mandato do Prefeito Nivaldo Passos Kruger, foi motivo de discussão em reunião extraordinária, onde a diretoria votou pela aceitação da doação, desde que “**não houvesse comprometimento político**”. Seria ingenuidade nossa aceitar a fonte por ela mesmo, porém a consideramos na medida em que havia grupos em disputa, que motivavam esse tipo de exposição publica de neutralidade:

“...e outros e foi discutido um terreno que possivelmente fosse doado pela prefeitura de Guarapuava. Todos os diretores presentes aceitaram o referido terreno desde que não haja comprometimento político....”¹³⁵

Também se observa que nas prestações de contas da diretoria do exercício de 1988, havia indagações quanto à aplicação dos recursos arrecadados, cabendo ao tesoureiro Sr. Luiz Augusto Ribas Adriano, minuciosa explicação conforme fragmento da ata da assembléia geral Ordinária 30.06.1989. Tal fato é motivado pela disputa entre grupos internos que estavam atentos às movimentações da diretoria e cobravam dessa probidade, sendo inclusive passível de exposição em disputas em períodos eleitorais.

[...] Em seguida Sr. Tesoureiro Luiz Augusto Ribas Adriano usando da palavra proferiu explicações quanto aos itens 2 e 3 da referida ata que é o relatório da diretoria referente ao exercício de 1988 e o balanço financeiro do exercício, explicando minuciosamente as peças que compõe, o referido balanço. Saliou também que no inicio do ano de 1988 o sindicato

¹³⁴ Ata de reunião ordinária realizada em 22.08.1989, p.35b, 36 e 36b.

¹³⁵ Ata de reunião extraordinária realizada em 29.07.1987, p. 30.

contraiu um empréstimo de 2.000,00 (dois mil cruzados novos), com a finalidade de adquirir um terreno. Mas tendo em vista a não efetivação do negocio o referido valor foi aplicado em caderneta de poupança que resultou em 50% de rendimentos, sendo que o mesmo foi liquidado junto a Federação sem qualquer correção. Explanou ainda sobre as demais despesas, sendo despesas de administração geral, onde foi gasto somente o necessário pois houve uma contenção de despesas. Quanto a assistência jurídica, a entidade mantém convenio diminuindo com isto sensivelmente as despesas...¹³⁶

No cotidiano do sindicato, os diretores procuraram expandir a área de atuação e também aumentar o número de associados à entidade, sendo que para isso intensificaram visitas a base, tanto que, em 1985, observamos a solicitação e aprovação, por parte da diretoria, de verba de representação para diretores, já que, segundo ata lavrada em 23.01.1985, nas palavras¹³⁷ do Sr. Tesoureiro Silvano Simões Rocha, era impraticável continuar atividades de militância sem ajuda adicional de custos:

“...Após a leitura da referenciada o presidente da entidade Sr. Renoh Pereira Schier, colocou em discussão as matérias em pauta. Usando da palavra o sr. Silvano Simões Rocha salientou a real necessidade de uma ajuda de representação aos diretores efetivos, sendo que os mesmos tem diversos ônus em visitas as bases participando de encontros campanhas salariais no Estado e no território nacional representando a categoria e sem essa ajuda seria impraticável. Os assuntos foram colocados em votação sendo aprovados por unanimidade pelos presentes, ficando estipulado um salário mínimo mensal para cada diretor efetivo, a partir de 01 de janeiro de 1985.¹³⁸

Ao analisar as primeiras atas redigidas pelos militantes bancários, pode-se depreender a preocupação destes com a organização administrativa interna da instituição e sua solidificação e ampliação da base. Reestruturar um sindicato jurídica e administrativamente foi uma tarefa que demandou energia, pois, além de necessitarem de

¹³⁶ Ata assembléia Geral ordinária realizada em 30.06.1989, p.34, 34b e 35.

¹³⁷ Ata assembléia Geral extraordinária de 23.01.1985. p.7 e 8.

¹³⁸ Ata de reunião extraordinária de 23.01.1985. p. 7 e p.7b.

recursos financeiros e materiais, necessitavam de pessoas que engrossassem as fileiras da militância, ou seja, o sindicato precisava de gente de militância, de pessoas que estivessem imbuídas dos ideais de lutas, sabendo das dificuldades de recrutamento que enfrentariam. Talvez ocorresse ainda uma disputa entre os grupos internos do sindicato para aumentar sua base.

Nesse cenário, como já citado, havia certo temor por parte das pessoas em participar, e em Guarapuava, as entidades sindicais que estavam estruturadas, como o Sindicato do Comércio e da Madeira e da Construção Civil assim como demais organizações sindicais que estavam sob o controle e vigilância do Estado. Estes nas palavras do militante Alcione Cristiano Macedo, não representavam a classe trabalhadora:

“[...] não em Guarapuava nós ...nós tínhamos alguns sindicatos mas tínhamos pessoas estritamente indicadas pelos patronato né.. nós...nós tivemos caso sindicatos ligado a madeira... sindicato ligado a construção civil é...sindicato ligado ao comercio né....ééé.... nesse a partir de...de....a partir de 80 basicamente...começou-se avançar para que você tivesse é...pessoas que realmente representavam as categoria de trabalhadores...aí começou ter uma abertura... as pessoas começaram a ter mais ... menos medo digamos assim de estar participando mas até essa ... até 80 havia muito medo.. muito sigilo.... né até por que havia as pessoas que faziam jogo duplo né....diziam que estavam do lado do trabalhador... na verdade estavam fazendo representação ééé... do....do governo né... com sorteio de brindes...participação de Generais....no grandes centros né.. Curitiba nós nós ... tínhamos o...a ...o presidente do sindicato...quem fazia sorteio dos prêmios na época era o General Adalberto Massele que fazia sorteio dos prêmios para os trabalhadores.... tão você veja bem... como a coisa era complicada...na verdade era uma imposição governamental...em cima das entidades”¹³⁹.

Frente a estas questões, observa-se a complexidade do dia-a-dia sindical e as relações daí advindas, sem, contudo, minimizar as ações em defesa dos direitos, assunto esse que passamos a explorar.

¹³⁹ Entrevista realizada pelo autor em 16 de janeiro de 2007.

O quadro da época como citado não era de todo favorável a tentativa de organização de um sindicato, pois o pequeno núcleo de bancários teve de lançar mão de diversos artifícios no sentido de poder conscientizar os colegas de categoria, fazer as filiações e ampliar a base do sindicato. Os militantes utilizavam diversas estratégias, como, por exemplo, no início da Associação e do Sindicato, a tentativa de filiar e convidar bancários com os quais mantinham laços sociais de amizade, como relata o sindicalista Renoh Pereira Schier, cabendo lembrar o pantanoso terreno da memória reavivada utilizada como fonte:

“[...] quer saber desde o início né.... então no início quando nos fundamos a associação eu era chefe de serviço do Unibanco...tão eu tinha uma amizade muito grande com os bancos...com todos os outros bancos né... porque a gente conversava muito antigamente...é..o negócio de empresta dinheiro de um banco pra outro... a gente fazia uma amizade grande.... e assim foi.... quando eu saí do banco e fui me dedicar a associação... daí eu mesmo fui de banco em bancocada banco eu... associava três...quatro...trêsquatro...bancários e assim começou....individualmente com cada um.... inclusive nos começamos a filiar com bastante convênios sabe...nos fizemos convênios com farmácia, com supermercados....com cabeleireiro...então era bastante convenio que nos tínhamos...isso atraía o pessoal...”¹⁴⁰

Importante destaque é que, à época, convênios com o comércio figuravam como estratégia de grande valia, pois o comércio sabia que teria uma categoria, um segmento de mercado com potencial de compra distinto e que era chancelado por sua entidade, e se o bancário ficasse inadimplente o sindicato bancava seus gastos, tendo em vista que o bancário à época não poderia ser contumaz¹⁴¹, sob risco de perder o posto de trabalho criando assim laços entre a entidade e a categoria, solidificando sua atuação na base.

¹⁴⁰ Entrevista realizada pelo Autor em 13.06.2007.

¹⁴¹ A contumácia aqui se refere a emitir cheques sem fundos, não pagar dívidas no comércio, de forma repetida e costumeira, o que prejudicava o conceito de honestidade para quem pretendia trabalhar com dinheiro em um banco

Cabe lembrar que, do ponto de vista de estratégia mercadológica e política de crédito, os convênios eram um instrumento poderoso de alavancagem de negócios, pois a época não havia a difusão extensiva de cartões de crédito e débito, nem as facilidades de crédito que hoje existem, conforme as palavras do depoente Sr. Silvano Simões Rocha:

“...dirigente sindical era nome feio em Guarapuava...nos só começamos mudar a partir do momento que começamos a fazer convênio com empresários...ele chegava lá tinha um desconto de 10%... o sujeito chegava lá comprava... e a gente orientava... só apresente a carteira depois que você fizer a compra...o sujeito chegava lá comprava duas camisas.. olha é R\$ 100,00,¹⁴² como é que você quer fazer?... três vezes... ai quando ele ia tirar a nota ..ele dizia....olha eu sou bancário...tinha desconto de 10%... então.. R\$ 90,00, o cara ganhava ‘Dez contos’¹⁴³...era mensalidade de dois três meses...”¹⁴⁴

O dado interessante que se pode abstrair do depoimento é o papel pedagógico do sindicato, ensinando a seu associado como comprar, dessa forma reforçando em diferenciados níveis as relações com a categoria, proximidade essa importante em momentos de mobilização.

As primeiras empresas e profissionais a efetuarem parcerias de convenio com o sindicato dos Empregados em Estabelecimentos bancários de Guarapuava e região¹⁴⁵ foram:

- Serviços pessoais – Toninho Cabeleireiro
- Ótica – Centro Ótico Ltda;
- Confecções moda masculina e feminina em Geral – Idilson’s Jeans e Casa Real

¹⁴² Na entrevista o Sr. Silvano efetua explicação sobre vantagem econômica financeira utilizando moeda corrente atual o Real, porém esclarecemos que moeda da época era o (CR\$) Cruzeiro e depois (CZ\$) Cruzado.

¹⁴³ Ainda hoje na linguagem corriqueira é utilizado a expressão “contos” para designar uma fração de moeda corrente. Exemplo; quanto custa? Dez contos... na verdade quer se expressar dez reais ou dólares moeda corrente na ocasião. Essa expressão é comum na região de Guarapuava em estudo.

¹⁴⁴ entrevista realizada pelo autor em 17.01.2007.

¹⁴⁵ Jornal O Bancário. Dezembro de 1993. p. 02

- Posto de Combustível e churrascaria – Posto e Churrascaria Teco;
- Farmácias – Farmácia Santa Paula e Farmácia Trajano,
- Ensino e escolas – Jardim da Infância Bolinha de Neve.

Na análise dos estabelecimentos conveniados e na análise das fontes, percebe-se a aderência dos estabelecimentos associados com as necessidades dos bancários, que formavam um segmento com características econômicas e anseios próprios.

Como o sindicato é um espaço dinâmico e complexo é importante destacar cenários que compõem esse mosaico, como a integração social. As diversões e o lazer foram utilizados como estratégia de aproximação dos bancários e com isso fomentar a discussão de temas de interesse da categoria. Além dos bailes, da eleição da rainha dos bancários e dos churrascos, a realização de torneios de futebol foi fator decisivo na associação de bancários. Sobre isso, fala o entrevistado Sebastião Aldori:

“[...] foi uma...uma estratégia boa também....nos fazíamos torneio...campeonato de bancários....usava a sede do Banco do Brasil ...lá....a AABB, ..o Banco itaú... até nós termos nossa sede....então ali.. nós se reunia....o pessoal no sábado...batia uma bolinha lá...fazia um churrasco....então foi se enturmando né....fazia baile...também...então ía começando...aah.....os bancários se enturmar...ficava mais amigo...se conhecia...mais um com o outro...então.....foi....havia....rainha dos bancários.....foi aglutinando....”¹⁴⁶

¹⁴⁶ Entrevista realizada em 14.04.2007, Sr. Sebastião Aldori da Silva no município de Turvo –PR.



Sebastião Aldori entregando troféu ao bancário Jose Silvino Vieira (Banco do Brasil), capitão da equipe campeã do torneio promovido em 1983 pelo sindicato na dependências da AABB- Associação Atlética Banco do Brasil. (aparece ao fundo o bancário Luiz Mariano Cúnico – também Banco do Brasil)

Além dos elementos levantados neste trabalho, trazemos a lume a questão de comunicação utilizada pelos bancários, principalmente no que se refere a canais de mídia escrita ou falada. Observa-se o que diz o entrevistado:

“[...] tinha um bom relacionamento...nós tínhamos um bom relacionamento com as rádios... na época não tinha a 92...era..a Rádio Cultura e a Difusora...no meu tempo né... hoje já tem as FM...ah.. aí os cara dava apoio total pra nós....o Tunico...esse deu muito apoio pra nós... o Jair Ramos...dai não tinha nem um canal de televisão em Guarapuava...eles vinham de Ponta Grossa...eu lembro até.... eu com o Renoh demos uma entrevista.....pra TV Esplanada...os caras vieram exclusivamente na época de final....da greve...nos fomos no...no...no...prédio da Rádio Cultura...e demos uma entrevista...”¹⁴⁷

¹⁴⁷ Entrevista realizada em 14.04.2007, Sr. Sebastião Aldori da Silva na cidade de Turvo – Pr.

Tendo em vista a necessidade da entidade em comunicar-se com a sociedade e dela buscar apoio em alguns momentos, os militantes buscaram interagir com a mídia local. O sindicalista Silvano fala sobre o relacionamento com a imprensa:

“[...] nós tínhamos um....nós cooptamos o Oliveira Junior da Rádio Cultura... e pagávamos cento e cinquenta reais¹⁴⁸....todo sábado nos tínhamos uma entrevista no rádio...e ele dava no programa dele...ele dava um destaque...para o Sindicato dos Bancários...isso depois de 85 por aí...na Rádio Cultura... os Jornais... A tribuna na época do Carlos Gomes nos tínhamos acesso... no Esquema.... lá...não publicava... a Rádio Cultura era a rádio que nos dava respaldo¹⁴⁹.... eu lembro do Oliveira ...do Jair Ramos..no programa dele...”¹⁵⁰

Esse aspecto é corroborado também na memória reavivada do militante Carlos Alberto Nascimento que assinala:

“...a imprensa participava....cobria.... a imprensa foi parceira e tanto na época....divulgavam....ôôô...Tunico de Oliveira na época ...porque ele era um cara bem bem... participativo porque ele conhecia muita gente ali no meio....ôô... Carboni...Francisco Carboni da época....não lembro se o Dirceu Silva ...o Jair Ramos.....que era datava bem envolvido no meio..... o jornal que nos dava espaço era o Esquema do Oeste¹⁵¹... do Farah...”¹⁵²

Na foto abaixo essa relação fica latente quando observamos o presidente da entidade recebendo cobertura jornalística da radio cultura AM, na figura do repórter Ari de Oliveira Junior.

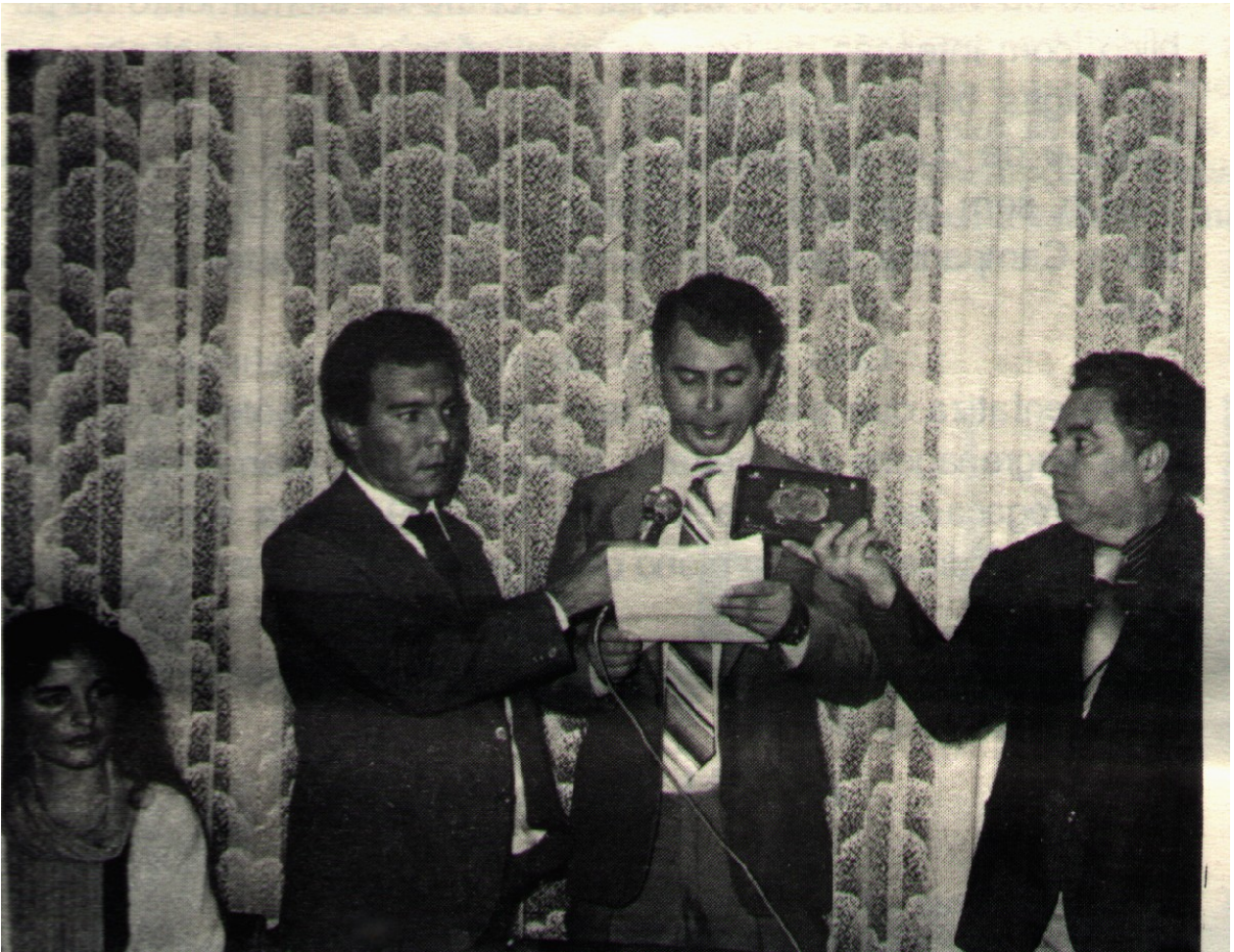
¹⁴⁸ A moeda corrente da época era o CZ\$ cruzado.

¹⁴⁹ A Rádio Cultura faz parte de uma fundação controlada pela Igreja Católica e á época a orientação política era de apoio às comunidades de base e a reestruturação de entidades da sociedade civil.

¹⁵⁰ Entrevista realizada pelo autor em 17.01.2007.

¹⁵¹ Quando acessadas as fontes no arquivo histórico da Unicentro e na biblioteca publica de Guarapuava, no período estudado, não há referencia de apoio por parte desse veiculo de comunicação as ações do Sindicato.

¹⁵² Entrevista realizada pelo autor em 31.03.2007 com militante Carlos Alberto Nascimento em Guarapuava – PR.



Discurso de posse do Presidente Renoh Pereira Schier. A sua direita segurando microfone, o colega Sebastião Aldori e esposa a sua esquerda o repórter da Radio Cultura Ari de Oliveira Júnior.

Vale lembrar que um dos fatores importantes da mobilização da categoria de bancários em Guarapuava foi a luta pela manutenção de seus direitos, principalmente financeiros, já que, ao analisar a década de 1980, depara-se com sinais visíveis de achatamento salarial e perda do poder aquisitivo dos setores médios da sociedade. Observando tal aspecto, sem deixar de lado os outros fatores já abordados destaca-se a prática dos movimentos de resistência, historicamente conhecidos como “greves”.

Muito embora haja uma mística no imaginário popular de que o trabalhador bancário, por ser originário dos setores médios da sociedade e por ter uma formação

educacional de padrões burgueses, não seja dado a movimentos grevistas, pode-se dizer que a categoria bancária de Guarapuava lançava mão desse expediente. Essa categoria ao longo de sua trajetória histórica, lançou recorrentemente mão do instrumento da greve, tanto assim que a primeira greve de bancários eclodiu em 1932 com os bancários do Banco Banespa¹⁵³, depois houve em 1934, greve nacional pela conquista de 6 horas diárias para a categoria e estabilidade no emprego. Em 1945 e 1946 o movimento da categoria bancária ganha proporções e o então Presidente do Brasil Eurico Gaspar Dutra, decreta intervenção nos principais sindicatos (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte). Em 1961, a categoria bancária, seguindo o momento de efervescência política, decreta greve nacional, com a participação de 150 mil bancários. Em 1963, uma greve nacional conquista 70% de reajuste para a categoria e, em 1964, com o golpe civil militar, o movimento sindical brasileiro é desarticulado, principalmente o movimento dos bancários. As paralisações serão retomadas efetivamente sob a égide do Sindicalismo Cutista, na década de 1980, sendo este o período no qual é inserido o estudo do Sindicato dos bancários de Guarapuava e região.

Pressionados por uma situação que lhes era adversa, principalmente do ponto de vista econômico e financeiro, com enormes perdas de seu poder aquisitivo, os bancários de Guarapuava percebem um bom momento do Sindicalismo Cutista e, então, incorporam em suas práticas os movimentos de greve, utilizando-se de diferenciadas práticas para alcançar êxito nestes, sem, contudo, alcançar vitória em todos os que se envolveu.

Importante salientar que os movimentos de greve eram na verdade a expressão de um sentido construído da consciência de que a categoria bancária, espelhando-se na

¹⁵³ Opinião Pública. 1985 – 2005 – 20 anos de mobilização nacional dos bancários. Publicação do sindicato de bancários de Campinas e Região. p. 38 e 39.

experiência de outras categorias como os metalúrgicos, deveria lutar para defender seus direitos e obter novas conquistas.

Na fala do sindicalista Simões Rocha, observa-se:

“...a primeira como a gente nunca esquece né...foi movimento em 84, 85 uma greve geral... foi a nível nacional.....mas nos fizemos a primeira greve em Guarapuava ...pelo menos nos anos 80...é paramos todas as agências bancárias....é ...eu me recordo da primeira....da assembléia que deflagrou....fizemos varias reuniões ...fazíamos reuniões por bancos né... e aí convocamos uma reunião geral de todos os bancários é foi no..no... auditório Nossa Senhora de Belém.. me recordo que em Guarapuava tinha mais ou menos... em torno....só na cidade.... em torno... fora o pessoal do Cesec.. Centro de Processamento que na época tinha... tinha mais ou menos...nesta assembléia em torno de 600 bancárioseu diria pra você que tava ali 90% dos bancários... . Na cidade... fora aqueles que tavam trabalhando a noite né.....vamos dizer aqueles que podiam participar tavam ali....500 a 600 bancários Nos tínhamos na assembléia...e... foi a primeira experiência...discutimos o que estávamos reivindicamos falamos da contrapartida do sistema....porque normalmente os bancos sempre endureciam nas negociações e que a única alternativa era...não tinha...ate porque já tinha passado ..a data base tal...e não tinha outro jeito de nos pressionarmos que não a greve... e que ela seria nacional.....deflagramos a greve..... ficamos eu não me recordo exatamente ..no mínimo uma semana.....fechados... com piquetes...todo final de tarde com avaliações do movimento....como é que estava ...como é que não estava...as comissões... criamos comissões por banco ..pra fechar Banco X ou Banco Y.... tão por exemplo.... o pessoal do Bradesco fechava o itaú...pessoal do Itaú vinha no Bradesco...pessoal da caixa ia no Banco do Brasil.. pessoal do Banco do Brasil....e um comando pra fazer avaliação.... nos tínhamos comando de segurança....é’.. porque pode ter gente infiltrado... jogar uma pedra...no...né.... pode ter provocações porque a policia estava em todos os locais... não provocar a policia....ate porque alguns eventualmente podiam ser presos... como aconteceu...é o que mais... no horário de almoço...como é que fazia... nos tínhamos que dar alimentação pro pessoal ... sanduíche na porta do banco.... tinha aquelas agencias que queriam abrir de madrugada ...os gerentes chamavam seus chefes.... o pessoal chegava 5 horas da manha tentando abrir o banco e nos já estávamos lá.....então 84 e 85 ... foram as greves longas...né ...e... que a partir dali a gente conseguiu mostrar pro país inteiro a força dos bancários...”¹⁵⁴

Foto relata assembléia sobre movimento grevista 1985

¹⁵⁴ Entrevista realizada pelo autor 17.01.2007.



Da esquerda para direita: Jony Prestes, Valdemir Estevo, João Carlos Becher, Renato Ribinski, Renoh Pereira Schier, Silvano Simões Rocha, Sebastião Aldori da Silva, Jorge Mario Cionek, Heitor Kramer Filho e Ezequiel Ribeiro.

O depoente Renato Ribinski fala da greve de 1985:

“... A primeira greve em 85...que foi articulada...aqui.. era Guarapuava, Curitiba, Londrina, Maringá.... e eles eram muito ligados aquele pessoal do norte aqui também...parece que é ô... não sei se Londrina ou Maringá já tinham uma estrutura maior que era sindicatos mais antigos....Curitiba também tinha muita influencia...agora com quem que eles conversavam eu não sei... porque a gente tinha que manter comunicação...ó...Brasília ta negociando....São Paulo Fechou...então era toda aquela.....a comunicação era via telefone...só telefone..... o sucesso maior daquela greve foi a cidade ter parado..foi os bancos ter parado...foi saber que Guarapuava tinha potencial que estava...dentro dos grandes centros que era uma uma....cidade que tinha gente com força...com liderança... com espírito pra vencer obstáculos da burguesia vamos dizer assim né... o poder porque na época os banqueiros eram supremos...porque eles mandavam com a força do dinheiro eles mandavam...então a vitória maior foi essa...tanto é que eu lembro que a gente fazia reuniões ...quando estavam em greve fazíamos uma reunião todo a dia... a gente ia... era convocado todos os bancários no final da tarde ..pra ir para o Operário...na época fazer

assembléia geral...era colocado na pauta....pessoal a situação e essa não conseguimos nada ainda..os banqueiros não abriram mão....São Paulo ta parado...Curitiba ta parado...Londrina ta parado....Brasília ta parada... dava uma posição do Brasil como estava a situação e daí colocávamos em votação....nos continuamos parados ou não?...tendo em vista que todos os outros estão parados é conveniente voltarmos ou continuarmos ?.. claro que todo mundovamos ficar parado..... e daí a preocupação maior dos funcionários...e depois o que vai acontecer?...daí eu lembro que ate eu pegava a palavra e olha gente ...garantir o emprego o sindicato não garante....o sindicato garante a defesa de vocês... alguns com certeza serão mandado embora... mas não por causa da greve...isto que a gente colocava....é a rotatividade normal do banco...eles vão ter que mandar alguém embora...claro que eles vão dar desculpa que é por causa da greve...mas se você pensa que eles vão poder mandar.....de 100 funcionários...de 120 que tem o Bradesco...vão mandar quanto embora? 5 ou 6 , 10 funcionários...pegar mais 5 ou 6... mas isso é a rotatividade normal... e isso que deu.....Tanto que depois no final da greve que daí eu lembro que nos voltamos com uma turma...né ...nos saímos do “Operário”¹⁵⁵ no final da tarde...e disse agora vamos voltar pro banco...daí todo mundo com medo... agora você vai ter que ir lá na frente falar né... ate hoje lembrando... na frente de todo aquele bando....turma de pessoal do Bradesco...50, 60 pessoas atrás mais ou menos eu lembro que o Ilivinski chegou na porta abriu a porta lateral...o Jandir¹⁵⁶ estava lá e disse... Chegaram os cordeirinhos do Ribinski.. foi esse o termo que ele usou né... Cordeirinho não.. pessoas mais fortes que tem dentro do banco... cordeirinhos são vocês... eles baixaram a cabeça...então foi essa a resposta que eu dei pra eles...na época..”¹⁵⁷

O militante Carlos Alberto do nascimento também fala sobre os movimentos grevistas:

“.....quando era época de dissídio que a gente tinha que partir pra greve... por que uns por ideologia mesmo achava que tinha que ir pra luta mesmo fechar banco.. ir pra piquetes..... e outros tinham mais a idéia da negociação de esperar pra ver que os grandes centros faziam... porque quando nos partíamos pra uma ação de greve ou piquete a nível de grandes centros...Curitiba Ponta Grossa a coisa já tava bem definida e bem avançada.. nos chegávamos quase que no ultimo estagio dela..... nos participamos de umas 5 greveseu fiquei 8 anos no banco.... de 82 até ...até....a minha saída eu acho que era praticamente uma greve por ano.... por que toda vez nos tínhamos... nosso dissídio era em setembro....nós nos reuníamos no colégio Belém algumas vezes... algumas reuniões.....se eu não me engano no prédio da Rádio Cultura....nos chegamos nos reunir pra

¹⁵⁵ SORB – Sociedade Operária Recreativa Beneficente – Clube Social Localizado na Rua Saldanha Marinho, que foi destruído em um incêndio em 2007. Comumente denominado “Operário”.

¹⁵⁶ Fazia parte da administração da Agência: Supervisor de Caixa.

¹⁵⁷ entrevista realizada em 31.03.2007.

articular definir estratégias... sair de madrugada ir pra frente de banco... quem fazia o que .. quem ficava onde.....Fura greve era muito comum porque o pessoal tinha muito medo... ai o pessoal que ia pra frente de banco era esse pessoal que tava envolvido com o sindicato....olha colocar cadeado em porta...colocar corrente... meter cadeado....colocar durepoxi nos cadeados do próprio banco pra não serem abertos...ficar na frente mesmo mesmo encarar... pó de mico apitasso...¹⁵⁸

Concentração na Praça IX de dezembro em frente ao prédio da Fundação Nossa Senhora de Belém prédio da Rádio Cultura.



Sebastião Aldori, Nelson Buss(itaú), Renoh Schier (movimento paredista de 1986)
Concentração na praça Nove de Dezembro, Rua XV de Novembro próximo à agências bancárias da Caixa econômica, Mercantil, Real, Bamerindus, Banestado, Itaú.

Greve de 1987 os bancários estrategicamente uniram-se aos agricultores que emprestaram maquinas para efetuarem o fechamento de agencias bancarias. Na foto

¹⁵⁸ entrevista realizada pelo autor em 14.04.2007, com o Militante Carlos Alberto Nascimento

abaixo, um trator impedia a entrada de clientes, malotes e funcionários no estacionamento e na agência do Banco Bradesco.



Na foto acima fica evidente a colaboração entre agricultores e bancários, o que demonstra o que vínhamos afirmando, e a utilização dessas relações em momentos de tensão.



Sede Atual do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Guarapuava e região. Iniciado na gestão da Segunda Diretoria (Sr. Silvano Presidente), inaugurado a dia 28.08.1992, figura como marco simbólico das conquistas e poder de mobilização econômica da categoria.

Após expor a foto da atual sede do sindicato, é importante proceder a uma reflexão sobre os aspectos significativos e preponderantes levantados durante a realização da pesquisa, destacando aspectos que, na maioria das vezes, foram além da delimitação do nosso tema e além do recorte temporal proposto, visto que há, nesta pesquisa, uma coleta de fontes e percepção de situações do cotidiano histórico que ultrapassa os limites estabelecidos. Considera-se que os objetivos foram alcançados, uma vez que foi estabelecida a trajetória básica da reestruturação e reorganização do Sindicato de Empregados em Estabelecimentos Bancários de Guarapuava e Região. Através da

historia Oral, foi possível reavivar a memória dos militantes bancários e, com isso, desvelar o cotidiano de lutas, aprendizagem e resistência da categoria bancária em Guarapuava.

Sobre experiências na construção do dia-a-dia histórico, observa-se que precisamos nos remeter a uma compreensão de se trabalhar com diversas variáveis, uma vez que essas formarão o sentido do mesmo, pois, segundo Emilia Viotti, a variedade e heterogeneidade da experiência da classe trabalhadora contestou a sabedoria convencional e apresentou os trabalhadores como atores históricos conscientes e autônomos capazes de fazer opções racionais o que enriquece nossa compreensão sobre suas organizações,¹⁵⁹ e, no caso dos bancários guarapuavanos, a formação educacional, a estruturação familiar, o contexto sócio político, seus ideais e perspectivas foram elementos que os impeliram a se engajar na luta pela afirmação de seu Sindicato.

Observamos também que, no devir histórico da categoria bancária, a aprendizagem e resistência foram elementos fundamentais. Percebe-se que a organização da entidade dos bancários de Guarapuava não se deu somente em função da bagagem sócio-administrativa dos primeiros militantes, pois, no decorrer do trabalho, nota-se as interações com outras entidades de classe (aprendizagem), como foi o caso do contato com os sindicatos dos eletricitários, da construção civil e do mobiliário, das indústrias de papel e papelão entre outros, além do forte apoio de um órgão de representação em nível estadual que foi a Federação de Bancários do Paraná (FEEB) que foi preponderante na solidificação da entidade. Pode-se dizer ainda que o núcleo de militantes que encampou a reestruturação e reorganização do sindicato tinha tomado

¹⁵⁹ VIOTTI, Emilia. *Experiência versus Estruturas novas tendências na historia do trabalho e classe trabalhadora na América latina – o que ganhamos? O que perdemos?*. Revista do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale dos Sinos. Numero Especial: V Encontro Estadual de História.

contato com formas avançadas de organização de trabalhadores, com foi o caso dos militantes Sebastião Aldori e Carlos Nascimento, ou ainda com entidades organizadas da sociedade civil como o militante Alcione Cristiano e Luiz Carlos Valori, ambos participantes da CEBS (Comunidades Eclesiais de Bases), ou mesmo a estreita relação e proximidade que possuía o militante Silvano Simões Rocha com autoridades constituídas do Ministério do Trabalho e também o fato do militante Carlos Norberto Marcondes ter sido forjado no movimento Estudantil e ter sido militante ativo do Partido dos Trabalhadores em Guarapuava. A militância do cotidiano foi, de certa forma, forjada, aprendida, estruturada, como foi apreendido no decorrer da pesquisa. O driblar a burocracia, o enfrentar os gerentes e administrações dos bancos, o negociar direitos, o organizar movimentos de resistência, foram além da bagagem própria de cada um. Isso se realizou, de certa forma, espelhado nas experiências de outras categorias, ou ainda aprendendo com os próprios obstáculos a serem transpostos. O como fazer e como atuar em uma entidade de classe foi construído e aprendido pela categoria bancária.

Sobre a resistência destaca-se que trabalhadores, não obstante a sua formação educacional, quando em situação de confronto com forças antagônicas tem uma maneira semelhante de reagir. O colocar durapoxi em cadeado de agências, os piquetes e apitassos, a infiltração nas administrações, as vaias, espirrar extrato de gambá ou pó de mico, as denúncias e confronto em bloco com autoridades de segurança são práticas comuns à classe trabalhadora independentemente do status de suas categorias.

Nos itens anteriores, procuramos mostrar a luta, a resistência e a experiência dos bancários na estruturação e formação de seu sindicato na década de 1980. Enfatizamos que a ação destes não é algo desconexo e solto numa perspectiva temporal e histórica. Através dos relatos de entrevistas, dos escritos em suas atas formais, dos jornais e

documentos internos, das inter-relações com os meios de comunicação, instituições de Estado e organizações da sociedade civil, percebemos uma complexa estruturação da ação militante, ou seja, observamos que os trabalhadores bancários apresentam-se como atores históricos a seu tempo, ora aprendem, ora interagem e, com isso, moldam o devir histórico, não sendo elementos passivos da história. Suas experiências de vida, na família no bairro, na igreja, no partido político, suas simpatias e preferências definem seu agir histórico, ou seja, sua base cultural.

Considerações finais

Concluindo esse trabalho, destacamos quanto que o mesmo foi importante em nosso amadurecimento enquanto pesquisador, e como o trabalho histórico é significativo para dar visibilidade a uma categoria que estava soterrada nos silêncios da história, como é o caso dos bancários guarapuavanos. Nesse cenário, buscamos reconstruir sua trajetória, ver os homens que dela participaram e dessa forma tornar mais transparente o que nos era opaco. Temos presentes os limites de nosso trabalho e as lacunas que não conseguimos preencher, mas acreditamos que nosso esforço acadêmico valeu a pena. Assim no primeiro capítulo enfatizamos a base teórico-metodológica, o estado da arte, a construção e nosso posicionamento teórico, onde, ao analisar a categoria bancária de Guarapuava, buscou-se paralelos em trabalhos de outros pesquisadores, assim como procuramos mostrar através da História Oral, a construção metodológica do trabalho, onde elaboramos forma de coleta de informações (entrevistas), definimos perfil dos entrevistados, e o acesso as fontes, o que permitiu-nos a sedimentar a importância do estudo da reconstrução da entidade, pois nos contatos prévios, depreendemos a significância da categoria bancária no contexto em apreço.

No capítulo II analisamos o contexto histórico e as perspectivas conceituais, onde nos remetemos à década de 1964, época do golpe civil militar, e os posicionamentos teóricos sobre a influência populista, conceito o qual rejeitamos, pois em nossa compreensão, o termo populismo é inadequado, e preferimos utilizar a diretriz trabalhista, já que entendemos a classe trabalhadora como sendo dotada de capacidade de luta e resistência, e não uma classe passiva a mercê de diretrizes outras, pois acreditamos que trabalhadores na medida de suas possibilidades resistem, lutam, recriam experiências.

Para sintetizar nossa linha de pensamento, tomamos a liberdade de parafrasear o Historiador Jorge Ferreira que ao explicar o modo de resistência e ação da classe trabalhadora nas aulas, recitava fala de trabalhadores “A gente se vira”. Assumir o conceito de populismo seria assumir uma visão reducionista, por isso adotamos e cremos que os trabalhadores ocupam melhor lugar dentro de uma perspectiva trabalhista, que alias serviu e serve de referencial até hoje para organização de trabalhadores.

No capítulo III, apresentamos uma perspectiva do município de Guarapuava do ponto de vista econômico social e a trajetória do movimento sindical de bancários de Guarapuava. Através da memória e de consulta a fontes documentais, desvelamos o caminho trilhado, o reconhecimento e a oficialização do Sindicato.

No capítulo IV abordamos a organização administrativa, sempre lembrando que os bancários por sua formação diferenciada, procuravam agir dentro dos princípios legais, daí a preocupação com a descrição de assuntos burocráticos em suas atas, e por outro lado, os embates terem sido captados nas entrelinhas e nas entrevistas e conversas informais. Depreendemos os momentos de lutas internas, alias riquíssimos do ponto de vista de debates e posicionamentos políticos ideológicos. Conseguimos captar as estratégias e forma de ação do dia a dia da militância, e principalmente o modo de se inserir no contexto político social de efervescência do Sindicalismo Cutista, pois muito embora o Sindicato de Empregados em Estabelecimentos Bancários só venha a se filiar a Central Única dos Trabalhadores na década de 1990, percebemos claramente sua prática CUTISTA no decorrer dos anos de 1980. As formas de resistência de como fugir da pressão social, de como driblar os entraves burocráticos e de vigilância, a proximidade com as autoridades e principalmente os movimentos de greve, demonstram o quanto dentro de suas limitações a categoria bancária estava disposta a lutar pelos seus direitos

e de forma subliminar lutar também pela redemocratização do país, pois entendiam esses sindicalistas que era um momento de se solidificar as liberdades democráticas, tanto assim é a participação do sindicato nas campanhas eleitorais ou mesmo a evidência de que os principais líderes possuíam orientação ideológico partidárias.

O enfrentamento nos movimentos de greve expressava a disposição em lutar pela construção de um novo momento dos trabalhadores e em especial, os sindicalistas que passariam a ser considerados como atores significativos no tecido social nacional e local, tanto é que à exceção do Sr. Alcione Cristiano Macedo, os demais sindicalistas em função da experiência adquirida e da proeminência, ocupam hoje lugar de destaque na sociedade local, assim como em nível nacional ex-sindicalistas bancários como Paulo Bernardo, Olívio Dutra, Luiz Gushiken, Ricardo Berzoini, ocupam os holofotes da política e administração do país, tomando decisões estratégicas para a nação. Isso de certa forma apesar das dificuldades encontradas atualmente pelo sindicalismo nacional serve de estímulo aos bancários que continuam sendo uma categoria importante no cenário brasileiro e, conforme consulta a fontes traz um certo orgulho aos mesmos. Dentro dessa perspectiva vale ressaltar as palavras dos sindicalistas que afirmam que cresceram muito profissionalmente, os sindicalistas Alcione Cristiano Macedo, Renato Ribinski, Silvano Simões Rocha, assim como outros nos falam, em seus depoimentos acerca da importância da militância no sindicato, para suas vidas como um todo.

As tendências do movimento sindical bancário atualmente passam pela análise da automação dos bancos, e a dinâmica acelerada da economia de serviços que é apoiada na tecnologia que enxuga posto de trabalho, mas, se o quadro não é animador, também é verdade que há uma geração disposta á luta pelos direitos de sua categoria, como é o caso do Sindicato de Bancários de Guarapuava que, saindo de uma pequena associação

de profissionais, tornou-se um dos mais significativos sindicatos da região, pois se estruturou, reorganizou-se administrativamente, lutou pela categoria e mesmo no influxo das lutas sindicais atualmente enfrentadas, permanece firme como um esteio.

FONTES DOCUMENTAIS

- 1) ARQUIVO do Sindicato dos Empregados nos Estabelecimentos Bancários de Guarapuava e Região. Material consultado: livro de associados. Livro de atas de posses das diretorias, livro de atas de paralisações e greves, Estatuto do Sindicato e da Associação de Bancários, correspondências internas e externas, informativos: *O Bancário, FEEB Paraná, O Trabalho*. Enciclopédia Sindical Brasileira, estatuto da Associação profissional dos empregados em estabelecimentos bancários de Guarapuava.
- 2) ARQUIVO Histórico da Unicentro – Material Consultado; Jornal Esquema Oeste 1978 a 1981.
- 3) ARQUIVO Pessoal Sr. Silvano Simões Rocha – Material consultado: Informativo CNB/CUT, CUT escola SUL, manual de organização no local de trabalho do sindicato de Bancários de Recife.
- 4) ARQUIVO público do Paraná – material consultado – Pastas 507-A e 507-B-T56, do DOPS.
- 5) ARQUIVO biblioteca pública de Guarapuava – material consultado: jornal Esquema Oeste.

ENTREVISTAS

Alcione Cristiano Macedo – Guarapuava – 16 de janeiro 2007;
 Carlos Norberto Marcondes – Guarapuava – 17 janeiro de 2007;
 Luiz Carlos Valori – Guarapuava – 17 de janeiro de 2007;
 Silvano Simões Rocha – Guarapuava – 18 de janeiro de 2007.
 Renato Ribinski – Guarapuava - 31 de março de 2007;
 Antonio Carlos Nascimento – Guarapuava – 12 de abril de 2007;
 Sebastião Aldori – Guarapuava – 14 de abril de 2007.
 Renoh Pereira Schier – Cantagalo – 13.06.2007.

Siglas:

Fenaban – Federação Nacional de Bancos
 Febraban – Federação Brasileira de Bancos
 PT – Partido dos Trabalhadores
 PDT – Partido Democrático Trabalhista
 PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
 PCB - Partido Comunista Brasileiro
 PC do B – Partido Comunista do Brasil
 PDS – Partido Democrático Social
 CUT – Central Única dos Trabalhadores
 FEEB – Federação Estadual de Bancários do Paraná
 CPD – Centro de Processamento de Dados
 CEBS – Comunidades Eclesiais de Base
 Conclat – Conferencia Nacional da Classe trabalhadora

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ALBUQUERQUE, Marli Brito Moreira de. *Trabalho e conflito no porto do Rio de Janeiro, 1904-1920*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993. Dissertação de mestrado.
- ANTUNES, Ricardo. *O novo sindicalismo no Brasil*. 2ª ed. Revisada e ampliada. Campinas, Sp: Pontes, 1995.
- ANTUNES, Ricardo (org), BEYNON, Huw, RAMALHO, José Ricardo, RODRIGUES, Iram. *Neoliberalismo, trabalho e sindicatos: Reestruturação produtiva no Brasil e na Inglaterra*. 3ª ed. São Paulo: 1997.
- ANTUNES, Ricardo. *O sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo. Boitempo, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 7ª ed. rev. Ampl. São Paulo: Cortez : Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- ARAUJO, Ângela Maria Carneiro, CARTONI, Daniela Maria e JUSTO, Carolina Raquel D. Mello. *Reestruturação Produtiva e Negociação coletiva: a experiência recente dos sindicatos dos metalúrgicos, dos químicos e dos bancários de campinas*. Trabalho apresentado no XXIII Encontro Anual da ANPOCS / GT Sindicalismo e Política. Caxambu – MG, 1999.
- ARAUJO, Maria Celina Soares D'. *Sindicatos Carisma e poder: o PTB 1945-65*. Rio de Janeiro. Fundação Getulio Vargas, 1996.
- BANDEIRA, Moniz. *O Governo João Goulart e as lutas sociais no Brasil (1961 a 1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- BATALHA, Wilson de Souza Campos, 1917. *Sindicatos, sindicalismo*. São Paulo: LTr, 1992.
- BIELER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana S/C, 1990.

- BLASS, Leila M. S. *Estamos em Greve: Imagens, Gestos e Palavras do Movimento dos Bancários*. 1ª ed. São Paulo Hucitec, 1992.
- BOITO JUNIOR, A. *O sindicalismo de Estado no Brasil: uma análise da estrutura sindical*. Campinas: UNICAMP, 1991.
- BURKE, Peter. *A escrita da Nova história*. trad. Magda Lopes, São Paulo, Editora da Universidade Paulista, 1992. p. 7-37.
- CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios e metodologia*. Rio de Janeiro; Elsevier 1997, 13 ed.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Os métodos da história*. Rio de Janeiro, edições Graal, 1983, 3 ed. p. 260-347.
- CALDEIRA, Tereza. *A política dos outros*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CAMARGO, Aspásia. apud OLIVEIRA, C. A. de. *Quem é do mar não enjoa: os estivadores de Rio Grande nos anos 60*. Assis, SP, 1995.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Autoritarismo afetivo: A Prússia como sentimento*. São Paulo: editora escuta. 2005.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CANÊDO, L. B. *A classe operária vai ao sindicato*. São Paulo: Contexto, 1988.
- CATANI, A.D. *Sindicalismo : ação - reflexão*. Caxias do Sul : EDUCS, 1990.
- COCCO, Giuseppe. *Trabalho e cidadania: produção e direitos na era da globalização*. Cortez, 2000.
- COSTA, Fernando. *Centrais sindicais e sindicatos no Brasil dos anos 90: o caso Niterói*. Niterói: EduFF, 2002.
- COSTA, Hélio. *Em busca da memória: comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra*. São Paulo: Página Aberta, 1995.
- COSTA, Hélio & SILVA, Fernando Teixeira da. *Trabalhadores urbanos e o populismo: um balanço dos estudos recentes*. IN: FERREIRA, Jorge. (org.) *O populismo e sua história: debate e crítica*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001.
- CRUZ, Maria Cecília Velasco. *Portos, relações de produção e sindicatos: o caso do Rio de Janeiro na Primeira República*. Rio de Janeiro: Cortez, 1986.

- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Comando Geral dos Trabalhadores no Brasil 1961-1964*. 2ª ed. Petrópolis, editora Vozes, 1986.
- DONKIN, Richard. *Sangue Suor e Lágrimas – a evolução do trabalho*. São Paulo, M. Books do Brasil Editora Ltda, 2003.
- FERREIRA, J. (org). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FERREIRA, J. *Trabalhadores do Brasil: o imaginário popular*. Rio de Janeiro : Fundação Getulio Vargas, 1997.
- FERREIRA, J. e Lucilia de Almeida Neves Delgado (org). *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil militar de 1964*. Rio de Janeiro : Fundação civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano) vol. 3.
- FERREIRA, J. e Lucilia de Almeida Neves Delgado (org). *O tempo da ditadura no Brasil: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro : Fundação civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano) vol. 4.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *Entre-vistas: abordagens e usos da História Oral*. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1994a.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa operária no Brasil*. São Paulo : Ática, 1988.
- FORTES, A. & Outros. *Na luta por direitos: estudos recentes em História Social do Trabalho*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.
- FREDERICO, Celso (Org.). *A Esquerda e o Movimento Operário 1964-1985*. v. 1. São Paulo : Novos Rumos, 1987.
- GANDRA, Edgar Ávila. *O cais da resistência: a trajetória do sindicato dos trabalhadores nos serviços portuários de Rio Grande no período de 1959 a 1969*. Cruz Alta, UNICRUZ, 1999.
- GIANOTTI, Vito 1943. *História das lutas dos trabalhadores no Brasil*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- GOMES, A. de C. *O populismo e as Ciências Sociais no Brasil*. O Tempo. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 1996.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: as ilusões perdidas à luta armada*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

- HOBBSAWM, Eric J. *Os trabalhadores*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2000.
- _____. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2000.
- IANNI, O. *O colapso do populismo no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1986.
- IANNI, O. *A formação do estado populista na América Latina*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- JINKINGS, Nise. *O Mister de Fazer Dinheiro: Automatização e Subjetividade no Trabalho Bancário*. São Paulo: BoiTempo , 1995.
- LACOUTURE, Jean. *A História imediata*. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. (dir.) *A Nova História*. Coimbra: Livraria Almedina, 1978.
- LOPEZ, André Porto Ancona. *Documento e história*, IN: MALERBA, Jurandir(org) *A velha história: teoria, método e historiografia*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- MARCONDE, Gracita Gruber. *Guarapuava: história de luta e trabalho*. Guarapuava: gráfica da Unicentro, 1998.
- MARTINS, Heloísa H. T. de S. *O Estado e a burocratização do sindicato no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1979.
- MARTINS, Milton. *Sindicalismo e relações trabalhistas*. 3ª ed. rev. ampl. e atual. São Paulo: LTr, 1991.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *Novos e velhos sindicalismos no Rio de Janeiro (1988-1995)*. Rio de Janeiro: Vício de leitura, 1998.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *O Sindicalismo após 1930*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- MEIHY, José Carlos Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: cultura revisada*. São Paulo: Contexto, 1992.
- NOGUEIRA, Arnaldo José França Mazzei. *A liberdade desfigurada: A trajetória do sindicalismo no Setor Público*. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- PEREIRA, Celso. (coord). *Memória, imaginário e representações sociais*. Rio de janeiro: Museu da República, 2005.
- PETERSEN, Silvia. *Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira*. (Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História). Porto Alegre : UFRGS, n.3, maio.1995.

- SANTANA, Marco Aurélio. *Homens Partidos: Comunistas e sindicatos no Brasil*. Rio de Janeiro. Boitempo. 2001.
- SILVA, Fernando Teixeira da. *A carga e a culpa: os operários das docas de Santos – direitos e cultura de solidariedade 1937 – 1968*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- SILVA, Fernando Teixeira & COSTA, Hélio da. *Trabalhadores urbanos e populismo: um balanço dos estudos recentes*. In FERREIRA, Jorge (org). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- SOARES, Alex e outros. *Enciclopédia Histórica e auto Biográfica do Sindicalismo Brasileiro*. Pampas editora e Jornalismo Ltda. Curitiba – Pr . 1991.
- REMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ,1996.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992
- THOMPSON. E. P. *A economia moral da multidão inglesa no século XVIII*. Costume em comum. São Paulo, Cia das letras, 1998, p. 150-202.
- _____ *A formação da classe operaria Inglesa: A árvore de liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1987.
- _____ *As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas – Sp. Editora da Unicamp, 2001.
- WEFFORT, Francisco. *Populismo na política brasileira*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- WEFFORT, F., *Origens do sindicalismo populista no Brasil (a conjuntura do pós-guerra)*. Estudos CEBRAP (4): 71, 19734. São Paulo.
- WEFFORT, Francisco. *Democracia e movimento operário: algumas questões para a história do período (1945-1964)*. Revista de Cultura Contemporânea, São Paulo: CEDEC, 1978.

FICHA ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

Assunto: movimento sindical em Guarapuava

Data: _____ Local: _____ Horário: _____

Nome: _____ trabalha: _____

O Sr. É originário de onde: _____

Sua família é de: _____ Sua
formação: _____

- 1) Como era a situação dos bancários antes do sindicato em Guarapuava?
 - Como era a organização em defesa dos direitos?
 - Havia contato entre os trabalhadores de vários bancos?
 - Havia repressão junto aos trabalhadores bancários?
- 2) Como surgiu a idéia de se montar um sindicato de bancários em Guarapuava?
 - Quais foram as principais lideranças desse movimento?
 - Havia partidarização?
 - Houve bancários contrários a montar um sindicato?
 - Como foi a pressão dos patrões?
- 3) como foi estruturado o sindicato?
 - Como conseguiram se sindicalizar?
 - Quantos aderiram ao sindicato no inicio?
 - O que representava se sindicalizar?
 - Havia vantagens?
- 4) Como eram as relações internas no sindicato?
 - Havia rixas/lutas? Porque ocorriam?
 - Como funcionava a estrutura?
 - Como eram organizadas as ações sindicais?
- 5) Como eram as relações externas do sindicato?
 - Com outro sindicato
 - Com o poder publico
 - Com a imprensa
 - Com os patrões
 - Com os políticos
- 6) O que representa o sindicato para você?

FICHA PERFIL ENTREVISTADO:

Nome : Alcione Cristiano Macedo

Idade: 52 anos

Naturalidade: Guarapuava.

Origem Familiar : de Guarapuava

Formação a época : Segundo Grau

Formação atual: terceiro grau – Bacharel em Administração

Trabalhou e trabalha no antigo Banco Bamerindus atual HSBC

Ingressou no movimento sindical na década de 1980.

Não fazia parte de partido político, porém sua formação de liderança esta vinculada a círculos da igreja católica.

Boa capacidade de articulação e liderança, mantinha bom relacionamento conhecedor da burocracia sindical.

Bem articulado junto a Federação dos Bancários do Paraná, foi elemento chave nas negociações do sindicato quando da aproximação com a CUT.

Foi vice-presidente da (FEEB) Federação Estadual de Bancários do Paraná em 1990.

Continua no movimento sindical, sendo atualmente presidente do Sindicato

Mantém relacionamento com grupos políticos religiosos locais vinculados à igreja católica.

Mobilizou militância no apoio aos candidatos de esquerda na eleição de 1989.

Foi candidato a vereador em 1996 e 2000 pelo PSB – Partido Socialista Brasileiro.

FICHA PERFIL ENTREVISTADO:

Nome : Carlos Norberto Marcondes.

Idade: 55 anos

Naturalidade: Guarapuava.

Origem Familiar : de Guarapuava

Formação: terceiro Grau Bacharel em Administração

Trabalhou no Banco do Brasil S.A.

Ingressou no movimento sindical na década de 1980

Fez parte do movimento estudantil de Guarapuava.

Foi preso pelo regime militar.

Ingressou Banco do Brasil em 1972 e 1981

Foi fundador do PT (Partido dos Trabalhadores) em Guarapuava

Articulador movimentos paredistas

Homem da CUT junto ao sindicato.

Foi dirigente sindical em disponibilidade.

Mobilizou militância no apoio aos candidatos de esquerda (Lula e Brizola) na eleição de 1989

Concorreu a Prefeitura de Guarapuava pelo PT em 1988

Deixou movimento sindical em 1995

Ingressou no ensino superior – Unicentro 1981

Fez parte de assessorias junto ao Reitor

Mantém relacionamento com grupos políticos ligados ao PT.

Atualmente ministra aulas na Universidade.

FICHA PERFIL ENTREVISTADO:

Nome : Luiz Carlos Valori

Naturalidade: Curitiba.

Origem Familiar : Curitiba

Formação na época sindicato: segundo Grau

Formação atual: Cursando terceiro grau em Ciências econômicas

Ingressou no movimento sindical na década de 1980

Banco em que trabalhava: CEF – Caixa Econômica Federal

Fizeram parte do movimento de CBES – comunidades eclesiais de base em Curitiba.

Militante convicto lutou pela transformação dos economiários da CEF em Bancários.

Articulador dos movimentos paredistas.

Filiado ao PT (partido dos Trabalhadores em Guarapuava). Militante convicto

Junto com Carlos Norberto (Carlinhos) é o outro homem da CUT no sindicato.

Deixou movimento em no final da década de 1990.

Mantêm relacionamento com grupos políticos ligados ao PT.

FICHA PERFIL ENTREVISTADO:

Nome : Silvano Simões Rocha

Naturalidade: Guarapuava.

Origem Familiar : de Guarapuava

Formação: terceiro Grau Bacharel em Administração

Trabalhava no Banco Bradesco

Ingressou no movimento sindical na década de 1980

Não fazia parte de partido político, porém, simpatiza com bandeiras defendidas pelo PDT. Partido Democrático Trabalhista.

Boa capacidade de articulação e liderança mantinha bom relacionamento com autoridades constituídas.

Junto com Renoh, Aldori e Cristiano foi o artífice da reorganização do sindicato.

Foi juiz vogal por dois mandatos.

Era ligado a FEEB (Federação de Bancários do Estado do Paraná)

Deixou movimento em no final da década de 1990.

Entrou para o ensino superior, - Universidade estadual centro oeste.
Foi pró-reitor de Recursos humanos

Mantêm relacionamento com grupos políticos ligados ao PDT.

Mobilizou militância no apoio aos candidatos de esquerda na eleição de 1989

Atualmente dirige uma instituição de ensino superior privada.
Professor da Administração na Unicentro.

FICHA PERFIL ENTREVISTADO:

Nome : Renato Ribinski

Naturalidade: Guarapuava.

Origem Familiar : Pai – cidade da Lapa (Pr) Mãe cidade Prudentópolis (Pr)

Formação na época: cursando terceiro grau

Formação Atual: terceiro Grau Bacharel em Administração, Pós Graduado em gestão empresarial

Trabalhava no Banco Bradesco

Ingressou no movimento sindical na década de 1984, fez parte da primeira diretoria.

Não fazia parte de partido político, porem era simpatizante do PMDB - (Partido do Movimento Democrático Brasileiro).

Boa capacidade de articulação e liderança, principal articulador de movimentos paredistas junto a funcionários do Banco Bradesco.

Junto com Silvano Simões Rocha sera elemento chave no processo de filiação de bancários.

Deixou movimento em na metade da década de 1985.

Atualmente empresário na área de recrutamento e seleção de pessoas, e professor de ensino superior.

FICHA PERFIL ENTREVISTADO:

Nome : Carlos Alberto Nascimento

Idade: 43 anos

Naturalidade: Guarapuava.

Origem Familiar : de Guarapuava

Formação: segundo Grau

Formação Atual - Cursando bacharelado em Administração

Trabalhava no Banco Bamerindus do Brasil – Chefe do CPD (Centro de Processamento de Dados).

Formação de liderança foi forjada junto aos círculos da Igreja católica: pastorais da criança e do adolescente e movimentos sociais, e continua ligado a esses movimentos.

Ingressou no movimento sindical na década de 1980

Filiado ao PT- militante ideológico – era homem do partido no sindicato que apresentava viés social e ideológico.

Boa capacidade de articulação e liderança, boa capacidade de negociação e planejamento.

Junto com junto Silvano Simões Rocha, Renoh Pereira Schier e Alcione Cristiano Macedo, foi o artífice da reorganização do sindicato e da articulação de movimentos paredistas..

Mantinha bom contato com a FEEB (Federação de Bancários do Estado do Paraná)

Deixou movimento em no final da década de 1989.

Junto com demais foi um dos principais articuladores da militância bancaria no apoio aos candidatos de esquerda na eleição de 1989

FICHA PERFIL ENTREVISTADO:

Nome : Sebastião Aldori da Silva

53 anos

Naturalidade: Chopinzinho - Pr

Origem Familiar : Lajes - Sc

Formação a época: segundo grau, cursando terceiro grau

Formação Atual : Licenciado em História

Trabalhava no Banco Bamerindus do Brasil, atual HSBC

Ingressou no movimento sindical na década de 1980

Tinha contato com Sindicatos de Curitiba, onde aprendeu a prática sindical.

Era filiado ao PDS (Partido Democrata Social), pelo qual concorreu à vaga de vereador em 1982, porém era simpatizante do PDT – Partido Democrático Trabalhista.

Boa capacidade de articulação e liderança.

Junto com Renoh, Aldori e Cristiano foi o artífice da reorganização do sindicato sendo considerado o homem da Ação.

Era ligado a FEEB (Federação de Bancários do Estado do Paraná), onde fez parte da Diretoria da entidade.

Deixou movimento em no final da década de 1991.

Mobilizou militância no apoio aos candidatos de esquerda na eleição de 1989.

Atualmente é empresário do setor de autopeças e agropecuarista no município de Turvo - Pr

FICHA PERFIL ENTREVISTADO:

Nome : Renoh Pereira Schier

Idade: 52 anos

Naturalidade: São Mateus do Sul - Pr.

Origem Familiar : São Mateus do Sul – Pr

Formação a época : Segundo Grau

Trabalhou Unibanco

Ingressou no movimento sindical no final da década de 1970.

Não fazia parte de partido político.

Boa capacidade de articulação e liderança, mantinha contato estreito com a Federação de Bancários do Paraná (FEEB)

Foi conselheiro do conselho Fiscal da (FEEB) Federação Estadual de Bancários do Paraná em 1987.

Foi empresário do setor imobiliário

Atualmente está aposentado.

Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO
Campus Universitário de Guarapuava

Rua: Presidente Zacarias, 875 - Cx. postal 730 Fone(42)3621-1000-Fax 3621-1090 CEP 85015-450 Guarapuava-Pr

Guarapuava, 25 de Maio de 2007.

Ofício nº 07/2007 -DEHIS

Prezado Senhor,

Para subsidiar o trabalho de pesquisa acadêmica sobre Sindicato dos Bancários de Guarapuava, que esta sendo desenvolvido pelo Prof Paulo Sérgio Syritiuk, junto ao programa de Mestrado da Universidade Federal Fluminense UFF, em Niterói (RJ), viemos solicitar junto a Prefeitura Municipal de Guarapuava, a informação de quais as instituições bancárias, que operavam em Guarapuava, nos anos compreendidos entre 1978 a 1990. Cremos que tais informações podem se levantadas junto aos arquivos de alvarás, mantidos por essa instituição.

Atenciosamente,

Sub-chefe do Departamento de História
Port nº 340/07-GR-UNICENTRO

PARA:
Prefeitura Municipal de Guarapuava
Secretária de Administração e Finanças
limo Sr. Secretário Leocádio Pupo.

Processos

RELAÇÃO DE INSTITUIÇÕES BANCARIAS NO PERÍODO DE 1978 à 1990

BANCO BRADESCO S/A
BANCO ITAU S/A
BANCO DO BRASIL S/A
UNIÃO DE BANCOS DE BRASILEIROS
CAIXA ECONOMICA FEDERAL
BANCO BAMERINDUS DO BRASIL S/A
BANCO DO ESTADO DO PARANÁ
BANCO SUL BRASILEIRO
BANCO BANDEIRANTES S/A
BANCO NACIONAL S/A
BANCO NOROESTE S/A
BANCO MERIDIONAL DO BRASIL
BANCO REAL S/A
BANCO MERCANTIL DO BRASIL S/A

PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARAPUAVA